

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA - PPGTE**

GUIOSEPPHE SANDRI MARQUES

**CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DO TRABALHO EM CRÔNICAS DA
VIDA OPERÁRIA DE RONIWALTER JATOBÁ**

DISSERTAÇÃO

**CURITIBA
2015**

GUIOSEPPHE SANDRI MARQUES

**CONTRUÇÕES DISCURSIVAS DO TRABALHO EM CRÔNICAS DA
VIDA OPERÁRIA DE RONIWALTER JATOBÁ**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Tecnologia, do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Área de Concentração: Tecnologia e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Angela Maria Rubel Fanini.

CURITIBA

2015

(...)
Quando não houver mais paciência, decência
Uma garrafa de angústia mereça
Pois não há vida sem uma resma de tristeza
Ponha num canto vazio se tiver utilidade
Poluições do passado, reflexo da idade
Felicidade se busca
O sistema ofusca nosso brilho natural
Esqueça o mal que o coração faz ao corpo, desgosto
Palavras que alteram o destino
O sofrimento do nordestino
Com a porta aberta, um alerta
É preciso que se conheça a origem dos ventos
Reconhecer e revelar talentos
O avesso da vida onde a escuridão habita
Saltar o abismo do cinismo
Diferenciar o bonito do feio, o amor alheio
O espírito que está em nosso meio (...)

Ritmo e poesia, Face da morte. Álbum: O crime do raciocínio, 1999.

DEDICATÓRIA

Às cores vivas do amanhecer e às saudades sentidas no anoitecer.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos que me prejudicaram, e por quê? De fato, fui obrigado a acreditar que a capacidade de mudança – de ambos os lados! – existe e, em alguns casos, tal capacidade é tão forte e contagiante que chega ao ponto de dissolver qualquer pedra presente no peito. Quem se alegra com ritmos e batidas sabe o que significa compartilhar o prazer de um abraço forte e duradouro.

Com grande intensidade e amor, agradeço a todos de minha família: pais, irmãos, tios, avós, primos e mais alguns que não vejo com tanta frequência.

Com grande carinho e respeito, agradeço à professora Doutora Angela Maria Rubel Fanini. Para além de uma relação contratual e produtivista, penso que o maior papel de uma orientação é o despertar coletivamente para a *reflexão*, sendo esta portadora da dúvida, da crítica, do impasse, da solidariedade e das utopias. Enfim, mais que decorar e aplicar teorias, receitas culinárias e metodologias, acredito que uma pesquisa é sempre um posicionamento público e axiológico, ou seja, não há como se esconder na suposta neutralidade acadêmica.

Com grande admiração e respeito, agradeço ao professor Doutor Ulf Gregor Baranow. Por enquanto, muitas coisas que aprendi contigo não tiveram o devido despertar. Mas tudo bem, acredito viver um pouco mais.

Agradeço aos membros da banca examinadora, professor Doutor Mario Lopes Amorin, professor Doutor Jean Carlos Gonçalves e professor Doutor Wilton Fred Cardoso de Oliveira, pela disponibilidade e atenção. Faço questão de enfatizar que as críticas, sugestões e contribuições estão presentes na pesquisa.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, que contribuiu financeiramente para o desenvolvimento da presente pesquisa.

Agradeço a todos os participantes (professores, alunos e funcionários) do PPGTE que me ajudaram de diversas maneiras durante os vinte e quatro meses que

lá estive.

Agora, agradeço especialmente aos amigos pesquisadores do Grupo de Pesquisa “Discursos Sobre Trabalho, Tecnologia e Identidades Nacionais”, Adriana Cabral, Carla Prado, Marcia Lopes, Marcio Bruneti, Vanessa Ribeiro e Erik Feitosa. Nunca é demais lembrar que os resultados da presente pesquisa não foram atingidos individualmente! Conversas, discussões, dúvidas e risadas preenchem muitas lacunas, inclusive as acadêmicas. Fica a dica!

Frederico Tavares de Mello Abdalla, Gustavo Jugend, Fabricio Ribeiro Peixoto, Alessandro “Coquinho”, Oilson Alves – Will, Cassiano “Miau”, Jhonnatan Porto, Alessander Von Wagner – Inri, Karla Babinski, Fernanda Minetto, Camille Bolson, Andressa Garces Salem, Marina. G. J. e Winay. Vocês não foram esquecidos, por enquanto. Risos de lado! Peço desculpas aos que não constam aqui.

Agradeço também ao professor Doutor José Roberto Braga Portella. Atentar-se às disputas internas de um Departamento Acadêmico ajuda a entender melhor o peso impositivo do “paradigma”.

Por fim, agradeço a todos aqueles, que por motivos diversos, não estão mais aqui: não é fácil envelhecer longe de amigos que só me viram jovem. Às vezes, a bela fase da juventude – dentro de um corte de classe social – é meio entendida como rebeldia superável, coisa de moleque que questiona a absurdez do óbvio. Deve ser muito fácil defender esses preconceitos quando se tem a oportunidade de passar a fase da “rebeldia superável” longe da criminalidade promovida pelo Estado, pelas classes dominantes e afins. Bem-aventurados os que têm sede de alegria e rebeldia!

Um salve a todos os jovens de periferia que se foram, seja por rebeldia, por falta de perspectivas, por esquecimento e por aí se vai memória a dentro.

RESUMO

MARQUES, Guiosepphe Sandri. **Construções discursivas do trabalho em Crônicas da vida operária de Roniwalter Jatobá**. 2015. 102f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

A presente pesquisa analisa as construções discursivas do trabalho em quatro contos de Roniwalter Jatobá (1979) na obra *Crônicas da vida operária*: “A mão esquerda”; “Alojamento”; “O pano vermelho”; “Trabalhadores”. Roniwalter Jatobá constrói uma visão de trabalho crítica em relação ao trabalhador migrante que não se adapta e não se realiza na grande São Paulo das décadas de 1960 e 1970. Interpretar e problematizar a visão de trabalho em Jatobá é o objetivo da presente pesquisa. Para tanto, parte-se aqui de uma abordagem interdisciplinar que leva em conta as áreas da Literatura, da História Social, da Sociologia e da Filosofia da linguagem. A discussão em torno da linguagem e do trabalho como constitutivos do ser social leva em consideração as contribuições de um conjunto de autores que problematiza o que é a linguagem e o trabalho respectivamente. No campo da linguagem, as contribuições de Bakhtin (2003) e Bakhtin/Voloshinov (2004) ajudam a refletir criticamente acerca da construção sócio-ideológica da consciência e das relações dialógicas presentes em qualquer construção discursiva, seja no trabalho e no trabalhador, nas teorias explicativas que tratam do ser social e da sociedade contemporânea. No campo do trabalho, as contribuições de Marx (2013), Lukács (2012; 2013), Engels (2013), Gorz (2007), Lafargue (1980) e Sennett (2006) ajudam a problematizar o que é o trabalho e sua importância para os dias atuais. A breve abordagem de alguns discursos sobre o trabalho no Brasil do século XX parte das contribuições da História Social do Trabalho, De Decca (1995), Fontes (2004), Mattos (2009) e Chalhoub (2012). O estudo do contexto de produção do discurso de Roniwalter Jatobá mais o conjunto de suas obras e a sua biografia foram imprescindíveis para a análise do *corpus* literário. A temática do trabalho em Jatobá, sob a ótica do discurso literário, traz um outro ponto de vista crítico a partir do próprio trabalhador migrante, e para isso o autor explora a singularidade desse trabalhador dentro de uma dimensão humana que se dá dentro e fora do trabalho, no local de origem e de destino, nos sonhos e frustrações alimentados pelo trabalhador migrante que não se realiza na grande São Paulo. Dentro de uma perspectiva compromissada social e politicamente, conclui-se que a obra *Crônicas da vida operária* aponta para outras interpretações críticas do trabalho e do trabalhador urbano na grande São Paulo das décadas de 1960 e 1970.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Construções discursivas. Trabalho. Análise dialógica do discurso. Roniwalter Jatobá.

ABSTRACT

MARQUES, Guioseppe Sandri. **Discursive constructions of work in *Crônicas da vida operária* of Roniwalter Jatobá.** 2015. 102f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

This dissertation analyzes the discursive constructions on work in four tales of Roniwalter Jatobá (1979): “The Left hand”; “Accommodation”; “The red cloth”; “Workers “. Jatobá creates a critical vision of work in relation to migrant workers unsuitable in São Paulo during the 1960s and 1970s. Interpret and discuss the work of vision in Jatobá is the objective of the dissertation. This dissertation part of a multidisciplinary perspective of Literature, Sociology, Social History and Philosophy of language. The discussion on the language and work as constitutive of the social considers the contributions of several authors that question what is the work and the language. In the area of language, the contributions of Bakhtin/Voloshinov (2004) help think critically about the social and ideological construction of the existing awareness and dialogical relations in any discursive construction. In the area of work, the contributions of Marx (2013), Lukács (2012; 2013), Engels (2013), Gorz (2007), Lafargue (1980) and Sennett (2006) help to question what is the work and its importance for today. The brief discussion of some of the discourses in the work of the twentieth century Brazil comes from the Social Work History, De Decca (1995), Fontes (2004), Mattos (2009) e Chalhoub (2012). The study Roniwalter Jatoba speech context more the set of his works and his biography were essential for the analysis of literary corpus. The subject of the work, from the perspective of literary discourse, brings another critical point of view from the migrant worker himself. For this, Jatoba explores the worker's uniqueness in its human dimension in and out of work, the place of origin and destination, in dreams and frustrations created by the migrant worker unsuitable in São Paulo. In a social perspective and politically committed, it is concluded that *Crônicas da vida operária* allows other critical interpretations of the work and the urban worker in São Paulo of the 1960s and 1970s.

Keywords: Brazilian Literature. Discursive constructions. Work. Dialogical discourse analysis. Roniwalter Jatobá.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 CENTRALIDADE DA LINGUAGEM.....	23
1.1 FILOSOFIA MATERIALISTA DA LINGUAGEM.....	23
1.2 ORIENTAÇÃO DIALÓGICA.....	29
2 DISCURSOS SOBRE O TRABALHO.....	32
2.1 BREVE CONTEXTO DOS DISCURSOS SOBRE O TRABALHO.....	32
2.2 MARX, ENGELS E LAFARGUE.....	36
2.3 DISCURSOS SOBRE O TRABALHO NO BRASIL.....	40
3 CENTRALIDADE ONTOLÓGICA DO TRABALHO.....	45
3.1 TRABALHO ONTOLÓGICO: MARX E ENGELS.....	45
3.2 TRABALHO ONTOLÓGICO: G. LUKÁCS.....	47
3.3 CRÍTICAS À CONCEPÇÃO ONTOLÓGICA DO TRABALHO E À SOCIEDADE DO TRABALHO.....	49
4 CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DO TRABALHO EM JATOBÁ.....	57
4.1 RONIWALTER JATOBÁ: BIOGRAFIA E OBRAS.....	57
4.2 CRÔNICAS DA VIDA OPERÁRIA.....	62
4.3 O TRABALHADOR INDIVIDUALIZADO.....	68
4.4 O TRABALHADOR MIGRANTE.....	82
4.5 SAUDOSISMO E CRÍTICA.....	87
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
6 REFERÊNCIAS.....	98

1 INTRODUÇÃO

A história tem um sentido? Sentido no sentido de direção que aponta a um *telos*. É assim que o filósofo italiano Remo Bodei começa um de seus livros (BODEI, 2001). Não se pretende aqui embarcar nas mesmas reflexões filosóficas de Bodei, mas algumas apropriações acontecerão, e em certa medida tais apropriações vão também ensaiar algumas possíveis respostas. A crença de que a história tem um sentido, seja por raciocínio ou por fé, alimenta aqui indagações acerca do caminho, dos sentidos, da orientação. Junto do caminho contínuo há também um caminho já percorrido – cheio de discursos a serem contados e ouvidos –, e como os sentidos são vários, talvez se possa dizer que o caminho percorrido nem sempre fica lá atrás, como se fosse algo esquecido, superado, enterrado. Do antes ao “será” existem vários sentidos.

Dentro de um espaço e tempo existe um caminho a ser percorrido, e talvez o maior objetivo do caminhante seja a simples caminhada contínua, que às vezes é um pouco sofrida. Essa caminhada contínua¹, que não é linear, progressiva, necessita de uma sustentação, de um equilíbrio e de uma “orientação” capaz de garantir a reflexão. Pode-se dizer que sugestões, críticas e elogios expressam o carinho e o respeito não só presentes em uma relação de amizade, mas também presentes em qualquer relação pedagógica – as valiosas contribuições de Paulo Freire nunca dissociaram o ato educativo da postura ética e da emancipação humana (FREIRE, 1999; 2013).

Em busca de sentidos. A orientação em questão é dinâmica, tem vários sentidos, não cabe somente em um dicionário, em um “contrato”, em um único sentido. A orientação é intersubjetiva, habita um caminho cheio de sentidos, ela é um posicionamento axiológico frente ao mundo, ao outro. Nela, no mínimo duas pessoas se encontram com suas singularidades e sentidos, e as relações daí advindas podem lançar luzes e novos olhares a temas, objetos, verdades. Mas a orientação que lida com o outro lida também com a resistência do outro: a reflexão acompanha a orientação, o respeito prevalece. Os sentidos de direção conduzem a caminhada contínua, são necessários à orientação. A orientação é uma via de mão dupla, onde bifurcações podem aparecer – talvez mudam-se os sentidos, as

¹ Aqui, o caminho só é contínuo porque pode continuar seu curso tanto para frente quanto para atrás, e para os lados também, depende muito, mas não unicamente, dos sentidos atribuídos.

reflexões tendem a aumentar, o respeito cresce, amadurece.

Mas em alguns casos onde *poder falar* é simplesmente *poder exercer* ou o contrário, orientação e reflexão nem sempre se encontram. Às vezes e geralmente fora da academia – pensa-se aqui na potência da “ideologia do cotidiano”² que também habita a academia – a atitude ingênua (que traz consigo uma espécie de reflexão confusa, assistemática, meio curiosa e ingênua) pode questionar a orientação e o caminho até então percorrido: a caminhada contínua, que conta com avanços e recuos, esconde diversos desafios, resistências internas e externas, contudo, o respeito não desaparece. No meio de diversos sentidos, nas idas e vindas, alguns conflitos podem aparecer, e a caminhada continua a crescer e crescer rumo a várias direções. O respeito e o simples silêncio interrogativo que fala com um simples olhar encontram-se expressados no rosto que tudo ouve com seus olhos verdes, azuis, escuros, claros, molhados, tanto faz, pois é a visão que importa e muda.

Diz-se por aí que uma pessoa conservadora e comedida é “careta”, mas pouco se diz sobre o que é e para que serve a “careta”. A “careta” é carregada de diversos sentidos de direção conforme os olhares e os gestos. Por isso que quando o rosto guiado pelos olhos ouve demais e as mãos falam demais – geralmente com o dedo indicador – descobre-se aí outra forma de linguagem corporal poder(osa). Orientar-se no meio de diversas direções e reflexões, na maioria das vezes antagônicas, ainda é o caminho talvez mais desejado para a transformação social. Acredita-se aqui que não há bagagem de leitura (por exemplo, uns noventa livros ou mais) capaz de polir uma mente que se expressa somente pela vaidade erudita.

Quantas vezes são envolvidas no “simples” ato de orientação e reflexão? Mesmo com muita reflexão e orientação, ainda assim se é difícil precisar e seguir o sentido supostamente correto.

POR QUE MUITOS DISCURSOS?

² Termo chave na teoria bakhtiniana que aparece de modo explícito no decorrer de sua obra quanto de forma latente e fundante uma vez que para o teórico russo as palavras, as enunciações, os enunciados nascem, vivem, digladiam-se, entram em acordo na vida concreta, empírica, a partir dos sujeitos no seu processo contínuo e ininterrupto de comunicação e diálogo. Eis aí a importância da “ideologia do cotidiano” que habita cada ato discursivo e funda uma perspectiva não idealista da linguagem que é advogada pelo pensador. É nessa acepção ampla que o termo é mobilizado nesta dissertação.

Ninguém se orienta e reflete sem partir de um antes, de um já dito e refletido (BAKHTIN, 1993), a não ser, talvez, o “Adão mítico” em um mundo uno onde não há embates, antagonismos e lutas entre os sujeitos, as classes, os clãs. Os enunciados, desde a proferição de uma única palavra até os grandes tratados, estão carregados de relações dialógicas, visto estarem na corrente ininterrupta da comunicação e ação humanas. Não há como se encerrar ou petrificar por muito tempo este universo sócio-linguístico, ideológico, como se fosse um simples fóssil. Mas o extremo ou a ausência de verdades históricas não resolve também. O posicionamento axiológico acompanha tudo isso.

“Escolhemos dentro de alternativas”, ouve-se por aí, aqui e acolá, indiscriminadamente. Enunciados sem referente, porém, muito atraentes, convincentes. Algumas “alternativas escolhidas” se repetem tanto que chegam a invalidar a própria escolha: escolher para quê, se é sempre o mesmo que seduz? Talvez, esta seja a natureza do bom senso, do livre pensamento alimentado por alguns modismos efêmeros, um caminho aberto e harmonioso rumo ao consenso, total fechamento do outro que se insurge e ousa fazer um questionamento. O consenso já começou perdendo. As palavras do outro saíram do sufocante armário, ganharam a vida, estão por aí circulando, correndo e corroendo o consenso.

Consenso forçado ou induzido (a “opinião pública” abstrata e a concordância simplesmente por princípios) e monologismo são próximos, e em muitos casos se igualam. Desde a “ideologia do cotidiano” (a vida prática e corriqueira da comunicação discursiva) até às áreas ditas elaboradas do saber se pode encontrar a tentativa constante de fechamento da realidade, do silenciamento ou desqualificação da voz do outro: o monologismo e o individualismo levam às extremas a anulação do outro. Mas os sentidos reduzidos não são o suficiente para se obstruir o caminho contínuo.

Embora não se diga e em alguns casos é até mesmo inconsciente, há uma concepção de linguagem – que não se dissocia de uma visão de mundo – embutida no monologismo circulante do dia-a-dia. Esta concepção de linguagem reforça e reproduz uma perspectiva autoritária em que imperam as “forças centrípetas”³, donde se depreende a visão certa, a leitura e interpretação corretas, a sujeição de

³ Outro termo caro a Bakhtin que destaca o fluxo contínuo de forças “centrípetas” e “centrífugas” não só na linguagem como na história e na cultura dos homens, reforçando-se a ideia de luta contínua de posição e valores.

posicionamentos desviantes da norma. Neste caso, a “orientação” e a “reflexão”, seguindo outros posicionamentos axiológicos, ganham novos sentidos de direção e significado. Discursar a bel prazer ou curiosamente sobre algo pode ser um perigo, mas descrever a coisa objetivamente é quase sempre bem-vindo, aplaudido. É preciso esconjurar o acaso do discurso, é preciso domesticá-lo.

O ato de descrever os objetos “claramente” é possível e dotado de reflexão também. Não se pode acusar automaticamente tal praticante descritivo de justificador do *status quo*: acredita-se aqui que a reflexão, alimentada pelas vozes de outrem, tem a capacidade de gerar outra tomada de posição frente aos sentidos de caminho. Em menor ou maior grau, seja em uma disciplina A, B ou C ou na “ideologia do cotidiano”, muitos trazem consigo uma concepção de linguagem, mas disso não se conclui que existem sete bilhões de concepções de linguagem. As ideologias dominantes existem e têm uma audiência grande. A luta de classes, sobretudo, passa pelas palavras. Estas vão para a ação, sustentadas por poderosas instituições e arcabouço legal, prevalecendo o discurso e a prática de quem detém o poder político e econômico. Óbvio que as resistências existem, exercendo-se por “forças centrífugas” a todo tempo.

A suposta ausência de verdades⁴ não garante por si só o surgimento mágico do outro. Dependendo da relação de poder, a ausência de verdades vira a melhor arma ideológica de combate ao outro, pois ela pode encerrar uma argumentação – de forma extremamente infantil, porém, eficaz – apenas na negativa falsamente argumentativa, por exemplo, “*discordo do que tu falas porque não existe verdade alguma, e tu me estás oprimindo com estas verdades fabricadas*”. O “outro” supostamente oprimido ganha carta branca para anular a *priori* tudo o que o suposto opressor disser. Em outras palavras, o problema do monologismo de modo geral não se encerra na crença ou descrença na verdade, e sim na maneira em que se dá o embate dialógico: como lidamos com o contraditório? O que é o outro discordante para mim? Quais as implicações éticas e políticas deste embate?

Resumindo, a linguagem é como se fosse um largo caminho cheio de

⁴ O filósofo italiano Luigi Pareyson, partidário da tradição hermenêutica, denunciara há décadas os usos e abusos da “verdade” tanto pelo relativismo quanto pelo praxismo/tecnicismo que instrumentaliza a “verdade”. Embora os caminhos não sejam os mesmos, relativismo e praxismo/tecnicismo encontram-se juntos na tentativa de suprimir ou banalizar a “verdade” enquanto um campo de reflexão da filosofia, e com isso a própria filosofia é banalizada e desacredita também. As verdades são construídas historicamente, e a interpretação dessas verdades construídas exige uma reflexão filosófica. PAREYSON, Luigi. *Verdade e interpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 291p.

sentidos: para frente ou para trás; para esquerda ou para direita; para cima ou para baixo. Entretanto, alguns optam por um único sentido, e vão-se embora na linha reta do horizonte. Como se não bastasse, estes “alguns” deixam diários, relatando a importância de se ter um sentido único dentro de um vasto caminho. Não se sabe ao certo o que significa tudo isso por parte desses “alguns”, talvez seja o medo de não se chegar ao lugar desejado, de ser interpretado, de ser apropriado, de ser capturado.

DISCURSOS SOBRE O TRABALHO

O estudo dos discursos sobre o trabalho, principalmente no século XIX, traz à tona sujeitos coletivos reais, que lutavam e resistiam a todas as adversidades que a sociedade industrial do trabalho – assalariado – criava. Embates discursivos, agitações políticas, propostas alternativas de sociedade, ideologia burguesa do trabalho. Tudo isso aparece meio que disforme, sem continuidade, contudo, há um relativo fio condutor e vencedor, sim, que liga tudo isso: a exploração de uma classe sobre a outra e sua constituição como concepção de mundo: a ontologia liberal-burguesa. A esfera discursiva enquanto ato que reflete e refrata a realidade tem o seu peso como determinação social junto de outras determinações, por exemplo, a econômica, a cultural. Desse modo, discurso aqui é tomado em sua perspectiva materialista, ou seja, vincula-se às coisas, mas não as reproduz visto que é campo de lutas que estão a “dizer” essas coisas e dizem de formas diversas, vinculando-se ao contexto histórico e imediato, mas o transcende já que é prenhe de outros tempos e espaços, destacando-se a memória discursiva e é luta social em que gênero, etnia, classe, faixa etária, nacionalidade ali se identificam.

A noção de que o trabalho é um salto ontológico que possibilitou a passagem do ser meramente animal ao ser social (MARX, ENGELS e LUKÁCS) é de extrema relevância nesta pesquisa. Que o ser social ao transformar a natureza e a si próprio a partir do trabalho construiu também todo um complexo social, político e cultural é uma hipótese bastante potente que dá conta de explicar o trabalho ao longo da história e suas relações de exploração do homem pelo homem. Entretanto, o homem trabalha, mas também fala, escreve, disserta sobre o seu trabalho, a sua condição, constrói também identidades e expectativas sobre o trabalho: a produção simbólica seja do trabalho ou do mundo em geral parte de uma base material, cheia de

determinações, mas ela não se resume a reflexo da “infraestrutura”. A linguagem na constituição do ser social é de extrema importância assim como o trabalho, e a redução teórica de um no outro acaba dificultando o entendimento do ser social como um todo. Assim, nesta dissertação se compreende e se assevera que tanto o trabalho como a linguagem são fundantes do homem. A sociabilidade, a sobrevivência, a construção social se dão por intermédio de homens em comunicação e no trabalho e na vida.

Mas a ênfase de que o trabalho é também falado e discursado implica, em partes, a crítica do trabalho ontológico que constitui o ser social: a defesa do trabalho ontológico convive de que maneira com outras abordagens que tratam do ser social e do trabalho? Que o trabalho ontológico não nega a linguagem é fato, mas qual é o papel da linguagem nele? Como a ideologia liberal-burguesa se apropriou do trabalho ontológico?

Antes de tudo, se é necessário problematizar que não é a concepção do trabalho ontológico que amplamente circula por aí, e sim a do trabalho abstrato que produz a mais-valia. “Emprego”, “serviços”, “ocupação” e “profissão” são termos mais apropriados e mistificados para tratar do trabalho atualmente. *“É com a geração de mais e mais empregos que o Brasil vai crescer”*. *“É através da inclusão do jovem no mercado de trabalho que nós vamos garantir um futuro seguro a eles”*. Essas duas frases de efeito ditas e reditas por alguns chefes de Estado trazem consigo que tipo de trabalho está em questão e também o papel da linguagem para dotar de positividade o trabalho abstrato. Não se nega a inclusão do jovem no mercado de trabalho, mas quais são as consequências dessa inclusão? Esta inclusão cria uma identidade do jovem trabalhador em contraposição a que(m)? Quem não trabalha geralmente é mal visto, e os discursos do dia-a-dia alimentados por outros de longuíssima duração reforçam constantemente isso.

A ideologia burguesa do trabalho, abordada mais à frente, no segundo capítulo, soube há mais de dois séculos lidar com os discursos em torno de algo para recriar este algo à sua maneira: a justificação do trabalho assalariado como superior, universal e natural. Mesmo lidando com diversas resistências, porém gozando de grande êxito, o triunfo da ideologia burguesa do trabalho que reforça a propriedade privada e o lucro em tudo rumou a todas as esferas da vida: educação voltada exageradamente ao mercado de trabalho; “eficiência” e resultados na gestão pública; “filhos e educação como investimentos”; “consumo consciente e cidadão”; o

prazer como mais uma mercadoria à disposição etc.

E o trabalho tem algo a ver com tudo isso? O trabalho é marcadamente voltado ao consumo, inclusive a saída da “linha de pobreza”, que não dispensa o trabalho, mede-se pela renda de aproximadamente dois salários mínimos e pelo poder aquisitivo de mercadorias (televisão, geladeira, carro). Trabalho, salário, consumo, mercadoria, realização. Será que a sociedade “unidimensional” extrapolou as barreiras espacial e temporal? Se sim, acredita-se que a resistência veio de carona. De fato, o contexto atual tem suas especificidades no campo teórico-político e prático

Muitas são as determinações da realidade presente nos últimos trinta ou quarenta anos (perda significativa de referência e legitimidade dos partidos e sindicatos de massa, individualismo mais exacerbado, cultura do consumo e do hedonismo, “trabalho flexível”) que dificultam uma ascensão emancipadora dos homens. Contudo, a reflexão e a crítica em torno do trabalhador e do trabalho na atualidade (Sociologia do trabalho, História social do trabalho, Filosofia, Literatura) não diminuíram conforme a sua relativa perda de força política e emancipadora. A Literatura Brasileira trata, por exemplo, do trabalho e do trabalhador como ponto de reflexão e crítica desde o século XIX, possibilitando com isso uma temática que envolve o universo do trabalho como pontos de discussões, estudos, críticas, alternativas. Ater-se a esta temática foi o primeiro de muitos passos da presente pesquisa. A investigação se debruçou em *corpus* literário para analisar aí como se configuram discursos sobre o trabalho e o trabalhador a partir do viés narrativo-literário.

MARX E ENGELS

A orientação dialógica enquanto fenômeno sócio-linguístico aparece com força nos diversos discursos do século XIX: liberalismo, igualitarismo, socialismo, social-democracia, centralidade do trabalho. O embate de ideias, valores e projetos de sociedade pertencia a um caldo cultural e político maior, e qualquer proposta de emancipação humana teria, em menor ou maior grau, de entrar em contato com os discursos circulantes da época que também eram carregados de discursos de longa duração, milenares.

Marx e Engels – tratados aqui com o máximo respeito e admiração –

aparecem em sintonia com as agitações revolucionárias e os diversos discursos da época, assim como se apropriaram de discursos anteriores, milenares. Sustentar que os dois autores fundaram sozinhos uma “nova filosofia” porque souberam filtrar objetivamente o que era idealista e materialista, burguês e proletário, metafísico e empírico, revolucionário e reformista, como se fossem gênios ou imunes ao “dialogismo” que resgata vozes de longuíssima duração é, no mínimo, ter uma concepção restrita de linguagem. Os discursos de Marx e Engels sobre o trabalho avultam tanto em sua época como a posteriori, mas são falas, enunciações, que respondem a outras falas de sua época e que mantêm uma ligação orgânica com a realidade imediata de onde também emergiu. É nessa concepção dialógica que o consenso aqui está a ser entendido. Não há enunciação isolada, sem que seja, antes de tudo, uma resposta ao seu tempo, aos discursos circulantes da época.

CRÔNICAS DA VIDA OPERÁRIA.

Dentro de um espaço e tempo existe um caminho a ser percorrido por um trabalhador abandonado, solitário, com sonhos e expectativas espedaçados. Dentro de um alojamento com os olhos irritados e as mãos doendo há um trabalhador migrante que já trabalhou bastante e mesmo assim continua à procura de emprego. Seus irmãos ficaram pelo caminho, cada um por si, sem contar os que morreram quando criança. É bastante provável que esse trabalhador não tenha se realizado na grande São Paulo, que seu caminho tenha sido de sentido único assim como os demais que vieram.

Mas esse trabalhador não marcha, não é um autômato, não é alienado, não é alheio ao mundo. Ele caminha, seja à procura de emprego, de si mesmo, dificilmente a passeio. Esse trabalhador, ao caminhar, é orientado por suas reflexões, críticas, saudades, desejos, sonhos. Seu nome pode ser qualquer um, tanto faz, pois ninguém o chama pelo nome. A família desse trabalhador está distante, e mesmo quando ela o acompanha, o sentimento de distância soma-se ao medo e solidão: parentes indiferentes, filhos que morrem, irmãos que somem. O retorno até é possível, mas como e por quem esse trabalhador será recebido? Dentro de um largo caminho de espaço e tempo, talvez o único sentido de vida, para esse trabalhador, seja o lamento, as saudades, o testemunho. É esse trabalhador concreto, empírico, sujeito de reflexão, de ação, às vezes ingênuo, às vezes pensativo, saudosista,

sonhador que se vê, não raras vezes, aflorar em personagens da Literatura Brasileira.

A problematização do papel social da literatura é um convite a outras formas de leitura da realidade que se distanciam dos simples entretenimento e modismo atribuídos à Literatura. O escritor Roniwalter Jatobá tem a pretensão de descrever o mais fielmente possível a realidade dos trabalhadores migrantes na grande São Paulo, e isto o coloca em um posicionamento crítico do trabalho e do trabalhador. Os elementos externos dos contos de Jatobá pertencem a um contexto nacional e internacional conturbado em diversos aspectos: reabertura democrática, “reestruturação produtiva”, lutas sindicais. Curiosamente, Jatobá traz uma outra história de vida que ali não cabe, mas ali está. Aí o dialogismo, o embate. Para criticar o presente, o “cronotopo” de São Paulo, há o “cronotopo” da cidade pequena, da família, do afetivo. E isso vem em primeira pessoa, é crítico, é reflexivo. Mas não é um tratado sociológico, é uma vida na “ideologia do cotidiano” a viver, lutar e morrer. Enfim, uma literatura carregada de conteúdo histórico e crítica, por mais que a um primeiro momento pareça uma crise existencial, subjetivista.

A exploração do sofrimento do migrante com estereótipos e falsas comoções na televisão⁵ reforçam ainda mais a ideologia burguesa do trabalho – vontade de trabalhar acima de tudo, valores morais que conformam a exploração, a avareza – e a segregação do migrante que não se adapta fora de sua terra, uma espécie de regionalismo xenófobo⁶. Mas se for um migrante do sul ou do sudeste rumo ao nordeste, por exemplo, o raciocínio pode mudar: empreendedor, *free lancer*, atrás de novos desafios, “retiro espiritual”.

ORIENTAÇÃO E PRODUTIVISMO ACADÊMICO

⁵ Focos de irradiação deste imaginário preconceituoso encontram-se em alguns programas televisivos há mais de uma década: “de volta pra minha terra”, programa do Gugu. Disponível em: http://www.sbt.com.br/domingolegal/noticias/1253/De-Volta-Pra-Minha-Terra-realiza-varios-sonhos.html#.U_LjvmwJFY. Acesso em 10/04/2014; “voltando pra casa”, programa do ratinho. Disponível em: <http://www.sbt.com.br/inscricoes/ratinho/voltandopracasa/>. Acesso em 07/08/2014.

⁶ Apesar de ter uma tendência teórico-política que se distancia do cabedal teórico adotado nesta pesquisa, o historiador Durval Muniz de Albuquerque contribuiu para o aprofundamento da questão do trabalhador migrante aqui abordada. Em sua obra, várias representações preconceituosas, mascaradas e míticas em torno do nordeste (a *nordestinização* como sendo o outro negativo que reforça a identidade positiva do sul, sudeste, centro-oeste, norte) são tratadas criticamente, seja na Literatura, na música, no cinema; ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4 ed. Recife: FJN; Ed. Massangana: São Paulo: Cortez, 2009, 340p.

A presente pesquisa foi escrita a duas mãos, porém, seu desenvolvimento se deu coletivamente através de discussões, sugestões e críticas ocorridas no Grupo de Pesquisa “Discursos sobre trabalho, tecnologia e identidades nacionais”. O trabalho aparece na Literatura brasileira? As personagens trabalham? Se sim, como as construções discursivas aparecem na literatura? Qual o universo do trabalho construído na literatura? Essas e outras questões estiveram/estão presentes no interior do Grupo de Pesquisa mencionado, e as possíveis respostas se traduzem em diversos trabalhos acadêmicos na forma de artigo, tese, dissertação, comunicação, polêmicas.

Em tempos de individualismo e produtivismo acadêmico naturalizados, nada mais necessário e elogioso do que enfatizar a solidariedade entre pesquisadores na produção coletiva do saber, sem com isso dissolver a individualidade social de cada um: o embate dialógico não deixa de existir na solidariedade entre pesquisadores, como lidar com o outro discordante? A orientação formal (relação orientador/a e orientando/a) tem sua razão de ser, é necessária e aqui defendida para se atingir a maturidade intelectual e o provisório e coletivo êxito de uma pesquisa. É no meio de um caminho cheio de sentidos, dúvidas e descobertas que a orientação se completa, mas não no sentido de fim, de caminho acabado.

Ainda sobre a orientação, problematiza-se aqui que talvez existam relações entre orientador/a e orientando/a mais secas que um copo de água vazio que nunca foi oferecido. Nestes casos – evoco a primeira pessoa – só tenho a dizer muito *opinativamente* que conversas, viagens, caminhadas e passeios, quando possíveis, ajudam bastante no andamento da pesquisa. Relações secas em ambientes frios desestimulam qualquer processo de ensino-aprendizagem. Não precisa ser doutor/a para se constatar tamanha obviedade. Entretanto, um trabalho acadêmico, se houver orientação, deixa transparecer duas vozes em um mesmo enunciado, por mais que se tente uniformizá-lo. São dois sujeitos se encontrando na linguagem e o encontro não anula as especificidades. Talvez aí possam residir certas estranhezas no discurso. Mas esse aspecto dual é fato em uma perspectiva dialógica do discurso, da enunciação.

Voltando à produção de críticas ao produtivismo acadêmico. A solidariedade entre pesquisadores possibilita o resgate e a importância do outro/a na produção do saber e também serve para ao menos se questionar a rivalidade/concorrência que tanto alimenta, junto de pressões e cobranças diversas, o produtivismo acadêmico

que, na maioria das vezes, é contraproducente. A academia ainda tem um papel importante na sociedade, e dependendo da área do saber as contribuições acadêmicas podem ser facilmente percebidas e aplicadas socialmente. Contudo, algumas características do produtivismo acadêmico (competição, produtividade, pressão, negligência, metas, tecnicismo) levam ao questionamento desse papel que a academia ainda ocupa. Resumindo em termos de uma tradição mais marxista: o produtivismo na academia é a lógica da mercadoria tornada ou elevada à grande sabedoria.

Para finalizar essa parte mais subjetiva da introdução, enfatiza-se que essa pesquisa não é um estudo da linguagem em si. O objeto de estudo é a obra *Crônicas da vida operária* e, para tanto, algumas áreas do saber (História, Filosofia, Sociologia, Literatura) foram convidadas ou mobilizadas no sentido de mostrar que os discursos presentes em qualquer área merecem mais atenção, contudo, sempre em uma perspectiva interdisciplinar. Problematizar o que é o trabalho, questionar sua centralidade, refletir sobre o papel da linguagem, investigar o contexto de produção de alguns discursos sobre o trabalho e o que a literatura tem a ver com tudo isso são questões presentes do começo ao fim desta pesquisa.

CORPUS LITERÁRIO: CRÔNICAS DA VIDA OPERÁRIA

Como as construções discursivas do trabalho em *Crônicas da vida operária* tratam do trabalhador migrante na grande São Paulo e do universo laboral?

A presente pesquisa analisa as construções discursivas do trabalho em quatro contos de Roniwalter Jatobá (1979) na obra *Crônicas da vida operária*: “A mão esquerda”; “Alojamento”; “O pano vermelho”; “Trabalhadores”. Roniwalter Jatobá constrói uma visão de trabalho crítica em relação ao trabalhador migrante que não se adapta e não se realiza na grande São Paulo das décadas de 1960 e 1970. Interpretar e problematizar a visão de trabalho em Jatobá é o objetivo da presente pesquisa.

Para tanto, parte-se aqui de uma abordagem interdisciplinar que leva em conta as áreas da Literatura, da História Social, da Sociologia e da Filosofia da linguagem. Cinco momentos teórico-metodológicos são pertencentes a esta pesquisa. Primeiro, uma pesquisa bibliográfica (F. Engels, G. Lukács, Karl Marx, H. Marcuse, André Gorz, Bakhtin e o Círculo) com o objetivo de mapear e estabelecer

relativamente algumas categorias de análise: trabalho, ideologia burguesa do trabalho, linguagem, construções discursivas, “dialogismo”. Segundo, uma pesquisa historiográfica restrita sobre alguns discursos do trabalho no Brasil dentro de um recorte temporal que vai do começo século XX ao contexto de produção da obra *Crônicas da vida operária*. Terceiro, um estudo da biografia de Roniwalter Jatobá. Quarto, um estudo do corpus referido para se compreender aspectos composicionais do texto literário de Roniwalter Jatobá. Aqui, discussões e análises sobre as temáticas em questão (trabalho, linguagem, discurso, literatura brasileira, tecnologia) são provenientes do Grupo de Pesquisa “Discursos sobre trabalho, tecnologia e identidades nacionais”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia.

A importância de se estudar a obra *Crônicas da vida operária* (Jatobá, 1979) consiste nesta pesquisa em dois pontos básicos. Primeiro, as obras de Roniwalter Jatobá ainda não foram suficientemente analisadas em trabalhos acadêmicos exceto artigos (base de periódicos da CAPES e banco de dissertação e teses da USP), caracterizando-se com isso um estudo inédito que pode abrir caminhos para futuras pesquisas. Em se tratando da Linha de Pesquisa Trabalho e Tecnologia, do Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, esta pesquisa busca aprofundar as temáticas do trabalho e da linguagem. Segundo, em apreender mediante obras literárias não “clássicas” ou de menor conhecimento certa construção discursiva sobre o trabalho e o trabalhador.

Deste modo, a pesquisa se estrutura da seguinte maneira. No primeiro capítulo, a centralidade da linguagem é tratada através das contribuições de Bakhtin, Volochinov e o Círculo. A formação da consciência sócio-ideológica, a construção simbólica do mundo, a importância das palavras enquanto signo verbal na interação social e a orientação dialógica são expostas para se problematizar o mito de que a linguagem é neutra, objetiva, dotada apenas de consenso. No segundo capítulo, o contexto de grandes agitações e transformações dos séculos XVIII e XIX é trazido à tona porque é nele que a sociedade do trabalho e a ideologia burguesa do trabalho ganharam força e se sistematizaram como visão de mundo dominante. Lutas políticas, os impactos da sociedade industrial e os projetos alternativos de sociedade são aspectos analisados combinadamente. Autores chave neste período (Marx, Engels e Lafargue) também são abordados em suas particularidades para se apreender melhor a defesa e a crítica do trabalho emancipador. No caso brasileiro,

também são analisados alguns discursos sobre o trabalho, o contexto dos trabalhadores e suas lutas. Elementos constitutivos da ideologia burguesa do trabalho foram, no Brasil, necessários para se inculcar nos trabalhadores uma ideia de nação e harmonia a partir do trabalho.

No terceiro capítulo, o rápido debate em torno do trabalho ontológico concentra-se, primeiramente, em Marx, Engels e Lukács. Seguindo a mesma tradição de crítica e transformação da sociedade capitalista, esses autores conferem ao trabalho uma centralidade ontológica e também extraem dele um sujeito revolucionário capaz de emancipar a si mesmo e a todos. A perda da radicalidade da classe trabalhadora e o aprofundamento das sociedades de consumo colocaram certos questionamentos e desafios a esta tradição marxista. Diante disso, várias críticas foram feitas ao papel histórico da classe trabalhadora. Algumas críticas fragilizam as bases ontológicas do trabalho (HABERMAS, 1990), e outras fragilizam a sociedade industrial do trabalho como um todo (MARCUSE, 1979).

No quarto capítulo, expõem-se a biografia e as obras produzidas por Roniwalter Jatobá, explorando-se também os comentários – nas orelhas e prefácio dos seus livros, pois é o que tem – e críticas recorrentes em suas obras. Ao final desse último capítulo, as discussões feitas nos capítulos anteriores são retomadas para se analisar o conjunto de construções discursivas do trabalho em *Crônicas da vida operária*. No quinto capítulo, resgatam-se as discussões em capítulos anteriores mais a análise do *corpus* literário no sentido de se problematizar os diversos discursos sobre trabalho e a condição do trabalho em um contexto maior que envolve a atualidade.

CAPÍTULO I

CENTRALIDADE DA LINGUAGEM

1.1 FILOSOFIA MATERIALISTA DA LINGUAGEM

No campo da linguagem, esta pesquisa parte fundamentalmente das contribuições de Bakhtin e Volochinov (2004)⁷, advogando com isso uma abordagem materialista da linguagem. A centralidade da linguagem, para os dois autores, aparece junto de toda uma proposta teórico-metodológica capaz de explicar como se constitui a consciência sócio-ideológica⁸ na complexa e polêmica relação base/superestrutura. Esta proposta é orientada pela ênfase das relações sociais, seja nas palavras, na produção cultural e simbólica.

“A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social” (Bakhtin/Volochinov, 2004, p. 34). Esta citação expõe um pouco das pretensões e também dos desafios enfrentados por Bakhtin e Volochinov. Ao defenderem uma concepção ao mesmo tempo materialista, social e dialógica da linguagem, eles polemizam diretamente com as teses correntes da época: objetivismo abstrato e idealismo/psiquismo subjetivista. Para os dois autores, a língua por si só – objetivismo abstrato – e a ênfase do sujeito fundante da linguagem – idealismo subjetivista – não dão conta de explicar o complexo processo de formação sócio-ideológica da consciência. As esferas social, política e econômica esvaem-se de importância crítica nas duas teses em questão, diminuindo com isso as relações de poder entre os indivíduos, de um lado, e reforçando a ideia de que a linguagem é objetiva ou individual, do outro.

A construção de enunciados, a produção de sentidos, a tradução e as relações dialógicas passam pela individualidade de cada um, e também existe um sistema maior que liga os indivíduos. Entretanto, Bakhtin e Volochinov não

⁷ Entende-se aqui que a obra *Marxismo e filosofia da linguagem* é de dupla autoria, mesmo sabendo que há uma polêmica que sustenta que a obra é de V. Volochinov e não de M. Bakhtin.

⁸ A ideologia para Bakhtin/Volochinov não é “falsa consciência”, “sistemas de erros” ou “mitos criados para se impor uma visão de mundo dominante”. A ideologia para eles vem como “signos ideológicos” que refletem e refratam a realidade material e social, é a construção imaterial do mundo que certamente traz consigo também interesses de classe social determinados, pois é da arena concreta dos enunciados – a “ideologia do cotidiano” – que os dois autores partem.

concordam com a redução destes dois momentos da formação sócio-ideológica da consciência. É da interação social que a consciência ideológica se alimenta; e é nas relações intersubjetivas que o sistema aparentemente rígido e único mais os significados dominantes (o signo verbal, por exemplo) são colocados em questão e confrontados.

Para Bakhtin e Volochinov, o signo ideológico, que é sempre social e constituído por outros signos, reflete e refrata a realidade, faz parte de uma realidade social, está na arena da luta de classes (lutas intraclasses e interclasses) e das lutas sociais entre os sujeitos, constitui os sentidos mais variados e antagônicos possíveis:

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. Um signo é um fenômeno do mundo exterior (BAKHTIN, 2004, p. 33).

A linguagem é a mediação que constitui a consciência sócio-ideológica dos indivíduos. Contudo, as representações ou signos ideológicos não têm uma autonomia absoluta capaz de gerar realidades meramente representacionais. O referente material e exterior existe, e também é atingido e mudado pelos diversos signos ideológicos que passam pelos conflitos provenientes da luta de classes: conflitos intraclasses e interclasses. A “ideologia do cotidiano” – a vida prática dos indivíduos com seus enunciados os mais variados possíveis – é o lugar de extrema importância onde ocorre o contraditório fenômeno da linguagem.

É na “ideologia do cotidiano” que os diversos sistemas ideológicos são constituídos conflituosa e temporariamente. No seu interior, encontram-se a “ideologia oficial” e a “ideologia não oficial”. A primeira sistematiza ideias e valores dominantes (nas ciências, nas artes, na ética, nas religiões) no sentido de legitimar uma visão de mundo única. A segunda, por ser mais instável e também mais ligada às contradições da infraestrutura, acaba comportando discursos diversos que questionam e fragilizam com mais força a “ideologia oficial”. A palavra é, enquanto signo ideológico, um dos exemplos usados pelos dois autores para mostrar o incessante embate na “ideologia do cotidiano”. A palavra circula em todas as esferas da “ideologia do cotidiano”, habita as várias formas da interação social, é dotada de

uma historicidade semântica, carrega intencionalidades e visões de mundo que ultrapassam os significados técnicos, fossilizados, de dicionário. No seu uso prático, a palavra pode ganhar diversos significados conforme as lutas travadas na “ideologia do cotidiano”⁹.

Bakhtin, em outras obras, também se dedicou às palavras e principalmente às maneiras em que os indivíduos usam-na no dia-a-dia. Os enunciados podem ser construídos conforme os padrões rígidos da língua e também conforme outros usos ideológicos que ultrapassam os padrões impostos:

Quando escolhemos as palavras no processo de construção de um enunciado, nem de longe as tomamos sempre do sistema da língua em sua forma neutra, *lexicográfica*. Costumamos tirá-las de outros enunciados e antes de tudo de enunciados congêneres com o nosso, isto é, pelo tema, pela composição, pelo estilo; conseqüentemente, selecionamos as palavras segundo a sua especificação de gênero (BAKHTIN, 2003, pp. 292-3 grifo do autor).

É neste sentido que se questiona o mito de que as palavras e a linguagem no geral são “claras” e “objetivas”, podendo assim se atingir um uso correto e único de conceitos, categorias, termos técnicos, como se todos os indivíduos compartilhassem igualmente da mesma língua abstrata, dos mesmos signos ideológicos. A palavra expressa as mudanças nas estruturas sociais e ao mesmo tempo muda as estruturas sociais. Bakhtin e Volochinov afirmam que as palavras são neutras, mas não no sentido de serem isentas de conteúdo ideológico, de valores sociais, de intencionalidades. Elas são neutras porque podem ser apropriadas de diversas maneiras conforme o contexto, as disputas políticas, o capital social e cultural dos indivíduos. É no embate advindo da “ideologia do cotidiano” que as palavras de fato se mantêm vivas e circulantes: “a palavra é ‘expressiva’ mas essa expressão, reiteramos, não pertence à própria palavra: ela nasce no ponto do contato da palavra com a realidade concreta e nas condições de

⁹ Aqui se faz necessária uma observação de que a palavra para o Círculo bakhtiniano não tem exatamente a mesma função que a palavra para o Wittgenstein das *Investigações filosóficas*. Wittgenstein defende que o significado das palavras repousa no uso social. Entretanto, este uso social é muito mais em termos de contexto imediato, pragmático, os “jogos de linguagem”. Que se aprende o significado de uma palavra ao usá-la não é equivocado, contudo, o embate dialógico que tem suas raízes para além do contexto imediato e a ênfase do outro na elaboração do discurso não aparece em Wittgenstein; o que se tem é apenas um uso “social” genérico. Sua concepção de “jogos de linguagem” estabelece limites (regras), por mais que muito longínquos, ao uso social das palavras: WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. 207p.; GLOCK, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 398p.; Barbosa Filho, B. *Nota sobre o conceito de jogo-de-linguagem nas Investigações de Wittgenstein*: In: DALL’AGNOL, Darlei. *Wittgenstein no Brasil*. São Paulo: Escuta, 2008. 336p.

uma situação real, contato esse que é realizado pelo enunciado individual” (BAKHTIN, 2003, p.294). E esse confronto social das palavras reforça uma perspectiva materialista da linguagem uma vez que o significado está para além do sistema linguístico ou do nível frástico. O significado encontra-se na comunicação real, no social, no histórico e no contingente.

Se as contradições da “ideologia do cotidiano” e a polissemia do signo verbal forem relegadas a segundo plano, abre-se o caminho para uma outra forma de “objetivismo abstrato”. O sistema de códigos rígidos da língua oficial que se impõem aos indivíduos falantes continua vigente quando a dicionarização de conceitos atinge sua natureza absoluta. A defesa de que uma dicionarização garante um rigor mais “técnico”, “correto”, “científico” tende a obscurecer os posicionamentos axiológicos dos indivíduos: um pesquisador que se depara e usa conceitos não faz escolhas somente de ordem teórico-formal, mas também escolhas de ordem política, cultural, ideológica. Dicionarização e neutralidade não são sinônimos, contudo, a dicionarização além de tentar se sobrepor às contradições da “ideologia do cotidiano” tende também a diminuir as lutas sociais e políticas em torno dos conceitos, das palavras.

Quem escreve um dicionário de conceitos e categorias aceita normalmente a apropriação por terceiros dos mesmos conceitos e categorias sem impor a sua definição mais rigorosa, certa, científica? Um dicionário cumpre apenas a função de facilitar a entrada de novos pesquisadores em uma determinada área do saber ou vem para reforçar ainda mais uma visão única desta mesma área? E o objeto a ser analisado é totalmente passivo às categorias, conceitos, termos técnicos?

A defesa de que existem definições “puras” e “corretas” de conceitos e palavras no geral é uma forma de exercício de poder que controla, desqualifica e interdita o discurso alheio. Na historiografia, por exemplo, as polêmicas em torno do conceito de “representação” foram várias (CARDOSO & MALERBA, 2000), gerando debates com críticas e propostas, de um lado, e a banalização e fortalecimento do mito da definição “pura” e objetiva (o fóssil verbal), do outro. Estudos oriundos da Nova História Cultural¹⁰ atualmente são os que mais se utilizam de forma dicionarizada do conceito de “representação”.

¹⁰ Estes estudos partem geralmente das contribuições do historiador Roger Chartier, do filósofo Michel Foucault, do sociólogo Pierre Bourdieu e outros: BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. 2. ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 215p.; FONTANA, Josep. *A história dos homens*. Bauru, SP: EDUSC, 2004. 506p. pp. 381-411.

Mas a postura fossilizante de palavras e conceitos tem suas raízes um pouco mais para atrás, principalmente na tradição da filosofia analítica da linguagem, por mais que os seus atuais praticantes não o saibam. Explicar o mundo com enunciados objetivos, “claros”, sem ambiguidades, seguindo a lógica como sendo o parâmetro da linguagem e da realidade é uma tradição filosófica bastante questionada¹¹, que já recebeu as mais variadas críticas, sejam elas internas ou externas. Contudo, alguns ecos desta tradição questionada (neopositivismo, principalmente) permanecem. Para o Círculo bakhtiniano, que tanto enfatiza o contexto sócio-ideológico da linguagem, não há enunciados (na tradição neopositivista os enunciados, devidamente selecionados, formam uma proposição que pode ou não ser qualificada de “V” ou “F”) que resistam ao embate dialógico, à carnavalização, ao fantasioso, ao grotesco, a todas as disputas provenientes da “ideologia do cotidiano”.

Tomando como exemplos algumas experiências próprias no PPGTE, se é possível constatar também que muitas polêmicas em torno de certos conceitos evasivos (Trabalho, Tecnologia Social, Sustentabilidade, Cultura, Desenvolvimento Local, Capital Social, Interdisciplinaridade, Feminismo, Metodologia, Inovação) nada mais são do que embates dialógicos entre referenciais teórico-metodológicos que, em alguns casos, colocam-se acima das contradições da sociedade. Sabe-se aqui que cada tradição teórico-metodológica tem seu estoque – geralmente construído de maneira monológica – de definições e usos de conceitos, palavras, categorias, nomes, jargões. Sem um entendimento básico acerca das definições e usos não há propostas que se sustentem dentro de uma tradição.

Entretanto, o entendimento de que existem esses estoques no interior de cada tradição não quer dizer que a simples aceitação seja uma regra, sem críticas, onde a fossilização e dicionarização de palavras e conceitos resolveriam as polêmicas e embates dialógicos travados em seu interior. Problematizar as relações

¹¹ Refere-se aqui ao primeiro Wittgenstein do *Tratado lógico-filosófico* e ao Círculo de Viena – “neopositivismo”: SOULEZ, Antonia. *Manifeste du Cercle de Vienne et autres écrits*: Carnap - Hahn - Neurath - Schlick - Waismann - Wittgenstein. Paris: Presses Universitaires de France, 1985. 364p.; SCHLICK, Moritz et al. *Coletânea de textos*. São Paulo: Abril Cultural, 1975. 415p. (Os pensadores; v. 44). E sobre as críticas variadas, elas vão desde as internas (Willard Van Orman Quine, Donald Davidson e Hilary Putnam), passando por filósofos liberais (Karl Popper e Isaiah Berlin) chegando também a filósofos marxistas (G. Lukács no volume I da *Ontologia do Ser Social*). O Círculo bakhtiniano não tratou diretamente desta tradição da filosofia analítica da linguagem porque ela provavelmente não chegou ao Círculo. Contudo, as contribuições do Círculo bakhtiniano do mesmo período (primeiras décadas do século XX) já fragilizam as bases lógico-formais que ficavam apenas no nível do enunciado abstrato e isolado: “proposição”, sentença, frases, expressões.

dialógicas a partir de palavras não é uma questão simplesmente semântica ou etimológica. As palavras estão na interação social, têm uma incidência direta no meio social enquanto ato discursivo. Reduzir as palavras apenas a uma questão semântica, etimológica ou vocal-sonora tende mais ao idealismo linguístico.

Uma outra análise que não é da filosofia materialista da linguagem, mas que também tem por preocupação a linguagem é a chamada História dos conceitos ou História conceitual alemã (JASMIM & FERES JUNIOR, 2006). O historiador Reinhart Koselleck (1923-2006) é, talvez, um dos mais conhecidos desta tradição historiográfica. Em seu livro *Futuro passado*, Koselleck expôs alguns pontos teórico-metodológicos básicos que fundamentam a História dos conceitos: “seus métodos provêm da hermenêutica, da história da terminologia filosófica, da gramática e filologia históricas, da semasiologia, da onomasiologia” (KOSELLECK, 2006, p. 97).

De imediato, os métodos expostos são parecidos com algumas tradições da linguística e filosofia combatidas pelo Círculo bakhtiniano. Contudo, a História dos conceitos avançou na crítica, não se resume ao estudo linguístico-abstrato dos conceitos e palavras. A ênfase de que grandes transformações sociais e políticas tiveram que acontecer também nas palavras, em alguns casos o embate conceitual-político veio antes das ações práticas e revolucionárias (KOSELLECK, 2006), contribui para se problematizar e quebrar o mito dos conceitos definidos tão rigidamente¹² – geralmente pela “ideologia oficial” – como se não tivessem uma carga semântica, política e histórica.

1.2 ORIENTAÇÃO DIALÓGICA

A exposição argumentativa feita até aqui – aliás, será feita até o final da dissertação – é um exemplo da “orientação dialógica” defendida pelo Círculo bakhtiniano:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele,

¹² Alguns exemplos de trabalhos críticos na linha da História dos conceitos encontram-se em: FERES JÚNIOR, J. *A história do conceito de Latin America nos Estados Unidos*. Bauru, São Paulo: EDUSC/ANPOCS, 2005. 317p.; FERES JÚNIOR, J. (Org.). *Léxico da história dos conceitos políticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. 249p.

de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo essa mútua-orientação dialógica do discurso alheio para o objeto (BAKHTIN, 1993, p.88).

O discurso vivo e concreto (enunciação) do dia-a-dia e o discurso sofisticado-técnico em áreas legitimadas do saber estão sempre orientados pelo “o já dito” e para as futuras respostas; por mais que os sujeitos falantes não saibam ao certo disso, este fenômeno sócio-linguístico é essencialmente dialógico, de mútua-orientação. “Ao se constituir na atmosfera do ‘já dito’, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que já foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é todo diálogo vivo” (BAKHTIN, 1993, p.89). Dessa forma, o discurso é sempre uma réplica que traz consigo a importância do outro, o papel do interlocutor já na elaboração do discurso, na sua significação e na sua formalização, pois o interlocutor é também interno ao texto à medida que o discurso se orienta para ele em sua composição formal.

O resgate de vozes sociais anteriores e a vinculação a uma tradição para se contrapor a outra tradição são características fundamentais da linguagem. O mesmo vale para a contraposição no interior de uma mesma tradição. No primeiro caso – tradição contra tradição –, Marx e Engels apropriaram-se de todo o acúmulo teórico, político e cultural da época deles (os diversos socialismos, as experiências do movimento dos trabalhadores, as correntes filosóficas da época, os discursos da “ideologia do cotidiano”), assim como resgataram também discursos que remontam à Antiguidade grega para se contraporem ao idealismo e liberalismo reinantes da época. No segundo caso, tem-se o exemplo das críticas de E. P. Thompson a L. Althusser (THOMPSON, 1981) e também as diversas polêmicas e ataques entre as correntes – trotskistas – da IV Internacional Socialista no pós Segunda Guerra.¹³ Essa orientação dialógica, que é característica fundamental da linguagem, acontece em todos os gêneros do discurso, seja no filosófico, no romanesco, no científico, no jornalístico e no dia-a-dia.

Para Bakhtin, o lugar privilegiado da orientação dialógica dentre os discursos

¹³ Destacam-se aqui, como exemplos, dois autores que se digladiaram no interior da IV Internacional Socialista: Ernest Mandel (1923-1995), suposto reformista e, portanto, traidor das ideias de Leon Trotsky; e Nahuel Moreno (1924-1987), continuador “fiel” às ideias revolucionárias de Trotsky. MANDEL, Ernest. *Marxismo revolucionário atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 209p.; MORENO, Nahuel. *O Partido e a revolução: teoria, programa e política – polêmica com Mandel*. São Paulo: Sundermann, 2008. 411p.

é o discurso romanesco. Nele, diversos gêneros do discurso com as vozes sociais mais contraditórias possíveis entram e se embatem, seja de forma satírica, vulgarizada, exagerada, grotesca. O discurso oficial e monológico é fragilizado e colocado à prova a todo momento pelo plurilinguismo social característico do discurso romanesco. A crítica aos valores, códigos e normas estabelecidas da sociedade aparece com frequência nos grandes romances, apontando para outra direção. Em Dostoiévski, Bakhtin encontra um solo fértil para suas análises acerca do romance (BAKHTIN, 2010), pois é no escritor russo que Bakhtin começara a sistematizar toda a sua “arquitetônica” analítica do romance, sobretudo, a questão polifônica destacada nas obras de Dostoiévski.

Até aqui, a exposição da orientação dialógica permite críticas e desconfianças variadas, por exemplo, de que o “dialogismo” é um componente do pós-modernismo. Como a orientação dialógica é bastante abrangente e aberta a diversos usos – o que não significa que ela é difusa e irracional enquanto análise do fenômeno da linguagem –, um critério demarcatório se faz necessário para que ela não se reduza a ecletismo, relativismo, ceticismo. Este critério se deve atentar em duas questões básicas e contrárias: *a-*) o dissenso é evocado porque se sabe que a realidade é aberta e plural e portanto ele, dissenso, é necessário para denunciar e combater o monologismo, as desigualdades sociais e também para garantir a alteridade; *b-*) o dissenso é evocado para mascarar e justificar o existente através de um diálogo de surdos ou de falsas polêmicas acadêmicas (“as classes sociais não existem”, “o real não existe”, “os universais são opressores”, “a verdade não existe”), gerando com isso uma anulação do outro supostamente crítica. Estas duas questões colocadas, que levam em conta as implicações político-sociais de qualquer teoria ou doutrina¹⁴, sustentam o critério demarcatório para se saber até que ponto a orientação dialógica é aberta, plural e emancipadora, ou, se ela não é um simples reforço monológico dentro de alguns modismos em voga.

¹⁴ Há mais de oitenta anos que o filósofo Antonio Gramsci, partindo fundamentalmente das formulações de Marx e Engels, sustentou a tese de que as ideias e seus formuladores sempre estão ligados a uma classe social determinada que defende seus interesses políticos, por mais que seus formuladores – “intelectuais” – não tenham consciência disso: GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989. 244p. Entretanto, a postura de neutralidade e distanciamento ainda se faz presente em diversas áreas, seja da gestão pública, na produção do “conhecimento” acadêmico e nos debates públicos promovidos por *politólogos* sensacionalistas: jornalistas, “especialistas”, secretários públicos quaisquer, formadores de opinião quaisquer. O filósofo Michel Foucault, de maneira polêmica e dialógica, tratou da questão dos intelectuais com seriedade na obra *Microfísica do Poder*.

Os modismos pós-modernos – geralmente alimentados pelo descrédito da razão, do progresso, da Ilustração e das “utopias” – conhecidos como ecletismo, relativismo, ceticismo e outras variantes não são homogêneos e harmônicos entre si. Em muitos casos, estes modismos não passam de um diálogo de surdos, mera criação de aporias que extrapola a crítica a verdades estabelecidas (SMITH, 2002). Os princípios da orientação dialógica (questionar o monológico, lidar com diversas vozes contraditórias, *dessacralizar* o intocável, reconhecer o outro) podem habitar estes modismos. Contudo, eles assumem uma postura confusa e ao mesmo tempo conservadora do *status quo* ao aproximarem correntes teóricas ou políticas sem critérios sólidos, argumentativos, defendendo simplesmente que uma corrente teórica não pode ser comparada com a outra porque são excludentes por si só ou que cada corrente sempre tem algo a contribuir ou que a “verdade” não existe.

Nesta linha de raciocínio, surge o “dialogismo suave”, evasivo” ou hibridismo que não passa de um diálogo permanente sem assumir compromisso algum, muito menos tem como preocupação a alteridade. Geralmente, este é o dialogismo alimentado, fossilizado, imune a críticas, aplaudido como “diversidade discursiva”. O “dialogismo” não é mera justaposição de vozes que não se conectam em luta (tal como no pós-modernismo harmônico, no “hibridismo”, no ecletismo), mas um embate tenso em que os discursos são desconstruídos para se mostrar as suas limitações, afiliações, despotismos. Assim, é bastante provável que o “dialogismo suave” – mascarado – será e é usado na comunicação tendendo ao ecletismo.

Os discursos dos ruralistas, do agronegócio se contrapõem aos discursos dos sem-terra e não de modo harmônico, a partir de um hibridismo que possa levar ao consenso, mas estão imbricados de modo tenso, advindos de lutas reais e que causam mortes, ocupação, desapropriação. Esses discursos estão mergulhados um no outro e não há possibilidade, até o momento, de se harmonizarem ou se alocarem de modo apenas justaposto em mônadas.

CAPÍTULO II

DISCURSOS SOBRE O TRABALHO

2.1 BREVE CONTEXTO DOS DISCURSOS SOBRE O TRABALHO

Às complexas e profundas mudanças ocorridas no mundo do trabalho na sociedade capitalista somam-se diversos discursos para legitimá-las e dotá-las de sentidos ideológicos¹⁵, conformando com isso uma sociedade a partir da importância do trabalho assalariado que gera o acúmulo de capital e inúmeros privilégios às classes dominantes. Falar sobre o trabalho, construir valores positivos em torno dele, criar o imaginário de que os vadios e mendicantes são dejetos sociais ou desviantes patológicos foi tão essencial quanto organizar a sociedade a partir do trabalho. A importância da linguagem é aqui defendida para melhor se apreender, brevemente, o conjunto de fatores em torno do trabalho nos últimos dois séculos.

O tema trabalho é recorrente na história da humanidade, podemos encontrá-lo em discussão na Antiguidade, por exemplo, em Aristóteles, no livro *A política*. Entretanto, esta pesquisa parte de alguns discursos sobre o trabalho localizados na modernidade, entre fins do século XVIII até partes do século XX. Visões de mundo, mudanças nas estruturas políticas, econômicas e sociais e projetos de sociedade entraram em conflito neste período de maneira mais acentuada. A crítica social, mais especificamente o movimento dos trabalhadores, teve sua luta política orientada também por diversos discursos sobre o trabalho, assim como também os criou.

A chamada ordem social liberal-burguesa tem um histórico de disputa com a ordem social anterior, o Absolutismo, e com outros projetos de viés igualitário. Visões de mundo, formas de organização social e novas relações de produção não puderam ser contempladas pelas tentativas de reforma da Ilustração, e o conflito social e político transformou-se em uma proposta revolucionária que ia da

¹⁵ Aqui, diferente de Bakhtin e Volochinov, entende-se o termo “ideologia” no seu sentido mais marxiano: a ideologia enquanto interesses históricos e particulares de uma classe social que são universalizados e “eternizados” para justificar a sociedade existente, uma “viseira ideológica” que embaça a percepção da realidade contraditória. “A ideologia é a expressão ideal de contradições materiais, objetivas, de classe social”. Entretanto, vendo-se essa questão a partir de Bakhtin, percebe-se que embora haja predominância de certos discursos que circulam em instituições que os “fazem” predominar, eles não são únicos. Há sempre outros discursos inclusive porque “esses outros” já são dados no interior daqueles e se é possível enxergá-los. Não há sociedade complexa sem pluralidade discursiva, nem mesmo em momentos de conjunturas totalitárias.

radicalidade igualitária à constitucionalidade liberal. Para o historiador Josep Fontana¹⁶, a revolução burguesa (na Inglaterra e na França, fundamentalmente) não seguiu o mesmo receituário em todas as ocasiões; projetos de futuro, em situações determinadas social e historicamente, sempre entram em conflito, e as possíveis soluções podem ser várias:

Da experiência das resistências internas à reforma nasce um dos traços mais originais da historiografia da revolução, que a distingue claramente das concepções da escola escocesa. Esses homens admitem também que a um grau de desenvolvimento econômico correspondem determinadas formas de organização da sociedade, de leis e de política; porém, diferentemente dos teóricos escoceses, não acreditam que baste o crescimento econômico para engendrar, numa evolução paralela, as mudanças sociais. Também dão-se conta de que forças ligadas às formas de organização caduca resistem ao seu desalojamento do poder e tratam de conservar a velha ordem, ainda que seja à custa do crescimento econômico. De modo que chega um momento em que só a ação política – a revolução – pode desbloquear o caminho e facilitar, com isso, o próprio progresso econômico. De simples epifenômeno da economia, como na escola escocesa, a política converte-se no terreno da ação mais transcendente dos homens. Assim é como os historiadores da revolução chegaram a descobrir os conceitos de classe e de luta de classes. (FONTANA, 1998, pp. 99-100).

É neste sentido que a revolução burguesa de fins do século XVIII, principalmente na França, não foi apenas uma mudança na esfera econômica, e sim uma mudança profunda no continente europeu e fora dele, uma nova visão de mundo que, necessariamente, precisava se justificar e se legitimar em todas as esferas da vida social: no trabalho, nas artes, nas ciências, nas filosofias, nas religiões. Contudo, esta mesma revolução burguesa de fins do século XVIII, em seu período mais radical, o jacobinismo¹⁷, gerou experiências igualitárias e radicais – o igualitarismo/comunismo de Gracchus Babeuf (1760-1797)¹⁸ e os diversos “socialismos”, por exemplo – que entraram em conflito com a ala liberal-burguesa

¹⁶ Josep Fontana sustenta que a “economia política” (a simples e neutra descrição do presente para fins de naturalização e justificação da ordem vigente), a história (suposta narração objetiva dos acontecimentos do passado) e projetos políticos (ligados a possíveis soluções de problemas do presente) estão sempre unidos, que formam um todo ideológico que universaliza uma visão de mundo, embora na prática estes três elementos se apresentem separados, imparciais, objetivos, “científicos”. Basta um momento de crise e posteriores conflitos sociais e políticos para que estes três elementos apareçam, de fato, fortemente articulados e unidos para defender os interesses de classe em disputa (FONTANA, 1998).

¹⁷ Um estudo meticuloso sobre o jacobinismo na Revolução Francesa pode ser encontrado em: VOVELLE, Michel. *Jacobinos e Jacobinismo*. Bauru, SP: EDUSC, 2000. 281p.

¹⁸ No *Manifesto dos iguais*, Babeuf vai além dos princípios de igualdade, liberdade e fraternidade da Revolução Francesa, mostrando que a igualdade não era plena. Babeuf defende a “igualdade real” em contraposição à “igualdade de direitos” e percebe que em uma sociedade com distinções de classes entre ricos e pobres jamais haverá a *República dos iguais*: BABEUF, Gracchus. *Manifesto dos Iguais*, 1797.

constitucionalista da Revolução Francesa, ainda mais quando as promessas de igualdade, liberdade e fraternidade mostravam-se irrealizáveis na prática.¹⁹

A igualdade virou igualdade jurídico-formal; a liberdade virou a liberdade de contratos, de livre concorrência, de livre acúmulo de capital, livre para ser proprietário; e a fraternidade virou uma espécie de benesses ou caridade espontânea. Estes três princípios básicos tinham consequências no universo do trabalho também: a) a “liberdade” foi utilizada como “trabalhador livre” para escolher onde, por quanto e a quem vender sua força de trabalho; b) a “igualdade” foi usada como “pessoas iguais”, em condições de igualdade jurídico-formal, estabelecem contratos conforme seus respectivos interesses “naturais”; c) a fraternidade foi reduzida a generosidade dos empregadores/capitalistas para com seus assalariados “livres”. Estes três princípios básicos são constitutivos da ideologia burguesa do trabalho, e conforme as contradições materiais da própria sociedade do trabalho foram avançando, mais complexa ficava a ideologia burguesa do trabalho.

À ideologia burguesa do trabalho acrescentava-se também todo um conjunto de valores, crenças e condutas no sentido de transformar a forma assalariada de trabalho – e sua respectiva divisão social excludente do trabalho – em essência “natural” do indivíduo. O bom funcionamento desta ideologia burguesa do trabalho levaria à coesão social, à prosperidade, à felicidade e, principalmente, à inviolabilidade da propriedade privada.²⁰ Têm-se aí, principalmente no decorrer do século XIX, algumas das características básicas da ideologia burguesa do trabalho, onde as influências do liberalismo e da economia política clássica são fundamentais.

Dessa maneira, a ideologia burguesa do trabalho é muito mais que uma simples ordenação da esfera produtiva ou mesquinha individualista: ela é uma

¹⁹ As doutrinas filosóficas do Liberalismo e do Igualitarismo/comunismo tiveram alguns pontos em comum no auge das revoluções burguesas, por exemplo, derrubar o absolutismo e seus privilégios, defender direitos universais, a “prosperidade” etc. Entretanto, quanto mais os princípios da Revolução Francesa eram levados a diante, maior era a distância entre as duas doutrinas. Exposições supostamente neutras e objetivas do liberalismo encontram-se em: HANDLIN, Oscar; HANDLIN, Mary. *As dimensões da liberdade*. RJ: Fundo de Cultura, 1964. 166p.; VON MISES, Ludwig. *Liberalismo: segundo a tradição clássica*. Rio de Janeiro: J. Olympio: Instituto Liberal, 1987; SANTAYANA, George. *Alternativas para o liberalismo e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. 157p. pp. 96-102. Exposições críticas ao liberalismo encontram-se em: LOSURDO, Domenico. *Contra-História do Liberalismo*. São Paulo: Ideas & Letras, 2005. 400p.; SKINNER, Quentin. *Liberdade antes do liberalismo*. São Paulo: UNESP, 1999. 112p. E sobre o igualitarismo/comunismo: COGGIOLA, O. *150 anos do Manifesto Comunista*, pp. 9-35. In: MARX, Karl. *Manifesto comunista*. Ed. rev. São Paulo: Boitempo, 2010. 271p.

²⁰ Em um estágio mais avançado e também consolidado da sociedade burguesa em fins do século XIX, o sociólogo Emile Durkheim (1858-1917) sistematizou cientificamente a divisão social e excludente do trabalho com as chamadas “desigualdades inatas” dos indivíduos: DURKHEIM, Emile. *Da divisão do trabalho social*. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 1999. 483p.

visão de mundo que não só explica – através de diversos discursos – o que é o trabalho, mas também universaliza seus fundamentos, como se estes não fossem determinados social e historicamente. As construções discursivas do trabalho por parte da ideologia burguesa do trabalho não foram unânimes, muito menos davam conta de justificar algumas promessas não cumpridas pelo avanço do capitalismo industrial. Desde o início, a ala liberal-burguesa teve de lidar com projetos de sociedade antagônicos, que atacavam principalmente a propriedade como sendo eterna (FONTANA, pp. 99-115).

É neste contexto ainda carregado de desigualdades econômicas e sociais que novos atores sociais (artesãos, profissionais liberais, comerciantes, miseráveis, camponeses) aparecem com mais força no cenário político e social, e não somente contra os resquícios de Absolutismo na França ou, no caso da Inglaterra, contra o forte processo de industrialização e as políticas do parlamento²¹, mas também contra as consequências nocivas da própria sociedade que se instaurava (HOBBSAWN, 1977). O movimento dos trabalhadores, em meio a estas transformações e agitações de fins do século XVIII ao começo do XIX, questionava e se posicionava contrário à ideologia burguesa do trabalho e suas várias formas de exploração (THOMPSON, 1989). Criou também estratégias e instrumentos de luta que iam da ação direta (greve, paralisação, rebelião, destruição de máquinas²²) às diversas formas de organização política: cartismo, sindicatos, partidos políticos, jornais, revistas, manifestos. Urge se levantar esses discursos também e não somente os dos “intelectuais” que falam por determinados trabalhadores. Entretanto, não é foco desse trabalho empreender tal ação.

O universo do trabalho, com suas contradições, colocava em questão a ordem social vigente na íntegra, principalmente a ideologia burguesa do trabalho que não mais conseguia sustentar eficazmente as promessas de prosperidade e felicidade para todos. A realidade dos trabalhadores assalariados, principalmente os

²¹ No caso da Inglaterra, utilizamos uma tese de doutoramento que trata de Thomas Paine (1737-1809), um defensor das ideias da burguesia revolucionária da época que agitou a Inglaterra com seus textos polêmicos em formato de livros e folhetins: MAAMARI, Adriana Mattar. *O republicanismo democrático de Thomas Paine*. Tese de doutoramento na USP, 2007. 205p. E.P. THOMPSON também aborda este período agitado que passou a Inglaterra em nos seus livros sobre a classe operária: *Formação da classe trabalhadora inglesa*, 3V.

²² O historiador George Rude defende que os movimentos populares da época eram políticos, e não apenas uma manifestação imediatista e irracional – “a turba enfurecida e violenta” –, segundo algumas interpretações conservadoras: RUDE, George F. E. *A multidão na história: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra, 1730-1848*. Rio de Janeiro: Campus, 1991. 299p.

oriundos das grandes cidades, não condizia com a positividade da ideologia burguesa do trabalho, e isto reforçava ainda mais o imaginário revolucionário, seja com um projeto político de transformação ou não (HOBSBAWM, 1977). A crítica ao trabalho de modo geral (proletarização dos trabalhadores, aumento desenfreado dos centros urbanos, pauperização dos trabalhadores, aumento da jornada de trabalho, trabalho infantil, condições desumanas de trabalho) alimentava propostas radicalmente opostas à ordem social vigente e sua ideologia burguesa do trabalho. Dentro desta crítica ao trabalho, Comunismo e Socialismo, no decorrer do século XIX, destacaram-se por estarem mais ligados ao movimento dos trabalhadores, embora houvesse algumas diferenças e divergências entre ambos.

O socialismo pré-marxista foi reduzido a utópico, pequeno-burguês ou reformista, dotado, em partes, de princípios e propostas igualitárias, porém, sem um projeto político que de fato rompesse com a ordem social vigente.²³ Já o comunismo, que inicialmente era clandestino, representava a continuidade das ideias e propostas radicais da Revolução Francesa, a ala mais avançada dos revolucionários, a verdadeira expressão do igualitarismo (HOBSBAWM, 1983, pp. 33-66). Até que ponto o Socialismo e o Comunismo se alimentavam de outras doutrinas, por exemplo, o Liberalismo, é uma discussão polêmica e, em partes, excludente, pois era na ação política e interventiva de fato que as doutrinas se colocavam com seus respectivos interesses de classe: emancipatórios, limitados, reformistas, incoerentes, mistificados.

Este breve cenário político e revolucionário exposto era o ponto de partida para qualquer reflexão e crítica que almejassem a outra forma de sociabilidade. Influências de diversas áreas (socialismo “utópico”, pregadores radicais, filosofia etc.) contribuíram para a formulação e luta do movimento dos trabalhadores durante o século XIX. O avanço do Capitalismo não se sustentaria sem uma justificação que abarcasse diversos discursos normativos e instituições capazes de controlar e ordenar a vida social como um todo. A ideologia burguesa do trabalho, dentro da ontologia liberal-burguesa, cumpriu seu papel de criar e reforçar uma nova concepção de homem e sociedade.

2.2 MARX, ENGELS E LAFARGUE

²³ ENGELS, Friedrich. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. São Paulo: Moraes, 199? 66p. O *Manifesto Comunista* de 1848 também aborda os diversos “socialismos”.

F. Engels (1820-1895), no começo da década de 1840, denuncia em sua obra *A classe trabalhadora na Inglaterra* as condições extremamente degradantes, obscenas e desumanas que os trabalhadores fabris da época enfrentavam, por exemplo, jornadas superiores a dezesseis horas por dia, habitação miserável e trabalho infantil. Engels ressalta também que essas condições são “frutos” da exploração da burguesia sobre os trabalhadores (ENGELS, 2008). No mesmo período, Karl Marx (1818-1883) também redige textos críticos sobre a sociedade burguesa. Talvez os *Manuscritos de 1844* (MARX, 2010), em que várias questões são colocadas, sejam os mais conhecidos neste período do chamado “jovem Marx”. Neles, as críticas ao trabalho estranhado e ao caráter de classe social aparecem de forma mais aprofundada, embora Economia e Filosofia ainda tenham tratamentos separados (LUKÁCS, 2009, p. 181).

Para Marx e Engels, a crítica aos interesses de classe ligados às bases materiais e históricas da sociedade permite a compreensão do movimento das contradições no trabalho estranhado e na sociedade capitalista como um todo. Em *A ideologia alemã*, concluída em 1846, porém não publicada, Marx e Engels ressaltam que os homens ao produzirem sua existência (comer, beber, vestir etc.) estabelecem relações sociais para além da utilização dos meios de produção, e estas relações não são uma simples derivação dos meios de produção. A análise de qualquer sociedade, para os dois autores alemães, deve partir desta base material e social, onde surgem as classes sociais determinadas – e em relação de conflito, a luta de classes – com suas formas de apropriação do excedente socialmente produzido e as inúmeras justificações de superioridade: “os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder material numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante” (MARX & ENGELS, 2007, p.48).

Em linhas gerais, as formulações de Marx e Engels – dentro da orientação dialógica –, que também se apropriaram de toda uma tradição anterior de crítica ao Capitalismo e à ideologia burguesa do trabalho, avançaram em um aspecto particular acerca dos discursos sobre o trabalho: a ideologia do trabalho dominante seja na economia política clássica ou na filosofia em geral, expressa a manutenção da ordem social burguesa e suas inúmeras justificações espiritual, intelectual e política. Do processo de divisão social do trabalho surgem relações de exploração e

dominação que não se reduzem à produção material da vida. A divisão social do trabalho no Capitalismo e suas inúmeras contradições constituem duas classes sociais²⁴ – uma em oposição aos interesses da outra – determinadas historicamente: burguesia e proletariado.

Enfatizando que a luta de classes é um componente de qualquer sociedade dividida em classes sociais, Marx e Engels elaboram uma crítica em relação à sociedade burguesa como um todo. O processo de exploração do trabalho alheio ligado à acumulação de capital tende a transformar todos os trabalhadores em proletários, e somente um sujeito coletivo revolucionário seria capaz de emancipar a humanidade. O *Manifesto comunista* de 1848, que é um texto fundamentalmente político e diretamente ligado às revoluções de 1848, expressa esse aprofundamento.

Contudo, dentre todas estas transformações sociais e políticas ocorridas antes e durante o século XIX, onde as contribuições de Marx e Engels influenciavam, junto de outras²⁵, o movimento dos trabalhadores e a crítica à ordem social vigente, há uma voz social destoante; não no sentido de se opor às ideias do Comunismo, pois isso os anarquistas ou os reformistas da época já o faziam, e sim no sentido de criticar o apego ao trabalho. Denunciar e combater a ideologia burguesa do trabalho em nome de outra ideologia do trabalho, neste caso a ideologia do movimento operário, seria ainda sim uma prisão.

Nesta linha de raciocínio, Paul Lafargue (1842-1911), que tinha parentescos com Marx e uma forte participação no movimento socialista da época, questionou a importância histórica e libertadora do proletariado. Lafargue traz à tona o papel da preguiça e seu potencial criativo fora do trabalho, um escândalo e insulto à época. A preguiça, que é moralmente condenada pela ideologia burguesa do trabalho e pela solidariedade dos trabalhadores rumo a uma consciência de classe emancipadora a partir do trabalho, não pode estar no horizonte de possibilidades, onde explorados e exploradores reivindicam o trabalho acima de tudo, mesmo que por motivos

²⁴ A noção de classe gerou e ainda gera diversas polêmicas e usos que vão do objetivismo científico que descreve as classes empiricamente ao fetichismo e idealismo que concebem a classe como sendo uma entidade acima dos indivíduos que a compõem, gerando com isso interesses coletivos abstratos que não correspondem aos da classe real. BENSALID, D. *Marx, o intempestivo: grandeza e misérias de uma aventura crítica* (séculos XIX e XX) RJ: Civilização Brasileira, 1999. 512p. (pp.141-174); *Algumas observações sobre classe e “falsa consciência”* pp. 269-81. In: THOMPSON, E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001. 286p.

²⁵ Citam-se, por exemplo, as contribuições de: PROUDHON, P.-J. *Sistema de las contradicciones económicas, o filosofía de la miseria*. Madrid: Jucar, 1974. 2v.; BAKUNIN, Mikhail Aleksandrovich. *Escritos contra Marx*. São Paulo: Imaginário, 2001. 133p.; BAKUNIN, Mikhail Aleksandrovich. *O socialismo libertário*. São Paulo: Global, 1979. 67p.

antagônicos.

O apego ao trabalho na forma capitalista, para Lafargue, não traduzia o comprometimento e preparo dos proletários para a transformação social, pelo contrário, levava-os a consequências desastrosas que iam muito mais para a domesticação do que a transformação social:

Uma estranha loucura se apossou das classes operárias das nações onde reina a civilização capitalista. Esta loucura arrasta consigo misérias individuais e sociais que há dois séculos torturam a triste humanidade. Esta loucura é o amor ao trabalho, a paixão moribunda do trabalho, levado até ao esgotamento das forças vitais do indivíduo e da sua progenitora. Em vez de reagir contra esta aberração mental, os padres, os economistas, os moralistas sacrossantificaram o trabalho. Homens cegos e limitados, quiseram ser mais sábios do que o seu Deus; homens fracos e desprezíveis, quiseram reabilitar aquilo que o seu Deus amaldiçoara. Eu, que não confesso ser cristão, economista e moralista, recuso admitir os seus juízos como os do seu Deus; recuso admitir os sermões da sua moral religiosa, econômica, livre-pensadora, face às terríveis consequências do trabalho na sociedade capitalista. (LAFARGUE, 1980, p.2).

As críticas feitas por Lafargue ao “amor ao trabalho” na sua forma capitalista podem ser entendidas como uma contribuição ao movimento operário da época. “Moribundos” e “loucos” são todos aqueles pertencentes à ideologia burguesa do trabalho, seja o operariado “apaixonado” pelo trabalho na sua forma capitalista, seja o capitalista, também apaixonado, porém, por outros interesses, que se beneficia da exploração do trabalho alheio. No primeiro caso, Lafargue responde à ala da classe trabalhadora da época que lutava mais no sentido de conquistar direitos sociais e políticos dentro da ordem capitalista – os chamados reformistas –, reforçando com isso os aspectos morais da ideologia burguesa do trabalho: avareza, combate à preguiça, o trabalho assalariado como dignificador.

Para Lafargue, a preguiça, tão odiosa pela ideologia burguesa do trabalho e pela classe trabalhadora, não era a simples vadiagem, o estado de parasitarismo, e sim outro tempo a ser preenchido por atividades que não fossem laborais – provavelmente uma abordagem que incorporasse o papel do lazer fosse uma saída mais exitosa para o autor. Um alerta, uma observação importante ou apenas uma polêmica para fustigar a crítica e o debate talvez tenha sido a grande contribuição de Lafargue. Desse modo, vê-se que muitos foram os discursos sobre a realidade tensa do trabalho. Impossível mapeá-los, mas a perspectiva dialógica faz perceber essa multiplicidade discursiva e seus nexos com a realidade e entre si, tanto no contrassenso como no consenso. O caso é que apenas alguns desses discursos

chegaram aos tempos atuais. Não há tempo suficiente para se discutirem os motivos neste trabalho, pois é uma empreitada grandiosa e não é o foco da investigação.

3.3 DISCURSOS SOBRE O TRABALHO NO BRASIL

Enfatizou-se até agora como que alguns discursos sobre o trabalho (ideologia burguesa do trabalho, o trabalho em Marx, Engels e Lafargue) surgiram e ganharam força no contexto de grandes transformações sociais dos séculos XVIII e XIX, principalmente na Europa. Mas a ideologia burguesa do trabalho, a fábrica, o movimento dos trabalhadores e as contradições do Capitalismo extrapolaram barreiras e continentes. No Brasil, e com muitas ressalvas, pois aqui ainda se tinha um regime monárquico e com mão-de-obra predominantemente escrava até meados do século XIX, podem-se encontrar algumas características dos discursos sobre o trabalho tratadas anteriormente, por exemplo, a ideologia burguesa do trabalho difundida pelas elites brasileiras como uma "ética do trabalho", de um lado; e greves, rebeliões, críticas à ideologia burguesa do trabalho, associação de trabalhadores, trabalho assalariado, fábricas, por outro.²⁶

O historiador Sidney Chalhoub estudou como o trabalho pouco antes e depois da abolição da escravidão virou ponto de discussão, criando discursos normativos sobre o trabalho e os trabalhadores. A ociosidade, geralmente associada ao liberto, era uma prática a ser combatida ferozmente, e a esfera discursiva tinha o seu papel levado a sério pelas autoridades da época:

O conceito de trabalho precisava se despir de seu caráter aviltante e degradador característico de uma sociedade escravista, assumindo uma roupagem nova que lhe desse um valor positivo, tornando-se então o elemento fundamental para a implementação de uma ordem burguesa no Brasil (CHALHOUB, 2012, p.65).

²⁶ Algumas pesquisas historiográficas recentes revelam que no Rio de Janeiro e em outras cidades, a partir da segunda metade do século XIX, houve greves de trabalhadores associados e livres e, em alguns casos, a forte participação de escravos que desenvolviam trabalhos fabris, portuários e de "serviços" em paralisações e levantes: MATTOS, M. B. (Org.); COSTA, Branno Hocherman (Org.) [et al.]. *Trabalhadores em greve, polícia em guarda. Greves e repressão policial na formação da classe trabalhadora carioca*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bom Texto / Faperj, 2004. v. 1. 199p.; MATTOS, M. B. *Escravidos e livres: experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008. v. 1. 239p. A informação de que o imigrante europeu foi quem trouxe a experiência organizativa que culminou nas chamadas grandes greves do segundo decênio do século XX também é questionada nestas pesquisas citadas e outras: MATTOS, M.B. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. 160p.

A “ética do trabalho”, para a elite brasileira da época, constituía-se de valores, crenças e deveres comuns para o bom andamento da sociedade, um compromisso solicitado a todos. “O trabalhador, principalmente o liberto, deveria amar o trabalho em si, independentemente das vantagens materiais que possam daí advir” (CHALHOUB, 2012, p.69). A desordem, a vadiagem e a mendicância corrompem a ética do trabalho, são uma patologia social a ser punida severamente neste período.²⁷ A primeira República com suas políticas públicas de “higiene social” tinha desafios sérios a cumprir: construir e propagar uma imagem positiva do trabalho e do trabalhador no pós-abolição e ao mesmo tempo combater organizações coletivas – ou “agitações” – de trabalhadores.

O trabalho era um dever ético e moral de todos na sociedade, mas travar lutas por condições de trabalho ou por direitos organizativos dos trabalhadores era inaceitável: esta prática de proibir e combater a associação de indivíduos em prol de causas coletivas é característica do liberalismo desde os seus primórdios, pois se entende que a associação restringe ou impede a “livre escolha individual” (REMOND, 1997). A ética do trabalho difundida pelas elites da época correspondia ao trabalhador passivo, avarento, sem senso de coletividade, que não abalasse a ordem social como fizera algumas greves e paralizações do período em São Paulo e Rio de Janeiro (FAUSTO, 1976).²⁸

O movimento dos trabalhadores neste período – principalmente a experiência operária – na chamada “república velha” era relativamente pequeno na economia brasileira (MATTOS, 2009, p. 36). O fardo recente da escravidão também era um desafio para os próprios trabalhadores na construção de seus discursos sobre o trabalho. Por motivos próximos à construção da “ética do trabalho” advinda do Estado (estudada por Chalhoub), o movimento operário também se viu obrigado a construir discursos positivos sobre o trabalho:

A valorização do trabalho e do trabalhador era, para os primeiros militantes operários, um pré-requisito para que se identificassem como classe e

²⁷ A este respeito, há um livro que trata dos discursos “oficiais” sobre a vadiagem e a mendicância em Curitiba no mesmo período: KARVAT, Erivan Cassiano. *A sociedade do trabalho: discursos e práticas de controle sobre a mendicância e a vadiagem em Curitiba, 1890-1933*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998. 178p. Para uma “ética do trabalho”, na época, nada mais obscuro e perigoso do que a vadiagem e outras práticas similares.

²⁸ Não serão discutidas nesta dissertação as especificidades (anarquismo, socialismo e trabalhismo) do movimento operário da época. Embora a bibliografia usada permita tais discussões, o foco é localizar alguns discursos sobre o trabalho e seus respectivos lugares de origem: o Estado, o movimento operário, a Literatura.

pudessem, então, agir coletivamente por meio de suas organizações sindicais. Isso explica a ênfase de certas manifestações culturais operárias na difusão de uma imagem positiva do trabalho e do trabalhador, ainda que nem sempre com um discurso autônomo da classe, indicando um processo de conscientização complexo em curso (MATTOS, 2009, p.35).

A ideologia burguesa do trabalho adentrava, por motivos parecidos, nas duas apropriações: a do Estado, interessado na ordem social e na manutenção do mercado de trabalho capitalista, e dos trabalhadores que travavam suas lutas políticas no e pelo trabalho, levando-se em conta que as reivindicações do movimento operário da época não se resumiam à esfera produtiva.

Mais à frente, encontra-se o Estado – a ditadura Vargas – se apropriando e controlando autoritariamente algumas demandas e formas organizativas autônomas do movimento operário:

Mas o Estado brasileiro, sobretudo durante a ditadura do Estado Novo (1937-1945), para fazer frente ao crescimento da força organizada do movimento operário, começou a criar leis para reprimir os trabalhadores. Surgiu uma legislação com a finalidade de ‘disciplinar’, hierarquizar e submeter o movimento sindical aos interesses dos governantes, criando uma estrutura sindical rígida, vertical e corporativa e procurando manter os trabalhadores desmobilizados (GONÇALVES, 1990, p.127).

As leis trabalhistas conhecidas como Consolidação das Leis do Trabalho, de 1943, foram o resultado máximo, no sentido de políticas sociais, de todas as reivindicações trazidas para dentro do Estado, contudo, a ideia de “pacto social” não expressou todos os anseios dos trabalhadores, muito menos acabou com a onda repressiva contra os trabalhadores e suas organizações. A apropriação e criação de discursos e reivindicações sobre o trabalho e o trabalhador, principalmente através de órgãos oficiais, foi outra característica marcante da ditadura Vargas, pois a imagem de uma nação de trabalhadores em harmonia era indispensável para legitimar uma identidade nacional condizente com o projeto industrial-desenvolvimentista e nacionalista da época.

Um pouco mais à frente, em meados da década de 1950, tem-se o agenciamento de um novo indivíduo para as construções discursivas do trabalho: trata-se do trabalhador “sertanejo”, migrante, “retirante”. A chamada era modernizadora desse período (na figura de Juscelino Kubitschek 1956-1961) foi de grandes avanços principalmente na indústria automobilística. O historiador Antonio Luigi Negro tratou, principalmente através de relatos jornalísticos da época, a

relação entre o sertanejo e a fábrica na construção discursiva de estereótipos sobre o sertanejo que reforçavam também a ideologia burguesa do trabalho, por exemplo, “o sertanejo foi encontrar de novo a sua terra e, com o rosto ainda crestado pelo sol impiedoso do Nordeste, adere à máquina, integra-se nela e dela vê orgulhoso brotar o fruto que seus braços produziram” (NEGRO, 2004, p. 408).

Explorando outras revistas (da General motor do Brasil) que tratavam do trabalhador nordestino, Negro expõe a seguinte citação da revista: “o cearense não cede; é valente e não se dá por vencido”, “está arraigado ao solo, não o pode abandonar”. “Autoconfiante, o sol arderia até submetê-lo. Assim, quando a fome se tornava “desesperadora”, ele migrava “para lugares distantes” (NEGRO, 2004, p.409). Outros estereótipos nessa mesma obra historiográfica que apelam para a “raça”, o corpo e o trabalho vêm no sentido de dotar de positividade não só o trabalho, mas a própria condição humana do nordestino.

As construções discursivas em torno do trabalhador “sertanejo” neste período (meados da década de 1950 e começo da década de 1960) tinham referentes materiais tanto no aumento do processo de industrialização e urbanização na grande São Paulo quanto nas condições de abandono e miséria de certas regiões do nordeste. Estereótipos que reforçavam, na figura do nordestino, o “atraso”, o “primitivo”, o “arcaico” e o “tradicional” serviam também como exemplos positivos de um universo laboral exploratório e degradado que estava à espera do trabalhador migrante: a “vida operária” dentro das fábricas. Ver-se-á na análise dos contos de Roniwalter Jatobá que é desse trabalhador que o escritor se ocupa majoritariamente. Todavia, o discurso que o literato cria é outro. O sertanejo, o migrante e o camponês são atraídos pelo trabalho na grande cidade e este é uma sinistra arapuca. Entretanto, o embate dialógico entre o antes e o depois em suas vidas leva a uma profunda reflexão sobre as misérias do presente em suas vidas. A literatura traz outro discurso bem diferente desses que foram expostos.

O historiador Paulo Fontes (2004), que parte de uma perspectiva da História Social do trabalho, explorou fortemente as experiências operárias na região de São Miguel Paulista, a mesma que Roniwalter Jatobá morou. Utilizando-se de depoimentos de trabalhadores migrantes da década de 1950 e também de fontes mais convencionais, Fontes expõe as adversidades que os trabalhadores enfrentavam para chegar a grande São Paulo e, posteriormente, conseguir um trabalho, uma moradia, socializar-se. Algumas imagens construídas acerca da

migração (geralmente em pesquisas alimentadas pela teoria da modernização) também são questionadas por Fontes:

Uma certa imagem da migração, vista como um movimento desordenado, 'irracional', feito às pressas, não corresponde à experiência da maior parte dos migrantes. A mudança, decisiva para a vida dos envolvidos, era, na maior parte das vezes, meticulosamente pensada e preparada da melhor forma possível tanto no âmbito familiar quanto no da comunidade (FONTES, 2004, p. 372).

Sustentar que o processo de migração se deu única e exclusivamente de forma desorganizada é, em partes, reforçar os estereótipos de “primitivo”, “instintivo” e outros que aumentam a imagem negativa do nordestino em São Paulo: “só é aceito aqui, em São Paulo, porque trabalha bem”. O processo de migração, antes de tudo, liga-se a fatores de miserabilidade e abandono de algumas regiões do nordeste, ou seja, há toda uma política nacional de desenvolvimento envolvida tanto nos grandes centros urbanos quanto na industrialização localizada do país.

Conforme exposto desde o começo deste capítulo, a esfera discursiva teve a sua importância na construção do trabalho e do trabalhador. Dotar de positividade o trabalho, combater o não trabalhador e justificar as condições degradantes de trabalho com apegos morais e corporais foram artifícios que obtiveram êxito porque contaram, em grande medida, com a força e com a esfera discursiva. Não há como justificar a realidade sem utilizar-se do papel da linguagem, seja ela sofisticada e cheia de conexões materiais que apelam para o simbólico ou simplesmente pela linguagem sem referente que se sustenta majoritariamente com discursos vazios e abstratos.

O fardo do trabalho escravo e, portanto negativo, a “ética do trabalho”, a industrialização dos grandes centros urbanos, a luta dos trabalhadores no decorrer do século XX, o rechaço e combate ao não trabalho e o agenciamento do trabalhador migrante são alguns elementos básicos da História Social do trabalho no Brasil. Há estudos mais pormenorizados sobre esses elementos básicos, e a própria historiografia utilizada aqui permite maiores análises. Contudo, para os objetivos desta pesquisa, considera-se que o contexto geral dos discursos sobre o trabalho no Brasil exposto permite uma compreensão maior em relação a obra *Crônicas da vida operária* de Roniwalter Jatobá.

CAPÍTULO III

CENTRALIDADE ONTOLÓGICA DO TRABALHO

3.1 TRABALHO ONTOLÓGICO: MARX E ENGELS

Se o ponto de partida de Marx e Engels foi a crítica ao trabalho alienado que produz a mais-valia, às condições de trabalho desumanas e depois a adesão ao movimento operário, agora, em suas obras de “maturidade”, a análise é mais complexa, capaz de oferecer uma explicação não só às diversas formas que o trabalho adquiriu ao longo da história, mas também de explicar o surgimento do ser social a partir do trabalho. Esta explicação é chamada de concepção ontológica do trabalho: grosso modo, uma explicação imanente que localiza o surgimento do ser social a partir do trabalho, uma nova concepção materialista e histórica de homem e mundo²⁹.

Marx já apontara a dimensão ontológica do trabalho em sua obra *Manuscritos econômico-filosóficos*, escrita em 1844. Nela, já estão presentes críticas à forma de trabalho assalariada intensificada na sociedade capitalista e à propriedade privada. Entrando em relação dialógica com a Economia Política e com as filosofias idealistas, Marx problematiza o que é trabalho característico da indústria moderna:

Na determinação de que o trabalhador se relaciona com *produto de seu trabalho* como [com] um objeto *estranho* estão todas estas consequências. Com efeito, segundo este pressuposto está claro: quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando (*ausarbeitet*), tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio (*fremd*) que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador] pertence a si próprio (MARX, 2010, p. 81, grifos e observações do tradutor).

As críticas ao trabalho estranhado e suas condições desumanas não são a negação do trabalho em si. Marx constata que o processo de alienação do trabalho ganhou proporções ainda maiores na sociedade capitalista, e com isso aquilo que é solicitado ao ser social vira, na sociedade capitalista, estranhamento e martírio para

²⁹ A ontologia, que tem por preocupação indagar e explicar o que os seres são (alma, deus, mundo, espírito, ideia, cosmos etc.) é reintroduzida no debate de forma histórica e material para explicar o que nós, seres sociais, somos. Por que somos assim e não de outra maneira? O que nos constitui como seres sociais? O ser social é a essência histórica do que somos?

o proletariado, e riqueza e poder de dominação para a burguesia. Trabalho assalariado, mais-valia e propriedade privada são categorias de análise que emergem com força nessa obra em questão e em outras (*Manifesto Comunista*, por exemplo), possibilitando a construção de uma ontologia centrada no trabalho e com objetivos emancipatórios.

Mais à frente, a ontologia centrada no trabalho (re)aparece em Marx de forma mais elaborada na sua obra *O capital*:

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como uma potência natural [*Naturmacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio (MARX, 2013, p. 255).

Mesmo estando em sua forma ainda mais abstrata e desumana característica da sociedade capitalista, a citação acima trata de uma condição solicitada ao ser social sempre, seja no Comunismo ou no Capitalismo, entretanto, nem todos têm o dispêndio de energia nesse processo ininterrupto entre homem, natureza e ação. A perspectiva de mostrar o que somos na ordem liberal-burguesa é uma crítica e combate a aspectos particulares desta ordem que se apresentam como sendo a própria essência do homem: “somos competitivos e proprietários por natureza”, “somos desiguais por natureza”.

Em Engels, também há um aprofundamento sobre a temática do trabalho, colocando nela o traço fundamental que nos distingue dos animais:

O trabalho é a fonte de toda riqueza, afirmam os economistas. Assim é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza. O trabalho, porém, é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem. (ENGELS, 2004, p. 13).

O trabalho funda o ser social e constitui a linguagem como um processo fundamental ao facilitar a comunicação entre homens e mulheres que alteram a natureza e a si mesmos conforme uma ação intencional e planejada (Ibid, p. 23). Engels enfatiza também a importância das mãos para o desenvolvimento do cérebro e depois de artefatos técnicos mais sofisticados.

Em Marx e Engels, o trabalho como categoria fundante do ser social não é apenas mais uma explicação do que somos dentre várias ou a hipótese mais elaborada até o momento. Para os dois autores, esta ontologia tem também implicações político-revolucionárias: *a-*) denunciar e desmistificar o trabalho abstrato que é o elemento fundamental da dominação burguesa sobre os trabalhadores assalariados; *b-*) conscientizar e organizar os trabalhadores com um projeto político-revolucionário. É neste sentido que a ontologia do ser social não se reduz a simples explicação do que somos, pois ela aponta também para caminhos alternativos de sociabilidade.

3.2 TRABALHO ONTOLÓGICO: G. LUKÁCS

Dentro do século XX, o filósofo G. Lukács (1885-1971) percebe e retoma em seus estudos sobre Marx e Engels a ontologia do ser social, aprofundando com isso uma série de questões da concepção de trabalho presente nos dois autores. Para isso, Lukács enfrenta dialogicamente o tratamento que se dava à ontologia em sua época e também critica correntes filosóficas da época que desmobilizavam qualquer indagação sobre o ser por entender que tais indagações além de serem “metafísicas” são também equivocadas (LUKÁCS, 2012).

Lukács reconhece que o estudo sobre a ontologia, ainda que de maneira geral, já era a prática de algumas filosofias de sua época, entretanto, elas partiam do indivíduo isolado, entregue a si mesmo, sendo em alguns casos a expressão do irracionalismo (LUKÁCS, 2010, pp. 34-5). A crítica e a contraposição a outras filosofias que tratavam do ser, bastante enfatizadas pelo autor, são também elementos constitutivos na elaboração de sua ontologia materialista e histórica.

Lukács afirma, partindo de Marx e Engels, que a passagem do ser biológico ao ser social é um salto ontológico, uma “processualidade” social que se dá por meio do trabalho, da incessante mudança do mundo que cerca os homens. As três esferas ontológicas que o autor trata (a inorgânica, a biológica e a do ser social) relacionam-se entre si, e é somente o ser social, dotado de uma teleologia, que transforma a natureza com artefatos técnicos e a si mesmo em um processo evolutivo de sua espécie (LUKÁCS, 2013, p. 44). O salto ontológico via trabalho impulsiona os homens a níveis mais avançados de sociabilidade. Deste salto ontológico começa também o processo de reprodução social e suas múltiplas

determinações.

Na reprodução social, o processo de objetivação-exteriorização é fundamental: a objetivação articula a prévia ideação com o novo objeto existente (que é sempre uma transformação da realidade que gera novos conhecimentos), é a finalidade distinta daquilo que já se tinha na consciência; na exteriorização, o sujeito produz um novo objeto que transforma a realidade e ao mesmo tempo se exterioriza, adquiri novos conhecimentos dentro de um estágio determinado do desenvolvimento social, contribuindo também para o aumento do ser genérico. Contudo, ressalta-se que o aumento do ser genérico não é uma linha reta que atingiria seu cume no progresso. Embora Lukács compartilhe de algumas contribuições da filosofia hegeliana, sua apropriação crítica desta é ciente de que uma defesa do progresso linear e abstrato tende a cair na legitimação da sociedade capitalista, pois é nela que se localiza geralmente a expressão máxima do progresso e da razão.

Em síntese, o trabalho articula a subjetividade com a natureza incessantemente, fazendo ao mesmo tempo o ser social ultrapassar a relação instintiva com a natureza. As necessidades e possibilidades geradas pelo trabalho criam ações e relações sociais que não são mais trabalho: afetividade, artes, filosofia, manifestações religiosas etc. Em outras palavras, não há uma identidade entre a totalidade do ser social e o trabalho, pois do trabalho surgem inúmeras manifestações que não são trabalho (LESSA, 2012).

Essas obras lidas são tomadas como discursos possíveis sobre o trabalho e o ser social, mas salienta-se que essas vozes não detêm a verdade absoluta sobre a questão visto que toda enunciação está em diálogo com outras enunciações e é uma resposta a elas e à sua época, revelando também a visão política e ética do autor que as profere. Então, não há uma homologia entre as palavras e as coisas, pois a palavra é sempre situada e não é uma etiqueta para a fala, a situação e o objeto. O trabalho é um objeto de reflexão tanto para os que se valem dele para garantir a exploração de uma classe sobre a outra quanto para os que se valem dele para a transformação social. Nos dois casos, há o contato com toda uma massa discursiva milenar em torno do trabalho, contudo, cada período histórico tem seus limites e apropriações que também incidem nos embates dialógicos e vice versa. Entrar em contato com os diversos discursos sobre o trabalho e percebê-los enquanto atos que também alteram ou conformam a realidade é um dos pressupostos da filosofia da linguagem advogada nesta dissertação. A centralidade

do trabalho e da linguagem são aqui aceitas.

3.3 CRÍTICAS À CONCEPÇÃO ONTOLÓGICA DO TRABALHO E À SOCIEDADE DO TRABALHO

As críticas à sociedade industrial e às chamadas utopias socialistas (utopias estas ligadas a experiências societais do bloco soviético) no período pós Segunda Guerra Mundial foram várias. Sem distinção ideológico-política, alguns autores igualaram as crenças religiosas, o fascismo, o comunismo e o nazismo como sendo utopias nocivas para a humanidade.³⁰ Entretanto, críticas condizentes com a nova etapa do capitalismo conseguiram captar as mudanças cruciais sofridas no pós Segunda Guerra Mundial. O filósofo Herbert Marcuse (1898-1979), tomando como modelo principalmente os Estados Unidos, denuncia as novas bases da sociedade industrial, mostrando que ela não difere tanto das experiências totalitárias anteriores, inclusive nos aspectos irracionais (a paz via medo, produtividade destruidora, avanço do consumismo, apaziguamento da luta dos trabalhadores) usados para manter esta sociedade (MARCUSE, 1979, p. 14). A tecnologia, para Marcuse, passa a ser contraditoriamente um aparato técnico-econômico capaz de impedir as possibilidades de mudança, gerando com isso uma sociedade positiva e padronizada, o reino do “homem unidimensional”.

O “indivíduo unidimensional” dessa sociedade industrial é domesticado, tomado pela “racionalidade técnica” e pelo consumo que satisfaz suas aparentes necessidades:

Podemos distinguir tanto as necessidades verídicas como as falsas necessidades. ‘Falsas necessidades’ são aquelas superimpostas ao indivíduo por interesses sociais particulares ao reprimi-lo: as necessidades que perpetuam a labuta, a agressividade, a miséria, e a injustiça. Sua satisfação pode ser assaz agradável ao indivíduo, mas a felicidade deste não é uma condição que tem de ser mantida e protegida caso sirva para coibir o desenvolvimento da aptidão (dele e de outros) para reconhecer a moléstia do todo e aproveitar as oportunidades de cura. Então, o resultado é a euforia na infelicidade. A maioria das necessidades comuns de descansar, distrair-se, comportar-se e consumir de acordo com os anúncios, amar e odiar o que os outros amam e odeiam, pertence a essa categoria de falsas necessidades (MARCUSE, 1979, p. 26).

³⁰ Algumas críticas folclóricas e mistificadas em torno de Marx e do marxismo encontram-se em: ARON, Raymond. *O ópio dos intelectuais*. Brasília (DF): Ed. Univ. Brasília, 1980. 257p.; ARON, Raymond. *O marxismo de Marx*. São Paulo: ARX, 2003. 647p.; SCHUMPETER, Joseph Alois. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. 512p.

Marcuse reduz – ou não acredita tanto – o poder de transformação dos indivíduos porque estes já estão tomados pela “racionalidade técnica” que tudo domina e domestica. Na linha argumentativa do filósofo alemão, o enquadramento na sociedade de consumo, o conformismo generalizado, a perda de radicalidade dos partidos e sindicatos e a aparente homogeneização das classes sociais expressam e confirmam o triunfo do “homem unidimensional”. E em uma sociedade como essa, na perspectiva de Marcuse, o trabalho e o trabalhador não podem ser tomados com entusiasmos revolucionários, pois a racionalidade técnico-econômica atingiu, mesmo tendo de conviver com o oposto, seu objetivo de apaziguar os conflitos sociais que vinham desde o século XIX nos partidos, nos sindicatos, nas lutas sociais. Contudo, surgem outros sujeitos revolucionários na obra do pensador alemão, a saber: os jovens, os não empregáveis e até um ser social “reformatado” a partir de outra racionalidade, agora reflexiva. Há também uma aposta na via emancipatória, partindo da reflexão possibilitada pela dimensão estética e artística.

Já em relação à hipótese da centralidade ontológica do trabalho, várias críticas vieram no decorrer da segunda metade do século XX. O filósofo J. Habermas reconhece a importância das estruturas de trabalho e linguagem como responsáveis pela forma de reprodução da vida humana, o ponto de partida para a evolução social, contudo, afirma que o trabalho e a linguagem são anteriores ao homem e à sociedade (HABERMAS, 1990. pp. 111-162). Com isso, Habermas distancia-se da hipótese de salto ontológico através do trabalho, e também questiona a centralidade ontológica do ser social sustentada principalmente pelo trabalho. Já a linguagem, ganha outra abordagem e importância, constituindo-se como “comunicação” e sendo capaz de mobilizar a “razão comunicativa”, uma saída do mundo do sistema e um voltar-se para o mundo da vida. O trabalho já estaria vinculado e dado dentro do sistema técnico e a “razão comunicativa”, dentro de uma “ideologia do cotidiano”, poderia emancipar os seres sociais.

Contudo, destaca-se aqui que a perspectiva de Habermas é gnosiológica enquanto a de Lukács é ontológica. São tradições distintas que também geram visões de mundo e homem distintas. A perspectiva ontológica, sustentada por Lukács na *Ontologia do ser social*, não nega a importância da epistemologia, e sim a submete à ontologia, pois é o indagar-se ontológico que permite uma apreensão mais acurada do que os seres são – o ser social em específico.

O filósofo André Gorz (1923-2007), influenciado por outra tradição de crítica à

modernidade (Max Weber, Hannah Arendt, Jurgen Habermas) propõe-se principalmente na obra *Metamorfoses do trabalho* a analisar as diversas mudanças que o trabalho vem sofrendo ao longo da história. “O que chamamos ‘trabalho’ é uma invenção da modernidade, não se confundido com o que era o trabalho na antiguidade, onde este era o lugar do privado, da necessidade, da mulher, do escravo” (GORZ, 2007, p. 21). Na modernidade, o trabalho tende cada vez mais a ser dominado pela racionalidade econômica³¹, gerando com isso consequências em todas as esferas da vida social. A colonização irracional dos reinos da necessidade (alimentar-se, vestir-se, higiene pessoal, afetividade etc.) e da liberdade (“tempo liberado”) seria a consequência máxima da racionalidade econômica.

Como exemplo desta irracionalidade da racionalidade econômica, Gorz expõe algumas reivindicações de movimentos sociais da época que exigiam o reconhecimento e uma legislação trabalhista de todas as tarefas domésticas como sendo “trabalho” tal como o operário, o engenheiro, a prostituta, a dona de casa etc. Para ele, todo o trabalho produtivo, ontológico, criativo, dentro da sociedade contemporânea, passa por um assujeitamento ao trabalho mercantilizado e isso o torna nefasto, tendo consequências existenciais para aquele que o exerce. O trabalho se transforma sempre em mercadoria dado pelas condições negativas da sociedade capitalista.

Lidando com estes novos acontecimentos da sociedade industrial, Gorz problematiza a oposição entre autonomia e heteronomia como substituta da oposição reino da necessidade e reino da liberdade. Sobre a heteronomia, na esfera da produção, ele diz:

Ora, a esfera da necessidade não tem hoje nem a mesma extensão nem as mesmas características. A quase totalidade das produções e das tarefas necessárias à vida é industrializada; o necessário nos é fornecido principalmente pelo trabalho heterônimo, isto é, pelo trabalho socialmente dividido, especializado e profissionalizado, cumprido em vista de sua troca mercantil e do qual nem o valor de troca, nem a duração, nem a natureza, nem sua finalidade, nem seu sentido, podem ser soberanamente determinados por nós mesmos. (GORZ, 2007, p. 165).

Nessa citação, Gorz traz à tona a força da “racionalidade econômica” que

³¹ As polêmicas e críticas a Max Weber e à categoria de análise da “racionalidade econômica” encontram-se em: MÉSZÁROS, Istvan. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2011. 1102p. pp. 405-418; WOOD, Ellen Meiksins. *Democracia contra o capitalismo: a renovação do materialismo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2003. 261p. pp. 129-154.

dominou tudo aquilo que era o reino da necessidade no tempo de Marx, seja o trabalho doméstico ou o socialmente dividido. E este trabalho, que é heterônomo, não pode garantir o que ele chama de “autonomia”: a *poiesis* possível no “tempo livre”.

Nesta linha reflexiva e de crítica a tudo isso, Gorz se propõe a racionalizar a própria racionalização. A modernização, utilizando-se fortemente da razão, produziu tudo aquilo que supostamente a diferenciava de períodos anteriores, por exemplo, o mito, o irracionalismo, o dogma. O alcance da modernidade não se deu em todas as esferas da vida, como se anunciava e esperava na *Ilustração da Humanidade*, e sim na esfera econômica, e a custos que submetia a própria humanidade aos ditames do Capitalismo, do “cálculo contábil”. Gorz não reclama nem considera que o fato de a “racionalidade econômica” não continuar a sua colonização em outras esferas da vida tenha sido uma perda, pelo contrário:

Com estas observações, não pretendo sugerir que a racionalização possa ou deva estender-se indefinidamente, abrangendo tudo o que ainda lhe escapa. Ao contrário: mostrarei que a ela impõem-se limites ontológicos, existenciais e que tais limites só podem ser abolidos às custas de falsas racionalizações, elas próprias irracionais, em que a racionalização transforma-se em seu oposto. (GORZ, 2007, p. 13)

Abandonar a razão para denunciar a irracionalidade da racionalidade – conforme algumas correntes do pensamento atuais ditas pós-modernas – não é a saída adotada pelo autor. Gorz, em *Metamorfoses do trabalho*, explora as evidentes contradições das apologias do “tempo liberado” que defendem a implementação cada vez maior da informatização e da robótica na esfera de produção econômica:

Dizer que elas, [a informatização e a robótica], ‘criam empregos’ é uma maneira paradoxal de desmentir a racionalidade econômica que lhes serve, aliás, de justificativa: os *fast foods*, os robôs e computadores domésticos, os salões de beleza *express* etc., têm por fim não *fornecer trabalho*, mas economizá-lo. Se exigem trabalho remunerado, isto é, empregos, a quantidade de trabalho remunerado é contudo muito inferior à quantidade de trabalho doméstico economizado. Se assim não fosse, tais produtos e serviços seriam economicamente inacessíveis e inviáveis para a imensa maioria das pessoas: para ganhar uma hora de tempo disponível, um assalariado médio precisaria despende o salário de uma hora de trabalho, ou mais; ele ou ela precisaria trabalhar ao menos uma hora a mais para conseguir uma hora suplementar de tempo liberado; todo o tempo ganho nas tarefas domésticas precisaria ser trabalhado (ou trabalhado a mais) na indústria ou no escritório etc. (GORZ, 2007, p. 16, grifos do autor)

A crítica do autor à “racionalidade econômica” não se restringe só a esta, pelo

contrário, tamanha mudança na esfera econômica tem implicações sociais e políticas, implica profundamente todas as esferas da sociedade. Gorz defende o “tempo livre” – a esfera da autonomia – para todos³² em contraposição ao trabalho moderno reduzido a heterônomo. Contudo, o autor sabe que este “tempo livre” no capitalismo é característico das classes dominantes, e faz críticas profundas ao “tempo livre” excludente e gerador dos serviçais: “*o desenvolvimento dos serviços pessoais só é possível em um contexto de desigualdade social crescente, onde uma parte da população açambarca as atividades bem remuneradas e constrange uma outra parte ao papel de serviçal*” (GORZ, 2007, p.155, grifos do autor).

Para a reprodução doméstica das classes dominantes existem – o que no passado foi o escravo na casa grande – os serviçais (babás, copeiras, cozinheiras, cabeleireiras, faxineiras, motoristas, entregadores etc.) responsáveis pelas atividades subalternas que geram tempo liberado para estas mesmas classes dominantes, chamadas também de *classes hiperativas* na esfera econômica. O tempo do trabalhador serviçal, que assume o *trabalho para si*³³ das classes dominantes, custa menos e possibilita que estas últimas tenham mais “tempo livre” para outras atividades: lazer, consumo, sexo, cultura, aquisição intelectual e espiritual, futilidades. Contudo, essas *classes hiperativas* geralmente têm serviçais não para o tempo liberado da esfera produtiva, e sim para trabalharem mais.

Seguir esta lógica da “racionalidade econômica” em atividades que não têm como fim o lucro, para Gorz, é continuar operando a razão através de seus mecanismos irracionais. É uma outra forma de colonizar todas as esferas da vida mediante exploração e acirramento das desigualdades sociais, e não o compensatório “natural” dos postos de trabalho extintos pela informatização e robótica. Nesse sentido, a centralidade do trabalho como horizonte teórico-político, segundo Gorz, pode reforçar ainda mais a “racionalidade econômica”, e também impedir o surgimento de diferentes alternativas de emancipação humana. Para Gorz, a ênfase de que a noção de trabalho alimentada pela tradição marxista é uma construção datada impõe desafios teóricos e prático-políticos. O que é o trabalho e o

³² O alcance deste “tempo livre” do trabalho para todos é bastante criticado, considerado ingênuo ou demasiado utópico por não levar em conta criticamente as contradições insolúveis no capitalismo: PADILHA, Valquíria. *Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito*. Campinas, SP: Alínea, 2000. 111p.

³³ O autor define o trabalho para si como: “produção de valor uso do qual somos nós mesmos os artesãos e os únicos destinatários. É uma das duas principais formas de atividade não mercantil”. (GORZ, 2003. p. 152). Mais adiante, o autor afirma que “atualmente, do trabalho em si só sobraram as atividades de autoconservação: lavar-se, vestir-se, lavar a roupa e a louça, fazer as compras (...)”

trabalhador é uma questão que rompe a primazia do trabalhador fabril-urbano dotado de um compromisso histórico. O trabalho nas últimas quatro décadas dominado ainda mais pela “racionalidade econômica” complexificou-se bastante, seja na forte automação ou na área de serviços.

As críticas de Gorz e Marcuse à sociedade capitalista contemporânea aproximam-se, mesmo pertencendo a momentos diferentes e com suas respectivas peculiaridades, no seguinte questionamento: qual o papel do sujeito coletivo responsável pela emancipação humana em uma sociedade cada vez mais dominada seja pela lógica do capital ou pela “racionalidade econômica”? O proletariado fabril, típico da industrialização, não quer mais a revolução, adaptou-se, virou de fato um “homem unidimensional”?

O filósofo G. Lukács (2009), que escreveu os seus ensaios antes de Gorz e Marcuse, já apontava como que certas posturas pessimistas cumprem um papel ideológico:

A força crescente do pessimismo em nossos dias evidencia essas raízes sociais; ele aparece, quase sempre, como pessimismo cultural, como negação do progresso nas questões essenciais da humanidade. E é com esta situação atual da intelectualidade contemporânea, já mencionada, que se relaciona estreitamente o fato de o pessimismo adquirir, cada vez mais, um caráter ‘elegante’, em oposição ao otimismo robusto e plebeu: o pessimismo aparece como algo autenticamente espiritual, moralmente superior ao otimismo. Também para isto se pode invocar uma relativa justificação: na ambiência social uma apologia da vida capitalista empenhada, de um lado, em negar e, de outro, em idealizar tudo o que nessa vida há de monstruoso, vil, desumano; na ambiência social em que impera um vulgar conceito de progresso, que identifica o desenvolvimento da sua economia e da sua civilização técnica a uma ascensão linear, desconsiderando os seus efeitos destrutivos sobre o homem e a cultura – numa ambiência social como esta, os que assumem o ceticismo e até o pessimismo podem considerar-se num nível intelectual e moral superior ao de seus adversários (LUKÁCS, 2009, pp. 38-39).

Estas críticas de Lukács, que podem apenas em partes ser direcionadas a Marcuse e Gorz, acertam em cheio muito mais em uma outra geração pessimista que ele não chegou a conhecer: o pós-modernismo cético não só em relação à centralidade do trabalho ou às utopias humanistas, mas também a qualquer forma de superação da ordem vigente. Gorz e Marcuse, apesar de criticarem radicalmente a sociedade contemporânea (o primeiro focando mais o trabalho e o segundo a sociedade como um todo), alimentavam também suas respectivas utopias. Tanto Marcuse quanto Gorz criticam o modelo societal, abrindo outras possibilidades de

sociedade. Como já referidos, são outros os sujeitos emancipatórios, de acordo com seus pensamentos críticos.

Hoje, e não somente nas sociedades industriais “avançadas”, pode-se dizer que o “homem unidimensional” tomado pela “racionalidade técnica” continua sua caminhada, seja pelos corredores movimentados com largas vitrines cheias de feitiço ou pela busca incessante de postos de trabalho (refere-se aqui ao trabalho de “serviçais”) em todas as esferas da vida social. Contudo, a resistência e o combate a esses corredores largos e cheios de feitiço e ao trabalho serviçal não se distraíram com as vitrines consumíveis, com as ordens das *classes hiperativas*.

Um outro ponto de vista que não necessariamente é uma crítica direta à centralidade ontológica do trabalho encontra-se no sociólogo Richard Sennet (2006). O sociólogo estadunidense, que tem como campo empírico de análise o universo do trabalho em empregos mais populares nos Estados Unidos, não oblitera as diferenças sócio-econômicas profundas entre os dois momentos do Capitalismo que vão da década de 1970 a década de 1990, por exemplo, a perda (ou transferência para outras regiões) de postos de trabalho, a perda de atuação política dos sindicatos e a perda de direitos sociais conquistados. A preocupação de Sennett é em torno de questões mais subjetivas no Capitalismo atual e “flexível”: as mudanças no mundo do trabalho têm consequências drásticas nas relações pessoais extra trabalho também.

O trabalhador dotado de uma “narrativa linear” já era a expressão de uma sociedade burocrática e hierarquicamente excludente, com pouquíssimas chances de mobilidade social. Entretanto, a ideologia do “trabalho flexível” conseguiu maximizar a exploração capitalista. Além de tirar a “narrativa linear” do trabalhador, que mesmo em condições exploratórias conseguia em partes dar expectativas de uma vida melhor, o “trabalho flexível” fragmentou também outras esferas da vida social: o caráter e os laços de solidariedade entre os trabalhadores, por menores que fossem. O combate à “rotina” como sendo uma característica do trabalho viciado e pouco produtivo reforça a crença do trabalhador flexível e mutável (polivalente), disposto a recomeçar em qualquer emprego e a qualquer momento.

Nessa linha de raciocínio, Sennet constrói toda uma argumentação no sentido de aprofundar a reflexão entre as exigências do “trabalho flexível” e sem vínculos e a necessidade de valores sólidos e perenes exigidos no âmbito familiar e afetivo. O trabalhador padrão do Capitalismo pós Segunda Guerra Mundial (assalariado, com

direitos sociais básicos e um emprego duradouro por quase toda a vida) foi suplantado pelo trabalhador sem narrativas, que não tem laços de pertencimento e solidariedade com uma classe social ou comunidade. A mudança no Capitalismo atual (que Sennet não reduz à chamada “reestruturação produtiva”) enraizou-se ainda mais porque conta com uma nova forma de sociabilidade dentro e fora do trabalho, onde as características típicas da ordem social capitalista (competição, individualismo, culto ao presentismo, consumismo, egoísmo, “inovação”) viraram a regra para toda e qualquer forma de interação humana.

Assim, têm-se aí alguns discursos sobre o trabalho e a partir deles, com certeza, também, empreende-se aqui um olhar para o discurso literário sobre o trabalho. Roniwalter Jatobá traz outra voz, mas em embate implícito com essas vozes, pois participa de uma mesma situacionalidade histórica e o diálogo é inelutável.

CAPÍTULO IV

CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DO TRABALHO EM JATOBÁ

4.1 RONIWALTER JATOBÁ: BIOGRAFIA E OBRAS

Neste capítulo, a biografia e as obras de Jatobá são expostas brevemente no sentido de apresentar o autor, de um lado, e de trazer informações e questões de suas obras, do outro. Até o presente momento não há uma bibliografia acadêmica suficiente que permita fazer uma revisão de literatura substantiva sobre as obras de Jatobá. O que se tem, por enquanto, consiste em uma pequena produção sob a forma de artigos (que serão utilizados na análise literária) e diversos *blogs* com reflexões fora dos padrões acadêmicos. O comentário detalhado de cada obra não será possível, optando-se aqui por uma seleção que leva em conta a aproximação com o objeto de estudos dessa pesquisa: as construções discursivas do trabalho.

Roniwalter Jatobá³⁴ é natural da cidade de Campanário, Minas Gerais. Nascido em 1949, Jatobá estabeleceu-se na grande São Paulo no início da década de 1970 e vive nela até os dias atuais. Suas obras cronologicamente são³⁵: *Sabor de química – Crônicas norderstinas* (1977, prêmio Escrita de Literatura); *Crônicas da vida operária, testemunhos* (1978, finalista do prêmio Casa das Américas); *Filhos do medo* (1979); *Viagem à montanha azul* (1982); *Trabalhadores do Brasil: histórias do povo brasileiro* (1998, organizador); *O pavão misterioso e outras memórias* (1999, finalista do prêmio Jabuti); *Paragens* (2004, finalista do Prêmio Jabuti); *O jovem Che Guevara* (2004); *O jovem JK* (2005); *Rios sedentos* (2006); *O jovem Fidel Castro* (2008); *O jovem Luiz Gonzaga* (2009); *Viagem ao outro lado mundo* (2009); *Contos antológicos* (2009); *Cheiro de chocolate e outras histórias* (2012); *O jovem Monteiro Lobato* (2012); *Alguém para amar a vida inteira* (2012).

³⁴ As informações biográficas foram extraídas de seus livros (prefácios e introduções), entrevistas (algumas também de sítios e outras audiovisuais) que serão abordadas mais à frente. Por enquanto, começam-se com os seguintes sítios. Disponíveis em: <http://blogdaboitempo.com.br/category/colunas/roniwalter-jatoba/>. Acesso em 30/08/2014; <http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=12583>. Acessado em 30/08/2014; <http://www.ube.org.br/biografias-detalle.asp?ID=849>. Acesso em 05/08/2014.

³⁵ As informações biográficas disponíveis têm diferenças em relação a datas de publicação e a premiações. Tentando superar ou diminuir estes conflitos de informação, usou-se como critério último, que também não está imune à reprodução de erros, as datas e premiações mencionadas em entrevistas audiovisuais.

Antes de vir a São Paulo, Jatobá teve suas experiências laborativas de caminhoneiro no sertão baiano e depois entrou no universo laboral fabril como operário na Karmann-Ghia³⁶. O contato com o universo laboral fabril se dava também no seu próprio local de residência: ao lado da Nitroquímica, no bairro São Miguel Paulista. Em 1973, Jatobá passa a trabalhar na Editora Abril, e lá, além de aprofundar seus contatos com a Literatura, conseguiu também uma “oportunidade” para estudar Jornalismo, curso este concluído em 1978.

A origem social não abastada do interior de Minas Gerais e da Bahia, suas experiências laborais de caminhoneiro, de operário e depois de redator são marcantes na sua produção literária, principalmente em temas que envolvem o trabalhador migrante, o “progresso ilusório”, as dificuldades na cidade grande e o trabalho que aparece desde o artesanal e doméstico até o trabalho fabril na linha de produção. O trabalho e a ênfase no cotidiano das periferias da grande São Paulo são recorrentes em suas obras, exceto as biográficas: Che Guevara e Monteiro Lobato.

Mesmo tendo essa vivência e aproximação com a realidade operária, há de se destacar que quando Jatobá começa a escrever não está mais diretamente em contato com o universo operário, e isto não invalida a sua sensibilidade e aproximação críticas com a vida operária na grande São Paulo. O que se coloca aqui é que Jatobá teve não só o contato mais aprofundado com a Literatura quando deixou sua vida operária e passou a atuar como redator e jornalista como também adquiriu outras visões de mundo, valores, preocupações e recursos artístico-culturais.

O fato de Jatobá se voltar às experiências da classe operária depois de não mais estar laboralmente nela é um processo com dois movimentos: o primeiro é o distanciamento e a sua reflexão, desta vez com outras experiências (de jornalista, redator, escritor) que permitem maiores comparativos; o segundo é a volta, agora como escritor comprometido socialmente e dotado de um estilo literário, à sua própria experiência de vida, e não somente de um ponto de vista autobiográfico, mas

³⁶ *Karmann-Guia* é uma empresa alemã que nas décadas de 1960 e 1970 manteve uma parceria com a montadora de carros também alemã *Wolkswagen*. Nesse período, a *Karmann-Guia* produziu uma edição de carros que ficou conhecida pelo seu fino acabamento de luxo e estilos esportivo. Disponível em: <http://www.karmannghia.com.br/sitekarmannghia/index.php/quem-somos/historia>. Acesso em 11/09/20014. Jatobá, no livro *Crônicas da vida operária*, deixa seu relato biográfico-ficcional bem crítico em relação aos acabamentos (principalmente de pintura e lataria) dados aos carros de luxo das duas empresas alemãs.

também de um ponto de vista que é social (ligado ao contexto de sua época) e ao mesmo tempo individual, com forte apelo subjetivo, seja com traços autobiográficos, ficcionais ou juntos. Os planos social e individual conectam-se um no outro, porém, sem a perda de suas características complexas e contraditórias presentes nas personagens.

Do social, Jatobá constrói discursos do cotidiano embasados na realidade do trabalhador migrante, seja na ida a São Paulo, na procura de emprego, no trajeto de ida e volta do trabalho, no convívio no interior da fábrica, no local de moradia, ou seja, mergulha na “ideologia do cotidiano” e a entrelaça a outras vozes, recriando o social a partir do literário. Do individual, Jatobá explora o que é o trabalho e sua condição para o trabalhador migrante, principalmente nos choques culturais que acontecem na dimensão simbólica. O trabalhador individualizado e, portanto, cheio de angústias, contradições, fantasias e admirações é o lugar onde Jatobá insere suas críticas a um fenômeno que é anterior, mas que ficou ainda mais marcante na década de 1970: o processo de migração para a grande São Paulo.

Colocando-se como cronista e na missão de deixar um testemunho sobre a realidade operária³⁷, Jatobá em seu primeiro livro³⁸ apresenta uma característica marcante que o seguirá em outras obras: a crítica à cidade grande e às condições de trabalho associadas a um saudosismo que é alimentado também por suas experiências vividas, contudo, sem perder o teor crítico. Geralmente com narradores em primeira pessoa (às vezes em terceira pessoa), Jatobá explora na sua primeira obra a linguagem popular, o universo simbólico, as condições degradantes do trabalho e do entorno da fábrica.

O compromisso de documentar as experiências operárias é abordado pelo comentador Renato Pompeu na introdução da segunda edição de *Sabor de química* da seguinte maneira:

Como ex-operário que quer escrever sobre operários, o próprio Jatobá não parece ter muita consciência da importância de sua própria obra. Em suas entrevistas, ele costuma apresentar-se não como um artista, mas como alguém que quer simplesmente defender os proletários. Chega mesmo a apresentar-se como realista vulgar, mais preocupado em documentar a vida real do que em criar um mundo próprio como artista. Nisso, ele se engana –

³⁷ Essas afirmações são feitas por Jatobá na entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bRFvBDJKc7E>. Acesso em 08/09/2014.

³⁸ Após a segunda edição, a obra *Sabor de química* perde seu subtítulo de “crônicas nordestinas”. Muda-se também a capa que, de um trabalhador sofrido e sem rosto, passa a ser mais abstrata, com combinações de cores vivas e suaves.

como pode ver qualquer leitor com algum treino literário neste “Sabor de Química”. A partir do mundo operário da periferia de São Paulo, Jatobá chega ao nível da arte não pelo que em sua obra existe de documental, mas exatamente pelo que nela há de universal, de constatações sobre a condição humana sempre às voltas com as precárias condições da sociedade (JATOBÁ, 1981, p.9).

Jatobá também morava na região da Nitroquímica, teve contato próximo com os trabalhadores da fábrica e com o cotidiano operário dela. As “constatações sobre a condição humana às voltas com as precárias condições da sociedade” mencionadas remetem ao universo do trabalho precário e cheio de contradições que não se reduzem à extração da “mais-valia”, pois o autor explora essas contradições no âmbito subjetivo das personagens. A tarefa de despertar a consciência política fora de moldes convencionais (sindicatos, imprensa operária, partidos) é também destacada por Pompeu na introdução citada. Essa preocupação política com a realidade operária a partir de um ponto de vista individualizado ganha maiores construções discursivas, dependendo a obra, quando acompanhada do saudosismo, por exemplo, em *Crônicas da vida operária*.

Em *A marca da mudança na ficção de Roniwalter Jatobá*, capítulo este pertence à obra *Sabor de química*, o comentador Fábio Lucas faz uma análise que em partes enfatiza aspectos saudosistas, a desumanização na grande cidade e as mudanças de valores éticos. Lucas encerra sua análise da seguinte maneira:

Sabor de química é simbólico sob muitas formas. O estranhamento que vem à boca da personagem do conto-título, comida pela atividade insalubre na indústria, retrata todo o amargor dos que mudam sem compensação. São condenados a cuspir seu ódio nos outros. (JATOBÁ, 1991, p.11).

Na obra *Crônicas da vida operária* (1979), Jatobá dá continuidade às suas preocupações e críticas em torno do trabalhador migrante, suas relações cotidianas e da exploração do trabalhador em São Paulo. Uma pequena biografia/ comentário em *Crônicas da vida operária* diz:

Com solidariedade e simpatia por suas personagens, Roniwalter Jatobá retrata as duras condições de vida nos trens de subúrbio, nas casas pobres da periferia, nas indústrias e nos alojamentos de trabalho. ‘Crônicas da vida operária’ (1978) e o romance ‘Filhos do medo (1979)’ – ora editados pelo Círculo – representam, com inteligência e sensibilidade, uma literatura de participação social que evita o sentimentalismo e a mensagem panfletária. (JATOBÁ, 1979, p. 181-182).

O cuidado para não cair em críticas estereotipadas e de “cartilha” sem deixar

de apresentar uma visão crítica e carregada de construções discursivas vastas é constante em *Crônicas da vida operária* e em outras obras. Em *Filhos do medo* (1979), que é um romance construído à maneira de contos, Jatobá novamente aborda o universo do trabalho fabril em São Paulo. Aspectos subjetivos, condições de opressão (mãe, pai e filho), trabalhador migrante e a exploração do trabalho aparecem dentro dos mesmos artifícios composicionais: narradores em primeira e terceira pessoas, cronologia não linear, desfecho geralmente trágico, saudosismo, diálogos com o leitor e particularismos que remetem a uma noção de classe.

Pode-se afirmar que dentro da crítica literária das obras de Jatobá há um ponto comum que enxerga nele um escritor comprometido com alguns acontecimentos de sua época (migração, industrialização, condições precárias no trabalho e nas periferias da grande São Paulo) e com o trabalho de modo geral, principalmente na Literatura brasileira. Essa preocupação com o trabalho, agora dentro da Literatura e com um recorte cronológico, levou Jatobá a aumentar sua abordagem sobre o trabalho. Em 1998, Jatobá publicou um livro com quarenta contos que abordam o trabalho na Literatura Brasileira no século XX. Constituído de diversos autores conhecidos (Machado de Assis, Lima Barreto e Graciliano Ramos, por exemplo) até os menos conhecidos, o livro de Jatobá manifesta sua preocupação e busca pelo trabalho na Literatura brasileira:

ESTA ANTOLOGIA DE CONTOS, *Trabalhadores do Brasil*, nasceu de um desafio. Em 1994, alguém cujo nome não me lembro disse que o escritor brasileiro, com raríssimas exceções, olhava apenas para o próprio umbigo e 'não escrevia nada sobre o povo brasileiro'. Ao contrário dos demais presentes, fugi da provocação, mas naquele momento me deu uma imensa vontade de encarar um projeto literário que reunisse histórias sobre um assunto muito debatido neste final de século: o trabalho. Minha primeira indagação para organizar a coletânea foi como o autor nacional abordou, neste último período de cerca de cem anos da vida brasileira, homens, mulheres e crianças no dia-a-dia de sua sobrevivência. Fui portanto à luta, ou melhor, à leitura (JATOBÁ, 1998, p.15).

De fato, Jatobá tocou em uma temática – o trabalho na Literatura brasileira – que ainda carece de estudos mais aprofundados. A visão crítica da Literatura é outro ponto bastante destacado por Roniwalter Jatobá nessa obra, pois são contos que em sua maioria partem do dia-a-dia das pessoas, da linguagem dos marginalizados da cidade grande e de profundas transformações no país (JATOBÁ, 1998, p.16).

No livro *Cheiro de chocolate e outras histórias*, lançado em 2012, Jatobá continua sua ênfase no cotidiano hostil da grande São Paulo e no trabalhador

migrante que tem condições degradantes seja no trabalho ou fora dele. O forte apelo ao saudosismo da cidade de origem também aparece nessa obra em um teor crítico ao estabelecer contrapontos entre a cidade urbana e modernizada e o lugar de origem, por exemplo, o sertão baiano no conto “Em algum lugar no futuro”. Nessa obra há, como em outras, elementos que correspondem às experiências de vida de Jatobá: no conto “Jardim dos sonhos” há passagens que resgatam memórias da região de São Miguel Paulista e atividades profissionais em uma editora.

Mas, para não transformar Jatobá em um autor reduzido, sem criatividade e complexidade em suas abordagens acerca da “ideologia do cotidiano”, do trabalho e do trabalhador destacam-se aqui algumas críticas que Bakhtin (2003, p. 3-20) fez a práticas correntes de sua época em relação às personagens e suas inúmeras classificações e definições insuficientes e também aos métodos biográficos e sociológicos que tendiam a reduzir-se um no outro. A biografia do autor é importante na análise literária, contudo, ela é mais um dentre vários outros elementos a serem analisados.

4.2 CRÔNICAS DA VIDA OPERÁRIA

O livro *Crônicas da vida operária*, publicado em 1978, é a segunda obra do escritor Roniwalter Jatobá. O livro é constituído de sete contos: “A mão esquerda”; “Alojamento”; “O pano vermelho”; “Trabalhadores”; “Nos olhos, gases e batatas”; “Duas margens”; “O trem, a estação... todos os dias”. O tempo presente dos contos vai da década de 1950 (“O pano vermelho”) até meados da década de 1970. Entretanto, as personagens refletem sobre passado e futuro. O espaço é a grande São Paulo em contraposição a outros espaços de origem das personagens. O trabalho em questão em não é o ontológico. O operário em questão não é o organizado politicamente e revolucionário: no discurso literário de Jatobá esse operário é inexistente. O trabalho assalariado das personagens de Jatobá aparece na sua forma mais estranhada se comparado com outros contextos da época que já tinham atingido uma espécie de diminuição dos conflitos de classe social e conquistas de direitos via adaptação à ordem vigente (Estados Unidos e partes da Europa).

Nos sete contos, Jatobá utiliza-se de personagens migrantes que trabalham e

que às vezes têm dificuldades para conseguir um emprego. O forte apelo a características do cotidiano aparece nos contos também no sentido de enfatizar uma crítica à situação do trabalhador migrante que laboralmente e simbolicamente não se encontra e não se realiza na cidade grande. Os trabalhadores construídos por Jatobá nesses contos são individualizados, contudo, suas lembranças e reflexões apontam para uma consciência coletiva que se alimenta do local de partida, ou seja, da cidade pequena. Esse aspecto individualizado das personagens de Jatobá não é o mesmo da ideologia individualista que apela para o “eu” dissociado do “nós”. Jatobá, ao construir personagens individualizadas, ressalta a realidade de um outro trabalhador mais específico, complexo e próximo da “ideologia do cotidiano”: é um trabalhador que sonha, que é reflexivo e crítico de sua condição operária, que alimenta saudades e frustrações, que se admira com o banal, que observa detalhes que lhe são estranhos.

Utilizando-se de narradores em primeira e terceira pessoas e de uma cronologia que às vezes é linear e outras vezes não, Jatobá não apresenta ao leitor um trabalhador passivo, sem voz. Jatobá dá voz ao próprio trabalhador – que é sempre o narrador dos contos – para que este narre sua história, seu universo simbólico, converse e compartilhe com o leitor sonhos e frustrações no trabalho da cidade grande. A importância de resgatar esse trabalhador de forma ficcionalizada, porém crítica e em diálogo com os outros discursos, não se distancia de seu protagonismo que vai para além de “trabalhador com a profissional assinada”. Esse protagonismo traz um ser humano dotado de reflexão, angústias, sonhos e críticas por pior que sejam as condições adversas.

Nesse sentido, destacam-se duas características que tornam as personagens de Jatobá mais complexas: *i-*) a crítica ao trabalho, aos sonhos perdidos e às condições da cidade grande são também um ato reflexivo – e em alguns casos angustiante – da própria personagem, de sua vida como um todo e não somente como trabalhador; *ii-*) o retorno, as lembranças e as saudades são as possíveis saídas de uma vida que não deu certo na cidade grande. Dessa maneira, as críticas de Jatobá não se restringem a críticas ao trabalho assalariado fabril e suas condições degradantes. Indo além, a visão de mundo de Jatobá, artisticamente expressa em suas obras, tenta mostrar que esse trabalhador migrante adaptando-se ou não ao trabalho, com relativo êxito ou sem, não se realiza, mas não perde sua referência identitária maior que é do lugar de onde partiu. O peso da falta de

oportunidades na cidade pequena, o fardo de escolhas erradas na cidade grande e a presença de lembranças acompanham as personagens de Jatobá.

Mas a obra *Crônicas da vida operária* traz consigo mais especificidades. O diálogo com alguns aspectos do contexto da época acontece em seus contos seja de maneira mais direta: desafios cotidianos e descontentamentos do trabalhador migrante, industrialização intensificada, aumento das grandes cidades, trabalho exploratório; ou de maneira mais indireta: organização dos trabalhadores e lutas sindicais, o abandono da região nordestina, crítica aos discursos desenvolvimentistas que serviam à industrialização exploratória. O cuidado para não cair em uma “mensagem panfletária” (palavras do autor) já é uma resposta endereçada a outros discursos circulantes da época que não abordavam os aspectos subjetivos desse trabalhador migrante que não se realiza na cidade grande.

Assegurar conquistas e garantias de direitos trabalhistas, melhores condições de trabalho, livre associação e mais emprego à disposição foram lutas importantes para a época, e que são estudadas pela Sociologia do trabalho e pela História Social do trabalho. Entretanto, o discurso literário de Jatobá em *Crônicas da vida operária*, partindo do social concreto, de aspectos composicionais e de discursos anteriores, mostra que as questões em torno do trabalhador migrante na cidade grande são mais complexas, que tanto o lado social como o individual/subjetivo são constitutivos desse trabalhador. As personagens individualizadas em *Crônicas da vida operária* extrapolam a identidade de trabalhador fabril ou urbano, trazem uma construção imaterial que convive com permanências e rupturas no dia-a-dia do trabalhador. O não “encontrar-se” no trabalho assalariado e nas demais relações sociais envolvidas nos contos aponta para uma crítica ao que é o trabalho e o trabalhador na sociedade urbana e industrial.

Assim, o discurso literário de Jatobá, mesmo enfatizando a construção simbólica via personagens individualizadas, ganha também pontos de universalidade tendo em vista que as personagens (Natanael, Joões, Doralina, anônimos) construídas artisticamente dizem respeito a experiências de diversos trabalhadores migrantes que chegavam aos montes a São Paulo. Como não se defende uma “teoria do reflexo” nesta pesquisa, ressalta-se que os pontos de universalidade na obra de Jatobá são mediados pela linguagem do autor, pela sua criação literária, pela sua visão de mundo e também pelos condicionamentos sócio-econômicos da

época.

O trabalhador de Jatobá, mergulhado em condições adversas de trabalho, reflete sobre a sua condição. Nessa reflexão há a possibilidade de emancipação. O trabalhador em questão não é um “apêndice da maquinaria”, ele está à frente da máquina, sua mão a aciona, mas sua mente não está aprisionada. A capacidade de reflexão é dada, pois ele é um sujeito particularizado, que também pertence a uma classe social. Aí, o discurso literário se fortalece, pois parte do particular e atinge um ser mais genérico. As personagens trabalhadoras não são estereotipadas. São seres humanos complexos cujas aspirações, sonhos, frustrações, alegrias também transcendem as condições de classe, embora essas condições sejam significativas.

A MÃO ESQUERDA

Primeiramente, este conto não segue uma cronologia linear dos fatos. O conto narra em primeira pessoa a trajetória da personagem Natanael, solteiro de 23 anos. Alimentado de sonhos, de admiração pela fábrica mecanizada e pela possibilidade de um outro futuro na cidade grande, Natanael sai de sua cidade pequena – na região do nordeste – para ir a São Paulo em busca de um trabalho. Os dias se passam e Natanael consegue um trabalho na fábrica com carteira assinada. Suas atividades laborais consistem em lidar com chapas de aço, peças, máquinas de tornearia e depois a prensa. Admirado pela prensa que produz várias vezes mais que a bigorna de seu pai, Natanael começa o seu treinamento com o seu Ismael, operário experiente e de maior idade que perdeu um dedo na prensa. Durante o treinamento, Natanael, já encantado pela superioridade técnica e produtiva da prensa, começa a comparar o trabalho artesanal de seu pai, Elias, com a prensa mecanizada. Natanael encanta-se ainda mais. A oportunidade de dominar não se concretiza, e Natanael acaba vitimado igual ao seu Ismael, só que em vez de perder apenas um dedo ele perde todos os dedos da mão esquerda.

Aleijado, sem profissão e longe da técnica que não conseguira dominar, Natanael começa a refletir sobre sua experiência de vida em São Paulo e sobre a fábrica. Agora, com a mão esquerda enfaixada e inutilizada, Natanael resgata as lembranças do acidente que o vitimou, e atribui a causa do acidente à mão que não acompanhou o vai e vem da prensa, o comando dos botões, ou seja, não dominou a técnica moderna e fabril, a mão não acompanhou a ligeireza dos olhos e as

expectativas da mente. Inválido e não realizado enquanto operário, Natanael pega um ônibus na região do Brás e retorna à cidade pequena de onde saiu. Lá, seus pais, Elias e Marta Martins, recebem-no como um filho que tentou realizar o seu sonho na cidade grande, mas voltou da mesma forma como saiu, ou seja, como ferreiro.

ALOJAMENTO

O conto começa com um narrador em primeira pessoa, que é o vigia – sem nome – que cuida de um alojamento de trabalhadores da construção civil em São Paulo no período da noite. O sentimento de saudade é evocado pela personagem ao comentar o seu trabalho de antes. O período da manhã é o começo do conto porque é quando os trabalhadores saem para a labuta nas regiões do Paraíso, da Mooca e da Praça da Sé e o vigia encerra o seu expediente. Depois, o vigia, que é o narrador, começa a descrever primeiro a sua rotina de trabalho: carros parados, gente entrando no cemitério. Mais adiante, o vigia começa a descrever o cotidiano e o começo da labuta daqueles que moram no alojamento: caminhão de prontidão para levar os trabalhadores, homens descendo e levando suas ferramentas, radiolas ligadas. Por último, o vigia traz novamente o foco da narrativa para si, explorando o seu dia-a-dia solitário e cheio de lembranças no alojamento vazio durante o dia e a noite de inverno. Os comentários sobre o inverno (paredes finas, frestas no barracão, unir as camas) aparentemente inocentes, aparecem no sentido de criticar as condições precárias do barracão e do trabalho de vigia à noite. O conto termina com o vigia lembrando o tempo em que o alojamento era menor e mais calmo, tempo este que a empregada Doralina, mulher sedutora, passava no alojamento e o via vestido de farda de brim azul.

O PANO VERMELHO

O conto, também narrado em primeira pessoa, traz a história de um trabalhador migrante – sem nome – que deixou sua terra, na Bahia, em 1953, rumo a São Paulo. O ano de 1976 é a data presente do narrador do conto, um dono de bar que trabalhou durante vinte e dois anos no mesmo lugar: uma fábrica. Através de uma cronologia linear, o narrador expõe a vida sofrida de sua família de 1953 a

1976. Neste período, fatos marcantes acontecem para a personagem: a compra de um terreno, visitas ao local de origem (Bahia), compra de uma bicicleta, nascimento e morte dos filhos, perda da mãe e da sogra, perda da esposa Adelina, casamento de seu filho Reinaldo, sumiço de sua filha Maria aparecida. O conto termina com reflexões acerca do “ficar só”, que é a situação da personagem após ter pedido a maioria de seus familiares.

TRABALHADORES.

O conto é narrado em primeira pessoa, onde a personagem – João, apenas – expõe sua trajetória em São Paulo, que vai da chegada à cidade até os dois anos e meio em que trabalhou na fábrica automobilística. O conto gira em torno da experiência na cidade grande, suas descobertas, descontentamentos. Os três Joões, irmãos, desembarcam em São Paulo. João Serafim morre alguns dias depois de sair de sua terra natal, atropelado em Guarulhos, por um ônibus. João Jacinto e João seguem seus respectivos destinos.

João – apenas João – segue sua vida em São Paulo atrás de um trabalho, encontra-se desorientado na cidade grande, passa pelas ruas do centro, pela estação de trem, observa as lojas, a população. Dez dias se passam e João continua sua jornada diária de trabalhador à procura de um emprego, mas não o consegue. É expulso a gritos e insultos da pensão onde está hospedado porque não consegue pagá-la. A partir desse momento, João começa a questionar negativamente sua situação em São Paulo, pega suas malas e vai à casa de seus parentes, em São Miguel Paulista, pedir ajuda. Sente-se desconfortável, mal falado, questiona novamente sua situação, faz comentários. Aceita a ajuda financeira de seus parentes e hospeda-se em uma pensão na rua 3, e ele, João, fica de acertar, desta vez, o pagamento da pensão assim que conseguir um emprego.

Depois de oito dias na pensão em São Miguel Paulista, João pega um trem e vai ao Brás à procura de um emprego. Nessa etapa, João conversa com estranhos, observa as movimentações do cotidiano, anda, pega ônibus. Sente-se sozinho e com o fardo de conseguir um emprego, ser aceito social e moralmente pela sociedade do trabalho na cidade grande. Durante a procura pelo emprego, João critica o serviço pesado e “doido” da construção civil, continua a procurar um que seja melhor ou menos exploratório. Anda pela grande São Paulo e observa as ruas

largas, o topo dos prédios, admira-se com toda a agitação da cidade grande. Logo após, João começa a trabalhar em uma fábrica automobilística, firma alemã. João Jacinto, irmão de João, aparece envolvido em uma confusão de passageiros revoltados que quebram o trem. Durante a confusão, João Jacinto é agredido por homens armados que cuidavam da estação de trem, não se sabe se ele morreu. A partir desse momento, o conto começa a se focar mais no cotidiano dentro e fora do trabalho: linha de montagem, estação de trem e ônibus, espaços de sociabilidade inusitados – o banheiro. João, que é a personagem que narra, é o único que sobra e fica com a tarefa árdua de conseguir um trabalho na grande cidade. Fora da indústria automobilística, João continua sua rotina de trens lotados e atrasados, provavelmente porque continua trabalhando em outro lugar. O conto termina com a esperança de João reencontrar o irmão João Jacinto.

4.3 O TRABALHADOR INDIVIDUALIZADO

O trabalhador individualizado em questão começa na própria forma artística que Jatobá escolhe para escrever seus contos. Para melhor construí-lo, o autor parte de personagens que narram em primeira pessoa suas experiências e trajetórias de vida, descrições que partem de um estranhamento, mas que também geram um estranhamento e de uma cronologia às vezes fragmentada, à maneira da narrativa do trabalhador na cidade grande. A característica fundamental desse trabalhador individualizado é a sua consciência reflexiva que ultrapassa a sua condição imediata de trabalhador: não é apenas um *homo faber*, sua reflexão atinge uma profundidade e complexidade que tenta explorar ao máximo a condição humana do trabalhador que não se encontra e não se realiza na cidade grande. Esse trabalhador pertence a uma classe social, tem uma visão de mundo que de certa maneira o condiciona, mas mesmo assim reflete sobre sua condição de trabalhador e ser humano. Mais que a labuta desempenhada na grande São Paulo, as personagens constroem discursos sobre o trabalho, sobre si mesmas e sobre o meio que as circunda.

E esse trabalhador individualizado, nos contos selecionados, é constituído de aspectos mais subjetivos – a sua condição humana conflituosa – em que a “ideologia do cotidiano” desse trabalhador aparece tanto dentro quanto fora das relações de trabalho, a “vida operária”. Estando em relação dialógica com outros

discursos que tratam do trabalhador urbano da época³⁹, os trabalhadores individualizados, construídos discursivamente por Jatobá, vão no sentido de mostrar as consequências subjetivas sofridas por este trabalhador. A ênfase de uma linguagem poética, o forte apelo do plano simbólico localizado fundamentalmente no lugar de origem e as reflexões críticas que esse trabalhador faz de si mesmo trazem à tona uma dimensão mais complexa desse trabalhador.

O trabalhador individualizado de Jatobá não aborda a “consciência de classe”⁴⁰ manifesta nas lutas sindicais ocorridas no mesmo período em que a obra foi escrita. Entretanto, ressalta-se aqui que esse trabalhador individualizado não é o contrário do “sujeito coletivo” dotado de uma consciência de classe; não é um trabalhador que só enxerga e concebe sua condição degradante através de angústias e desejos de retornar à terra natal. Esse trabalhador individualizado traz o seu lado humano, não é passivo, faz comparações e avaliações, questiona suas ilusões e escolhas na cidade grande, critica também os discursos oficiais que o definem – Jatobá refere-se a esses discursos como sendo “panfletários” e na maioria das vezes distantes do dia-a-dia dos trabalhadores, embora tenham poder de mobilização. Distante disso, esse trabalhador individualizado alimenta-se de um caldo cultural e social dado em tempos e espaços diversos: lugar de origem, destino, tempos que vêm desde um passado, chegando ao presente das personagens e projetando um futuro. Esse caldo cultural e social das personagens não é simplesmente engolido e evacuado, e sim digerido criticamente tanto pelo autor quanto pelas personagens.

Deste modo, a escolha literária, por parte de Jatobá, de apresentar exaustivamente um trabalhador individualizado pode ser entendida como uma resposta à sua época e a outros discursos circulantes⁴¹ que Jatobá tomou contato

³⁹ Citam-se, por exemplo, os discursos enaltecedores defendidos até hoje pela classe patronal-burguesa (SESI, SENAI e FIESP), de um lado, e os discursos críticos defendidos pelo movimento operário da época.

⁴⁰ A concepção de “consciência de classe” thompsoniana contribui para a análise em questão ao levar em conta os sistemas de valores, as ideias, as experiências vividas, as tradições e formas institucionais. Contudo, a abordagem aqui é diferente porque se parte de um discurso literário construído artisticamente. Mesmo assim, ressaltam-se as contribuições do historiador inglês nessa análise, por mais que não se pretenda fazer uma discussão conceitual acerca da “consciência de classe”.

⁴¹ No conto “A mão esquerda” Jatobá entra em relação dialógica com o discurso bíblico também ao escolher os nomes das personagens. Cada nome usado tem uma construção discursiva de longuíssima duração, remontando ao trabalho artesanal como sendo mais dotado de sociabilidade e realização humana: FANINI, A. M. R. SANTOS, A. C. *Trabalho artesanal e trabalho industrial como elementos de sociabilidade, subjetividade e tragédia em A mão esquerda de Roniwalter Jatobá.*

seja no chão da fábrica, na universidade, na sua atuação de jornalista e nas suas leituras. Distanciando-se de uma visão mais coletiva e sindicalista dos trabalhadores da época – e que outras áreas do saber, como a Sociologia e a História, já exploraram com êxito –, o escritor mineiro apresenta artisticamente um outro discurso sobre o trabalhador e o trabalho que passa pelas personagens dentro e fora do trabalho: o que é o trabalho e sua condição degradante para o trabalhador migrante? quais “alternativas” laborais sobram para esse trabalhador? como esse trabalhador é recebido e visto na cidade grande? o que é para esse trabalhador enfrentar trens lotados e sucateados, habitação indecente e o não reconhecimento de sua dignidade? qual é o universo simbólico desse trabalhador migrante?

Nos quatro contos selecionados, destacam-se algumas características do trabalhador individualizado: em “A mão esquerda”, a personagem vem de uma região distante e pequena, sonha em conseguir um emprego na fábrica e por fim volta para a cidade de origem; em “Alojamento”, a personagem não tem nome, família e local de origem; em “O pano vermelho”, a personagem tem uma trajetória de vida que conta com pequenas conquistas e tragédias na grande São Paulo e alimenta saudades do lugar de origem; em “Trabalhadores”, a personagem começa narrando a morte de seu irmão, depois narra as dificuldades encontradas pelo trabalhador até conseguir um trabalho e por último passa a refletir fortemente sobre a fábrica que trabalha e o cotidiano caótico da vida operária. Dos quatro contos selecionados, apenas no primeiro a personagem retorna à cidade de origem.

No conto “A mão esquerda”, a personagem Natanael tem toda uma complexidade enquanto trabalhador e ser humano: carrega consigo a referência identitária de um trabalho artesanal e ao mesmo tempo cria expectativas com a técnica moderna e fabril:

Às sete horas, faça sol ou chuva, a fábrica começa a se movimentar, vou caminhando entre as máquinas, muitas máquinas que tomam os cantos, o meio e os lados do grande terreno construído há muito tempo. Pouco converso, logo não conheço ninguém, faço só o que me mandam. Gostaria de falar de pai, do trabalho dele na ferraria de sol a sol com dias entrando na noite, sei, aqui ninguém conhece ele. Nem o lugar de onde vim, como é mesmo o nome?, isso quando pude falar, repeti, não conheço não, dizem. Quem iria conhecer o Elias Ferreiro?, fico me achando bobo por achar que esses homens que trabalham nessas máquinas tão cheias de vida, tão ligeiras que sobem e descem no simples apertar do botão, depois no pedal,

sobem e descem com as peças saindo de lado, prontas, certinhas como se Elias Ferreiro tivesse trabalhado, suado na forjaria, suado na bigorna três semanas pra fazer uma, uma só peça tal e qual, tivessem ciência da vida dele (JATOBÁ, 1979, p. 20).

Natanael é marcado por suas experiências anteriores, tenta compartilhá-las com os demais operários, mas de nada adianta, pois a vida está com as máquinas. Aí entra a crítica do autor à condição operária na fábrica: o trabalho estranhado na fábrica transforma outros operários e migrantes como ele, Natanael, em trabalhadores com dificuldades de comunicar experiências, pois a vida estranhada obstaculiza o diálogo. A linguagem é difícil uma vez que nada há a contar. O discurso é um monólogo visto que o outro não tem o que compartilhar. Elias Ferreiro, que no excerto é o comparativo entre o trabalho artesanal e o fabril que expressa o encantamento da personagem, é também a realidade anterior que tem pouco espaço nas relações alienadas no trabalho fabril. Os momentos de sociabilidade na fábrica acontecem em circunstâncias produtivas – Seu Ismael ensinando Natanael a trabalhar na prensa – quando Natanael tenta aprender o processo de produção de peças na fábrica assim como aprendera o processo de produção na ferraria, contudo, são duas formas antagônicas de se relacionar e conceber o trabalho: a primeira é o trabalho estranhado na acepção marxista (MARX, 2010); e a segunda é o trabalho subjetivo e identitário.

Mas dentro da fábrica que se vale do trabalho estranhado há permanências de experiências laborais que são anteriores e contraditórias. Natanael, enquanto um trabalhador individualizado e encantado com a técnica fabril, faz suas críticas sutis a outros discursos da época na hora de descrever como tentou aprender a lidar com a máquina:

Eu ficava como dormindo, esquecia o outro serviço, depois me lembrava, corria fazendo a obrigação, voltava e me postava junto da prensa com o corpo parado, quieto, quase não se movendo, as vistas descendo e subindo como o movimento da máquina, no acompanhamento dela. Seu Ismael me olhava com cara de pai, sorria do meu interesse e dizia que olhando se aprende, *ele tinha aprendido assim*, vai vendo, vai gravando na cabeça os botões, o pedal, quem sabe um dia precisem de alguém pra ficar no meu lugar, não lhe aconselho esse serviço de doido, completava (JATOBÁ, 1979, p. 21, grifos não constam no original).

Nesse excerto, os planos simbólicos da personagem Natanael – o trabalho artesanal de ferreiro e o trabalho mecanizado da fábrica – revelam a permanência

do tradicional na fábrica mecanizada: a forma de aprender a lidar com a prensa é igual a forma “rudimentar” de aprender a lidar com a bigorna, ou seja, é no “olhando se aprende”, na observação repetitiva, na “memorização da cabeça” e da experiência do mais velho passada ao iniciante. Essa forma de aprender se parece muito mais com as corporações de ofício do início da era industrial do Capitalismo em que um aprendiz era iniciado em um ofício (sapateiro, relojoeiro, armeiro, alfaiate) através de um mestre. O conselho e a afetividade também se dão no ambiente laboral, mas remetem a outros espaços e tempos também. Entretanto não é igual visto que ocorre o acidente. Há uma semelhança, mas também há diferenças. Na fábrica, a técnica é despersonalizada e por isso o saber anterior é inoperante.

Nesse sentido, o autor entra em relação dialógica com discursos de sua época que defendiam a qualificação técnica do trabalhador fabril⁴² como sendo um saldo positivo de sua proletarização: até que ponto esse trabalhador recebia qualificação técnica para trabalhar na fábrica? O discurso da qualificação técnica do trabalhador fabril da época pertence à chamada história oficial dos “vencedores”? Nesse mesmo conto, mais à frente, novamente a personagem traz à tona uma forma de tentar aprender a lidar com a maquinaria fabril típica de uma aprendizagem fora dos padrões da qualificação técnica e da fábrica, e que ainda apela para o autodidatismo:

Durante toda as noites ficava rabiscando no papel uma maneira de aprender mais ligeiro, que aquela ideia toda me entrasse na cabeça, que aqueles botões não se embaralhassem nesse juízo de pouco estudo e, quando eu novamente escrevesse pra casa e contasse pra pai que trabalho naquela máquina, o nome dela é prensa, diria o modelo, a tonelagem, da força dela, aquela máquina que faz o serviço de um ano dele em poucas horas, ele não vai acreditar e vai pedir pra dona Zilda, que é quem escreve as cartas respondendo as minhas, pra sondar como é a máquina, se é grande, como ela trabalha, quantas pessoas lidam com ela (JATOBÁ, 1979, p. 21-2).

Nota-se que esse trabalhador individualizado, no caso, Natanael, não é vazio e passivo; mesmo distante de suas origens e encantado com a prensa, a

⁴² Mencionam-se aqui alguns setores da sociedade civil (SENAI, SESI, FIESP) que até hoje são elogiados e defendidos como sendo os responsáveis pela qualificação técnica dos trabalhadores. Defensores da sociedade industrial e consumista, e portanto hospedeiros de interesses de classe social dominantes, esses setores da burguesia industrial alimentam fortemente uma visão positiva do trabalhador fabril, seja o metalúrgico, o torneiro mecânico, o soldador automotivo etc. Disponível em: www.fiesp.com.br/sobre-a-fiesp/. Acesso em 24/11/2014; Disponível em: www.sesisp.org.br. Acesso em 24/11/2014.

personagem mantém sua relação identitária, escreve cartas e compartilha suas expectativas. Assim, Jatobá distancia-se do trabalhador simplesmente alienado e vitimizado que só sofre na fábrica. Natanael, que às vezes até parece ingênuo, não é estereotipado ou “panfletário” e mesmo assim consegue abordar características que poderiam acontecer em qualquer fábrica e também os choques culturais que muitos trabalhadores passavam à época. A visão de mundo do autor é perceptível no conto, tanto é que a personagem retorna à cidade natal, entretanto, ela ocorre de forma tensa. A personagem não é uma voz passiva que narra suas desgraças em São Paulo, pelo contrário, ela retorna com um forte sentimento de culpa atribuído a si mesma, mas volta.

Um outro exemplo do teor crítico do trabalhador individualizado no conto “A mão esquerda” é a maneira como Natanael expõe sua experiência traumática. Nela, há uma crítica aos acidentes de trabalho da época.

E foi passando na cabeça o meu choro, o sangue melando a máquina, o azul dela, fui sentindo vergonha, não me veio um tico de nada de ódio da prensa, da prensa que me deixou com tocos de dedos, um homem aleijado, inutilizado como dizem por aí, não, não senti raiva da máquina, só da minha fraqueza, do meu medo, do descuido, do choro, essa mão, agora, pois vê, pesada e quieta como se não parecesse minha (JATOBA, 1979, p. 19).

O corpo de Natanael é incorporado à máquina de maneira drástica, mutiladora, contudo, sua mente vira a consciência reflexiva e crítica, um juízo de valor que passa a observar detalhadamente seus iguais na estação de trem, nas ruas e nos costumes parecidos. O operário – Natanael – crente na esperança de se inserir na sociedade industrial aparece, depois de mutilado, com uma narrativa memorialista bem minuciosa quando perde sua capacidade de trabalhar na fábrica. O tom crítico da narrativa de Natanael é uma cobrança a si mesmo, à sua falta de capacidade para lidar com a técnica maquinística, tendo como consequência a certeza de que sem a sua força de trabalho a oferecer pouco lhe resta, virou um aleijado sem função laborativa na sociedade industrial. Se não é trabalhador na cidade grande, logo não é quase nada enquanto ser humano. De fato, o apelo da personagem ao trabalho artesanal que contém toda uma relação mais positiva e identitária com o trabalho e com a comunidade é uma crítica às relações mercadológicas e despersonalizadas do trabalho fabril na grande São Paulo. Todavia, a mutilação do corpo, ou seja, na pior situação, desperta a consciência da

humilhação, da degradação. Aí a possibilidade de emancipação parcial. O corpo e a mente não são tomados pela lógica da técnica instrumental e daí a possível saída. O operariado incluído não é a solução para Jatobá e isso se dá na voz narrativa que não heroiciza o trabalhador da cidade já dado nas condições de trabalho mercantilizadas.

No conto “Alojamento”, o trabalhador individualizado tem uma consciência reflexiva de sua condição fracassada em São Paulo. Mas diferente dos outros três contos, a personagem não tem nome, idade, família e experiências que apontem para o seu lugar de origem. Essas características ausentes expressam o que é o trabalhador na grande cidade: um plantel de pessoas que levanta cedo para trabalhar. A personagem que narra, o vigia, não alimenta entusiasmo com trabalhos anteriores. Ele já trabalhou a labuta material, foi operário, mas já em idade avançada, não mais servindo para esse labor, passa à condição de vigia, aquele que cuida do capital e do trabalho do outro para o patrão. Em conhecendo o trabalho dos outros, pode vigiá-los de perto, servindo aos donos da empresa.

Os momentos de trabalho e de sociabilidade no conto aparecem separados quando o vigia os narra:

Nas quatro da tarde em ponto, algum caminhão desponta na rua, os homens calados em cima, chega aqui, abro o portão, o caminhão entra macio, os homens vão descendo, guardando as ferramentas, outros pulando correndo na direção dos seus quartos, isso aqui vira feira, ali se escuta conversa de um, radiola ligada de outro, música de rádio pra tudo que é canto, aí, alegre mais. Negreja de gente. Assim, gosto (JATOBÁ, 1979, p. 28).

A própria sociabilidade entre os trabalhadores só é possível no alojamento, ou seja, fora de suas relações de trabalho. A ênfase na sociabilidade fora do trabalho, por mais que seja pouca, talvez possibilite um despertar crítico nesses trabalhadores migrantes que são parecidos, vindos de Minas, Bahia, Pernambuco, Ceará, Paraíba. O discurso dos trabalhadores fora do trabalho propicia certa união e troca de experiências. O sentido do discurso depende do contexto em que ocorre, demonstrando claramente aí uma crítica ao ambiente laboral.

Quando o vigia trata do trabalho desempenhado pelos moradores do alojamento, é em circunstância de fadiga laboral, de crítica às condições de trabalho:

No outro dia, no cair das horas vai ficando o silêncio de novo. Quando dá

assim pelas oito da manhã neste alojamento nem mosca zune nas paredes dos quartos. E lá longe nos bairros, sei, os homens cavando buracos, vazando água de bueiros, cortando travessias. Homens trabalhando de perderem o chocalho, modo de dizer, homens lavando a camisa de suor, o suor descendo pelas costas chegando nas calças, molhando a roupa no calor das ruas de carros apressados e de buzinas reclamando das ruas apertadas e poeirentas (JATOBÁ, 1979, p. 28).

Na visão do autor, enfatiza-se a impossibilidade de realização pessoal no trabalho assalariado e na cidade grande, ou seja, apresenta-se como um não à incorporação à sociedade industrial e consumista. Aqui o trabalho dos pedreiros e afins narrado pelo vigia é a realidade de muitos migrantes, inclusive a dele, vigia, que conhece tão bem o trabalho desempenhado pelos seus iguais e esse trabalho não é emancipatório. Contudo, a personagem tem saudades, sente-se sozinha, não gosta do alojamento vazio, ainda mais que é nele que ocorre a sociabilidade entre os trabalhadores. Mesmo sendo a pessoa que cuida da propriedade do burguês explorador, que vigia o vai e vem dos trabalhadores, o narrador enxerga no outro a sua condição de antes, sua labuta que “cansou a metade das forças”. O vigia é um trabalhador individualizado que retrata a realidade de muitos trabalhadores na mesma condição: chega a São Paulo e trabalha no que vier (fábrica, abrir valetas, construção civil), mora em lugares improvisados e precários e após tudo isso, caso envelheça e ainda tenha força para algum tipo de trabalho melhor (como, por exemplo, ser vigia), ainda assim, isso não significa uma mobilidade social em sua trajetória de vida. Passa a vigiar o outro, mas é ainda assalariado e sem propriedade. É também peça da engrenagem, mas Jatobá lhe dota de discurso e reflexão que o podem talvez libertar em algum sentido ou pelo menos perceber a ausência de sentido existencial no trabalho degradante.

No conto “O pano vermelho”, apesar de curto e com uma cronologia linear, Roniwalter Jatobá aprofunda sua crítica à não realização do trabalhador migrante na grande São Paulo. A personagem expõe sua trajetória de vida ao se lembrar de quando saiu da cidade pequena, dos sonhos que eram dele e de seu pai:

Tinha: sonho de pai tão antigo como ele, que passou por toda aquela vida de sustento, vendo os filhos que nasciam no todo sempre em todo ano. E: mãe enrodilhada na cama no resguardo de filho novo, na mesma pequenez quanto as palavras dela, relutando, pra que ir tão longe? Eu: ali, sempre vendo aquela velhice que vinha no correr dos anos trazida quem sabe por quem, que ia entrando nas pessoas. Como ser tão parado no viver? Esperando pai morrer, mãe morrer, aqui tudo miúdo, até a vida (JATOBÁ, 1979, p. 33).

Dentro do discurso indireto do narrador, apenas a voz da mãe questiona a ida do jovem à cidade grande. O jovem segue seu destino e acaba tendo uma vida “miúda” parecida com a dos pais, só que bem longe. Porém, o que aparece nesse conto é a ênfase, por mais que a linguagem seja comprimida, na desagregação familiar na cidade grande. Adelina, que é a esposa do narrador, é a voz que questiona a vida operária em São Paulo assim como a mãe do narrador, mas não adianta muito, a sina é mais forte e, em partes, a vida sofrida e “miúda” se repete em São Paulo.

A família vai crescendo com o passar dos anos e a casa sendo improvisada aos poucos: é a permanência do tradicional da cidade pequena se repetindo em condições ainda piores. O primeiro filho, Reinaldo, nasce no mesmo ano que morre o ex-presidente Getúlio Vargas, em 1954. Logo em seguida, em 1956, nasce o filho Getúlio Vargas, mesmo ano que Juscelino Kubitschek assume a presidência e promete o “desenvolvimento” do país o mais rápido possível. “Cinquenta anos em cinco anos”, dizia-se, mas para todos e em todas as regiões do Brasil? Através de os nomes dados aos filhos das personagens, no caso Getúlio Vargas, Jatobá entra em diálogo com os dois projetos desenvolvimentista para o Brasil (o nacional-desenvolvimentista de Vargas e o desenvolvimentista aos moldes dos EUA de J. Kubitschek), mas pouco importa, pois, independente de qual seja levado adiante, a vida na periferia do Jardim Helena é igual, os anos se repetem, o máximo de desenvolvimento que chega por lá é a rua de asfalto onde o filho Getúlio Vargas fora vitimado por um carro, em 1965. Aqui, tem-se claramente o diálogo com o discurso nacional-desenvolvimentista. A esfera macroeconômica gera um tipo de discurso que enaltece as medidas desenvolvimentistas, mas no discurso literário, colhido na “ideologia do cotidiano” das vidas concretas, esse discurso se esboroa. O nome dado aos filhos atesta uma consciência ingênua da personagem que toma esse discurso por verdade, mas o narrador, já distanciado do fato (o nascimento dos filhos e sua morte e perdição), em exotopia, narra o cenário nacional de modo crítico, pois o contexto de privações e degradação colore o discurso ufanista de tons críticos e sombrios.

Mas em relação ao trabalho, nesse conto a maioria trabalha, inclusive os filhos. O primeiro filho Reinado, com oito anos de idade, em 1962, começa a trabalhar de engraxate e junto do pai realiza um sonho de consumo, a compra de

uma televisão com muito sacrifício. O terreno, a casa, a bicicleta e a televisão, eis as conquistas materiais obtidas em São Paulo. Não precisa o autor se alongar e descrever o processo de alienação ou enquadramento na sociedade industrial e consumista, a própria condição das personagens já aponta para isso, o crescer dos filhos é a reprodução da vida operária no Jardim Helena.

Adelina, dona de casa, tem filho quase todos os anos assim como a mãe do narrador, ou seja, a realidade, mesmo estando em outra cidade longe, não mudou tanto assim, ou talvez tenha piorado, pois se está em uma cidade grande, cheia de adversidades e longe dos parentes. A voz de Adelina, através do narrador, é a que mais questiona e se contrapõe à vida sofrida em São Paulo: “miséria aqui, miséria lá, aqui é cativo” (JATOBÁ, 1979, p. 35). Mas as datas escolhidas para formar uma cronologia da desgraça em São Paulo aparecem marcadas de críticas a fatos concretos do contexto da época também. Em 1968, tem-se o seguinte fato ocorrido na vida das personagens:

Vieram uns soldados. Bateram na porta, abri. iam me levar. Adelina me segurou, um soldado bateu nela com o fuzil. Ela me soltou. Voltei, solto, era engano, mas por meses não olhei frente a frente nos olhos baixos de Adelina (JATOBÁ, 1979, p. 35).

Em 1968 foi instaurado o AI-5, que impunha uma série de supressão de direitos civis e políticos e extrema violência por parte do Regime Ditatorial brasileiro. O período que vai de 1968 a 1973 ficou conhecido como “anos de chumbo” da ditadura. O soldado na citação é a maneira ficcional de criticar a violência da ditadura nas periferias a partir da vida operária, sem cair em grandes detalhes que provavelmente perderiam de foco a vida operária em questão. Depois, a medalha que simboliza uma espécie de reconhecimento pelos vinte anos trabalhados aparece enferrujada, velha, sem brilho, não remete a uma relação identitária com o trabalho. Jatobá, que nesse conto explora a não realização do migrante e de sua família, inclusive com tragédias, apresenta ao final do conto a personagem meio conformada com a vida sofrida que teve em São Paulo, contudo, a personagem teve um salto de consciência, pediu as contas depois de vinte e dois anos trabalhando na fábrica e montou um bar. Continuou em São Paulo e quase só, contando apenas com um filho e a cunhada, entretanto, adquiriu consciência de que a vida em São Paulo não correspondeu aos sonhos alimentados desde a infância.

No conto “Trabalhadores”, por exemplo, a sina do trabalhador João Serafim

começa muito antes da exploração do trabalho assalariado:

João
 vestiu a roupa domingueira,
 da roupa da semana fez a mala,
 calçou o sapato apertado no
 dedão, pisou a terra quente. Era
 domingo, feira, viajou.
 Abraçara filhos, mulher,
 prometendo.
 Acenara de longe, comovente.
 Benzera-se no rio, água correndo
 fiozenta.
 Terça, janeiro, descarregou-se
 com mala e tudo na Rodoviária, era
 noite.
 Passou
 no claro olhando as luzes da
 Duque de Caxias
 e caminhando. Andou de trem da
 central do Brás até São Miguel. Na
 quarta, quinta foi preso.
 E sexta surrado e solto. No
 sábado,
 de roupa domingueira, mão
 apertada na mala,
 debaixo dum ônibus cometa, na
 Via Dutra, Guarulhos,
 morreu. (JATOBÁ, 1979, p. 39).

O fragmento da obra dialoga com o discurso bíblico, recuperando em chave parcialmente diversa o batismo, a prisão, a via sacra, a morte e a ressurreição de Cristo. Assim como a personagem bíblica, João só tem as vestes de seu corpo, nada tem de outra propriedade. A aproximação das personagens é já uma crítica e uma visão humanista do trabalhador. A diferença é que não ressuscita tal qual Cristo. Não tem um pai, um apoio, um transcendente para onde refugiar-se do mundo degradado. Jogado na cidade grande, está só, estranhado, alienado de todos. A morte foi o que restou para João Serafim. O discurso literário recupera o bíblico, transcendendo o contexto imediato, mas a ele remetendo. Há aproximação e distanciamento, sendo bivocal. O trabalhador tem um destino parecido com o de Cristo, mas o final é terreno, já não há mais o pai ou outra saída para o trabalhador Serafim. Entretanto, a literatura resgata e aproxima esses heróis trágicos, operando de certo modo uma possível transcendência via discurso criativo. Contextos e temporalidades díspares se entrecruzam discursivamente, assemelhando os destinos de Cristo e de Serafim, imprimindo ao discurso o tom crítico e reflexivo.

Dos três Joões que vieram a São Paulo alimentados por esperanças e

sonhos, João, apenas João, é quem apresenta no decorrer do conto um outro ponto de vista sobre o trabalho e o trabalhador (à procura de emprego, depois empregado e insatisfeito, crítico às condições dentro e fora da fábrica) que é mergulhado em relações que exploram a “ideologia do cotidiano”. A construção do trabalho nesse conto não aparece de forma positiva, capaz de corresponder aos sonhos alimentados lá no local de origem dos três Joões. Consciente de que em São Paulo há trabalhos péssimos, o narrador João tem preferências na hora de procurar trabalho: “fui fugindo de construção que é serviço de doido, desembestei pela Vila Anchieta, o ônibus me deixou no centro de São Bernardo, perguntei, sondei de serviço” (JATOBÁ, 1979, p. 41). Aproximando-se do conto anterior, “Alojamento”, o trabalho de construção civil aparece novamente em sua forma negativa.

Depois, de posse de um emprego fabril, firma automobilística alemã, a personagem começa a questionar aos poucos o que é o trabalho na firma automobilística. O mecanismo de controle e coerção na fábrica, o “facão”, é descoberto por João em circunstâncias inusitadas, no banheiro (JATOBÁ, 1979, p. 42). João tem, enquanto um trabalhador individualizado, uma noção de classe social – talvez uma noção de “consciência de classe” seja exagerada de se pensar –, enxerga o medo do “facão” em si mesmo e nos seus iguais, por exemplo, no colega de trabalho Juvenal. A descoberta e o medo do “facão” não propiciam uma resistência coletiva que fosse capaz de fazer uma frente que parasse a produção, não é o foco de Jatobá. O que acontece é que os operários não sofrem passivamente o exercício coercitivo do “facão”.

Mais à frente, João expõe um pouco do cotidiano da fábrica e a maneira que os trabalhadores encontravam para tentar driblar um pouco o ambiente hostil e alienado da fábrica:

A linha final da montagem corria, o trabalho febril, ligeiro, sem tempo nem pra pensar nos problemas, corrido, se alguém queria ir no banheiro levantava o dedo, gritava ao feitor pedindo, num olhar do feitor já vinha outro substituir, esse outro chegava, tomava o lugar, o que tinha pedido saía correndo pra o banheiro, corria entre as máquinas, tropeçando, descia as escadas, lá fumava um cigarro enquanto mijava, o feitor lá em cima de olho grudado no relógio, terminava de mijar, acabava de fumar, falava um pouco do serviço de louco, voz baixinha pois o facão ainda permanecia, voltava no rastro e assumia o seu posto (JATOBÁ, 1979, p. 43, grifos não constam no original).

É no local do banheiro que os trabalhadores têm um descanso e podem se

inteirar do que acontece dentro da fábrica. A maneira que o autor aborda essa realidade na fábrica vai ao encontro de várias críticas (Marx e Engels, por exemplo) ao trabalho assalariado na sociedade industrial e capitalista. Contudo, o discurso literário de Jatobá, mesmo partindo de um particular da personagem, acaba sendo também crítico porque não coloca esse trabalhador de forma passiva, sem voz. Os trabalhadores em questão não destroem as máquinas, não matam o dono da fábrica, não sabotam a produção, não se organizam politicamente e não fazem greve – não é essa a abordagem de Jatobá. Mas esses trabalhadores refletem e criam meios possíveis de resistência para lidar com o ambiente hostil na fábrica. Como a visão de mundo do autor não é a adaptação do trabalhador na sociedade industrial e consumista, não há o porquê ele construir discursivamente uma personagem que aos poucos desemboque na luta sindical como meio de melhorar sua condição de vida, ou condição de “vida operária”.

Mas a personagem não é um simples veículo ideológico do autor. Mesmo começando a sina em São Paulo de forma desconfiada e com críticas, a personagem passa pelo processo de reflexão na morte de seu irmão, na procura de um emprego, no caminho de vai e vem do trabalho e na crítica a si mesma em relação ao trabalho. João não quer mais fazer horas extras, pouco se importa com o emprego na firma automobilística, aproxima-se mais de seus iguais migrantes e se ocupa de tomar a opinião deles em relação ao trabalho na firma e em relação ao sindicato:

Então, ficava colhendo algumas opiniões dos operários, no banheiro, que como eu, sem qualificação nenhuma, quase todos migrantes, vindos da Bahia, Minas, Pernambuco, Ceará.

– Eu até gosto. Me dão comida, fardamento e me pagam, não é muito, mas é melhor que os salários de construtora.

– Não, nunca me sindicalizei não. Moro muito longe do sindicato e já que a única serventia do sindicato é o médico, prefiro procurar outros meios.

– Hora extra não é obrigado não. Eu sei. Mas a gente vem, mesmo no domingo, senão, quando começar o facão, quem não vem é o primeiro da fila.

– Gosto daqui muito. O trabalho é corrido, é. Mas lá onde a gente morava é só miséria, aqui é mesmo que tá dentro do céu.

– Ando fazendo um pé-de-meia. Na primeira leva do facão, pego o dinheiro que tenho e compro um terreninho lá na minha terra. A mulher nisso me apóia (JATOBÁ, 1979, p. 49, grifos não constam no original).

No excerto, o autor não traz apenas a sua visão de mundo, criando com isso um discurso monológico dentre os trabalhadores migrantes na grande São Paulo. O

autor mostra que esse trabalhador é diverso, não tem uma opinião formada e única acerca de sua condição na cidade grande. Pode ser conformado, esperançoso, satisfeito, indiferente, crítico.

Mas, ao final do conto, o autor – inclusive com sua biografia – emerge com força na sua personagem João:

Agora, me botando letrado. Poderia resumir aqui todo um histórico do crescimento da Ford, VW, GM, Karmann-Ghia, Mercedes, Scania, Toyota. Enumerar o total de migrantes que estão aqui, hoje, na indústria automobilística, fazendo o seu papel de peão, aqueles sem instrução nenhuma, mal sabem assinar o nome, o operário especializado. Mas pra quê! (JATOBÁ, 1979, p. 50, grifos não constam no original).

A trajetória de vida dos três Joões e as experiências na firma automobilística alemã, contando com toda a criação literária do autor e sua visão de mundo, atingem em partes o trabalhador genérico nas fábricas automobilísticas da década de 1970. Jatobá explora exaustivamente a “ideologia do cotidiano” desse trabalhador no sentido de mostrar que a não adaptação à sociedade industrial e consumista acontece dentro e fora do trabalho. Não é só o trabalho que é estranhado, e sim a “vida operária”. Ao alimentar esperanças de encontrar o irmão João Serafim vivo, a consciência reflexiva de João aparece colada no autor: “pois nunca estive, como agora, tão perto das verdades, tão vazio de esperanças, tão oco de sonhos” (JATOBÁ, 1979, p. 51). Contudo, o fato de Jatobá colocar a personagem João, ao final do conto, como não mais pertencente ao trabalho fabril (virou “letrado”, mas não apenas no sentido de saber ler, e sim de envolvido com o Jornalismo e as Letras) é a defesa também de que a atitude reflexiva desse trabalhador pode torná-lo em partes emancipado da vida operária degradante, pois João continua a pegar os trens caóticos e subumanos. Personagem e autor não confluem totalmente para a visão de mundo que predomina na obra.

Em síntese, esse trabalhador individualizado questiona sua labuta, faz críticas a si mesmo, traz questões e reflexões de uma classe social, atingindo com isso a outros trabalhadores da mesma condição. Dotado de experiências e reflexões anteriores, esse trabalhador individualizado começa a fazer comparações entre o antes carregado de expectativas e sonhos e o depois carregado de frustrações e reflexões. Os sonhos e fracassos desse trabalhador estão no não domínio da técnica fabril, na solidão do alojamento, nas críticas à indústria automobilística e na desagregação familiar. A visão de mundo do autor não panfletariza as personagens e

não as silencia. Em alguns momentos, há uma erupção das personagens que se enfeitam com as oportunidades na grande São Paulo. A exploração que o autor faz da consciência reflexiva das personagens cria uma relação tensa entre a aposta de uma nova vida na cidade grande e o conformismo de uma vida não realizada nessa mesma cidade. Dentro da visão de mundo de Jatobá, essa foi uma das formas artísticas encontradas para se construir um outro discurso sobre o trabalho e o trabalhador na grande São Paulo das décadas de 1950 a 1970.

4.4 TRABALHADOR MIGRANTE

Começar-se-á pela rápida discussão de uma das categorias do Círculo bakhtiniano que talvez melhor condiga com a obra *Crônicas da vida operária*. A “ideologia do cotidiano”, que é o lugar intensamente vivo dos discursos em consenso e dissenso, dos mitos e questionamentos, do signo verbal como ato e dos posicionamentos axiológicos (BAKHTIN e VOLOCHINOV, 2004), é o grande exemplo em que o fenômeno sócio-linguístico pode ser percebido em sua “materialidade” sem com isso cair em simplificações. Os sistemas de valores, as crenças e as ideias constituem-se conflituosa e temporariamente na vida concreta dos indivíduos. Entretanto, abre-se aqui uma rápida reflexão porque a noção de “vida concreta”, dentro da “ideologia do cotidiano”, tende a gerar algumas interpretações que são distantes do Círculo bakhtiniano.

A vida concreta dos indivíduos não se reduz às relações objetivas da infraestrutura (visão leninista de reflexo e mecanicista de certo marxismo reducionista). Mais que isso, a vida concreta contém toda uma multiplicidade de interações sociais mediadas pela linguagem e pela cultura, por exemplo, toda a relação imaterial que a personagem Natanael tem com o trabalho artesanal e seu pai, o ferreiro Elias. Os posicionamentos axiológicos, os signos ideológicos e os diversos discursos interrelacionam-se no dia-a-dia, são atos pertencentes a uma realidade concreta e histórica. Assim, na “ideologia do cotidiano” as visões de mundo dominantes e elitistas do alto e, portanto, preconceituosas, perdem a suposta carga de verdade única ao entrarem em relações dialógicas com outras visões de mundo intraclasses e interclasses. Contudo, ressalta-se que por mais que existam embates dialógicos na “ideologia do cotidiano” entre visões de mundo e discursos oficiais e não oficiais isso não impede a apropriação, em partes, de alguns elementos

ideológicos que constituem visões de mundo antagônicas, por exemplo, a ideologia burguesa do trabalho⁴³ se apropriou e mistificou alguns aspectos positivos do trabalho defendidos por correntes revolucionárias que pregam, dentre outras propostas, o fim do trabalho assalariado.

A ideologia do cotidiano não é falsa consciência. O fato de a “ideologia do cotidiano” estar mais ligada à vida concreta dos indivíduos não a torna um lugar simplório, apenas carregado de erros e mitos. De fato, há mitos e preconceitos, discursos já cristalizados e discursos críticos em construção na “ideologia do cotidiano”. Entretanto, as relações tensas que nela existem fazem com que o estável e o instável se digladiem e se encontrem constantemente. A dinâmica das apropriações de signos ideológicos conforme interesses (classe, etnia, gênero) mais imediatos da “ideologia do cotidiano” extrapola uma visão supostamente neutra da linguagem (tal visão é mais próxima, de fato, da falsa consciência), tornando-a uma esfera humana tão importante e capaz de contribuir para a mudança da realidade como as outras, por exemplo, a esfera econômica.

Assim, dentro da linguagem não reduzida a reflexo da infraestrutura ou à falsa consciência, outras manifestações sócio-linguísticas e pontos de vista podem surgir para questionar e fragilizar um determinado tema blindado por discursos oficiais. Nessa linha crítica, tem-se o discurso literário que estiliza e traz para o seu interior outros discursos que se chocam e se completam. A visão de mundo do autor e sua bagagem cultural também acentuam marcas ideológicas em uma determinada obra literária do começo ao fim. O discurso literário parte da “ideologia do cotidiano”, mas já é dado em outra esfera, estilizando os discursos aí existentes visto que passam por mediações do próprio ato criativo e de recriação do autor da obra. Entretanto, como já se salientou, a literatura romanesca, ao recriar vidas particularizadas em suas vivências concretas, faz migrar os discursos do cotidiano para seu interior.

Talvez, o título *Crônicas da vida operária* dê a entender que a obra expresse uma linguagem comprimida, simples, sem conexão com conceitos caros (luta de classes, alienação, consciência de classe) às áreas do saber que tratam da classe trabalhadora. Lida dessa maneira, a linguagem comprimida e aparentemente simples da obra passa a ser a confirmação de que as personagens são confusas,

⁴³ Sabe-se que a ideologia burguesa do trabalho é bastante complexa, constituída por diversos discursos que vêm de longuíssima duração (o bíblico, por exemplo) pela Revolução Inglesa do século XVII e pela Revolução Francesa e também pelo auge do liberalismo até atingir outros discursos em ebulição no século XIX: os diversos movimentos dos trabalhadores.

perdidas, alienadas e vítimas na grande São Paulo. É para responder a interpretações do alto como essas que o autor enfatiza a vida concreta das personagens que são todas trabalhadoras, os sonhos, as expectativas e as angústias de pessoas que trabalham e pensam criticamente mesmo não estando nas fileiras sindicais da época. Quais eram os possíveis trabalhos para um migrante sem especialização técnica na grande São Paulo industrializada das décadas de 1960 e 1970?

Crônicas da vida operária parte da “ideologia do cotidiano” do trabalhador migrante na grande São Paulo. A vida operária é toda a situação, na maioria das vezes adversa, enfrentada pelo trabalhador migrante. Nela, o trabalho não aparece positivamente, não pode viabilizar uma relação identitária das personagens com seu em torno. Reduzido a um meio de sobrevivência, o trabalho estranhado envolto ao trabalhador migrante é a não realização e adaptação à sociedade industrial e consumista, de um lado, e a possibilidade de emancipação através da atitude reflexiva, do outro. A atitude reflexiva, que até pode começar pelo trabalho, extrapola, conforme o conto, o universo do trabalho e faz as personagens tomarem consciência de si mesmas enquanto seres humanos que não se adaptam a uma forma de trabalho e estilo de vida, por mais que o fim das personagens seja a permanência na grande São Paulo. As condições materiais e objetivas não são obliteradas ou superadas só porque as personagens atingem um nível de reflexão crítica. E é na própria “ideologia do cotidiano” desse trabalhador que a reflexão crítica das personagens aparece com mais força. O autor aposta nisso como um ponto de partida que talvez gere uma *práxis* emancipadora. Jatobá aposta na fala operária, dando voz ao próprio trabalhador nos contos analisados. A linguagem aí é fonte de emancipação e reflexão.

Por isso, um dos problemas mais recorrente no discurso literário de Jatobá é a não adaptação desse trabalhador migrante, e para isso o autor entra nas diversas relações sociais que podem surgir na “ideologia do cotidiano” desse trabalhador dentro e fora do trabalho. O autor gera um ponto de vista que se aproxima, mesmo sendo uma criação literária, do trabalhador concreto dentro e fora do trabalho, por exemplo, as condições degradantes de trabalho e os vários desafios enfrentados até chegar ao trabalho.

Desde Natanael, passando pelo vigia e pelo pano vermelho até chegar aos três Joões, Jatobá tem por preocupação os migrantes geralmente nordestinos. Essa

ênfase no processo de migração liga-se também, porém, não se reduz, à trajetória do próprio autor que também foi trabalhador migrante nas fábricas da grande São Paulo. Por mais que suas personagens tenham uma vida operária que compartilha de uma consciência coletiva com os trabalhadores assalariados da época, o autor não constrói personagens que tomam uma “consciência de classe” ou com um discurso único do começo ao fim. O que acontece é as personagens tomarem consciência de si mesmas, de sua condição de trabalhador e ser humano que não se encontraram e não se realizaram plenamente na grande São Paulo.

No conto “A mão esquerda”, a não adaptação e realização na cidade grande acontece principalmente pela inadaptação ao trabalho fabril. Por mais que autor explore plano o simbólico da personagem em torno do trabalho artesanal e o estranhamento com o caos da cidade grande, é por não servir mais enquanto trabalhador fabril que Natanael retorna à casa dos pais. A “ideologia do cotidiano” da personagem mostra um Natanael concreto, que antes mesmo de trabalhar tem que ir atrás de trabalho: por mais que houvesse uma demanda por mão-de-obra, conseguir um trabalho não era a realidade de todos os migrantes. Depois de conseguir um trabalho, Natanael é um trabalhador esforçado, pontual nas suas jornadas de trabalho, preocupado com seus parentes que ficaram. A falta de solidariedade na fábrica e a indiferença de seus iguais não são detalhes, e sim uma realidade possível aos trabalhadores migrantes. As cartas escritas a parentes e os rabiscos autodidatas mostram, no conto, que o cotidiano do trabalhador é maior e mais complexo que a rotina do trabalho estranhado.

A maneira que Natanael descobre seu fim como trabalhador e sonhador em busca de uma vida melhor não lhe é externa, um aviso por parte do autor. Natanael descobre por conta próprio, na reflexão e no dolo:

Quando comecei a trabalhar na prensa, na máquina de seu Ismael, esqueci do mundo e dele que tinha me ensinado, achava que aquilo era tudo o que queria na vida. Sem os dedos não vai ser prensista, dizem, agora (JATOBÁ, 1979, p.23).

Na grande São Paulo, Natanael projetou expectativas de vida que passavam pelo trabalho. Tentou se realizar como prensista, não deu certo. Percebeu que perder a força de trabalho é também perder os seus sonhos para além do trabalho. A sociedade industrial e consumista que Natanael tomou contato não pode acolher um

aleijado que não tem mais a sua força de trabalho. Em vez de colocar uma personagem que apenas se desse mal, do começo ao fim, no sentido de reforçar ainda mais a inadaptação na cidade grande (que é a visão de mundo do autor), Jatobá constrói uma personagem mais autônoma e crítica. Natanael descobre que a cidade grande não o acolhe após ser vitimado, visto não servir mais para o trabalho fabril. Entretanto, descobriu também que somente seus pais, Elias e Marta Martins, recebem-no de fato como ser humano, e não apenas como prensista ou ferreiro. Aqui a dimensão humana extrapola a do trabalhador. É recebido antes como filho e não como trabalhador. A centralidade do trabalho se esvai, mas a condição familiar, de íntimo, não.

No conto “Trabalhadores”, Jatobá explora a suposta unidade familiar dos parentes da personagem João no sentido de mostrar que esse trabalhador migrante era, em muitos casos, desamparado até pelos seus parentes:

(...) o pensamento criando formas, vindo a casa dos parentes em São Miguel, eles *me recebendo friamente, fazendo pouco caso da minha presença*, cochichando nos cantos dessa outra boca aqui pra comer, coisa e tal, não foi tanto assim, foram por primeiro me emprestando um dinheirinho, depois, arrumaram uma pensão barata na Rua 3, que ficou acertado que no primeiro mês, assim que arrumasse serviço, um trabalho qualquer, pagaria na certa! E assim foi (JATOBÁ, 1979, p.40, grifos não constam no original).

Mais um semelhante, no caso, parente, que viera a São Paulo tentar uma vida melhor. Apesar de ter uma pequena ajuda de seus parentes, João segue sua sina sozinho, sem os irmãos e os parentes que não aparecem mais no conto. Não adianta ter vários migrantes com origem e experiências próximas (seja parente ou não), pois em São Paulo não há um senso de pertencimento em comum entre os trabalhadores migrantes no discurso literário de Jatobá. Na fábrica automobilística alemã, João percebe os mecanismos de coerção e dominação, há um salto reflexivo-crítico acerca do trabalho que desenvolve. Fora da fábrica, João também percebe as diversas condições hostis: trens e ônibus precários e uma revolta popular violenta (JATOBÁ, 1979, p. 46).

No conto “O pano vermelho”, o trabalhador migrante, assim como nos outros contos, tem um emprego fabril e depois de algum tempo largou-o. Passar pelo trabalho fabril e depois se desencantar com ele é uma crítica recorrente em Jatobá porque a fábrica era o grande alarde de desenvolvimento e promessa de uma vida melhor para o migrante. Assim, Jatobá constrói diversas situações que vão

mostrando um outro ponto de vista na fábrica: o Natanael que é mutilado; o João que descobre os mecanismos de coerção e dominação; a personagem que pede as contas após vinte anos de trabalho na fábrica (“O pano vermelho”). Na vida concreta das personagens, que passa pela fábrica e outras formas de trabalho (o vigia e o dono do bar) e também pelas relações sociais diversas, Jatobá reforça que sua obra, embora trate da vida operária objetivando o operário mais universal, é a não realização do trabalhador migrante de um lado, e a possibilidade de uma tomada de reflexão, do outro.

4.5 SAUDOSISMO E CRÍTICA

Saudosismo e crítica é uma das formas que Jatobá cria para defender a não adaptação do trabalhador migrante na cidade grande. É “saudosismo e crítica” porque geralmente o saudosismo⁴⁴ é entendido como uma postura conservadora que só cumpre o papel de crítica à medida que critica o *status quo* apelando para uma ordem societal anterior, por exemplo, criticar a ordem capitalista com o objetivo de se resgatar o regime Absolutista destruído pela burguesia na Revolução Francesa. Nesse exemplo, tem-se um saudosismo com intenções fortemente políticas no que diz respeito a uma ordem social. Em Jatobá, as intenções são outras (as circunstâncias da vida operária do trabalhador migrante), seu discurso não é uma defesa de sociedade em termos macrosociais. O saudosismo de Jatobá faz críticas à sociedade industrial e consumista a partir da vida operária e concreta do trabalhador migrante. Em vez de construir personagens veículos que digam “volte ao nordeste porque São Paulo não presta”, Jatobá apresenta artisticamente o que tende a acontecer com os trabalhadores migrantes na grande São Paulo. Talvez, o apelo de Jatobá seja muito mais o de “não venham” do que o “voltem”.

Com discursos diferentes e espaços também diferentes, Jatobá e Richard Sennett compartilham da temática do trabalho como ponto de preocupação e crítica. Dentro de uma sociedade industrial e consumista estadunidense da década de 1970, Sennett (2006), partindo fundamentalmente da Sociologia, localizou uma “narrativa linear” nos trabalhadores pertencentes às classes sociais mais baixas: faxineiro, costureiras e padeiros. Com uma vida adaptada, marcadamente rotineira e com

⁴⁴ Há também os saudosismos que alimentam ideias, valores, princípios e costumes não aceitos mais na sociedade. Ressalta-se, não é este tipo de saudosismo em questão na presente pesquisa.

poucas chances de mobilidade social, esses trabalhadores ainda sim davam mais sentidos a suas vidas na “narrativa linear”. No Capitalismo mais atual, para Sennett, outras ideias e propostas surgem: o “trabalho flexível”.

O ataque à rotina presente na “narrativa linear” é o ponto chave da ideologia do “trabalho flexível”. Sennett parte de uma discussão (Denis Diderot e Adam Smith) acerca da rotina para mostrar que tanto antes quanto atualmente, para os defensores do Capitalismo aos moldes do *laissez-faire*, a rotina deve ser combatida moral e economicamente. A defesa da rotina, que possibilitava o controle maior do todo da produção e desenvolvimento humano na ótica de Diderot, não acompanhou as consequências nocivas que o trabalho fabril trouxe ao trabalhador, principalmente após as formulações de Adam Smith. Este último via na rotina uma baixa produtividade e degradação moral, propondo com isso a especialização das tarefas desenvolvidas na fábrica. Contudo, foi a suposta solução do problema da rotina (a especialização levada às extremas) que acabou gerando ainda mais rotina para o trabalhador: apertar parafusos, apertar botões, tirar e colocar chapas na prensa. Atualmente, outra falsa solução é evocada para acabar com a rotina: a ideologia do “trabalho flexível” que vem para maximizar os lucros e dificultar ainda mais possíveis laços de solidariedade entre os trabalhadores (SENNETT, 2006).

Embora apresente um aparente ganho de autonomia para os trabalhadores, o “trabalho flexível” coloca-os de forma ainda mais subjugada e descartável no mercado de trabalho. Os discursos mobilizados para defender o “trabalho flexível” apelam fortemente ao típico individualismo necessário à ordem capitalista: “trabalhe em casa”, “aumente sua renda”, “seja autônomo”, “inove-se profissionalmente”, “escolha onde quer trabalhar”, “não perca tempo”. A rotina, dissociada do coletivo, passa a ser vista como acomodação. Talvez, uma nova interpretação da ética do trabalho esteja em questão na ideologia do “trabalho flexível”.

Partindo-se de algumas reflexões de Sennett, há de se destacar que em Jatobá o trabalhador não adaptado em São Paulo é mais complexo em relação à “narrativa linear”. No primeiro caso, o estadunidense, a “narrativa linear” acontecia mergulhada na sociedade industrial e consumista, ou seja, com trabalhadores já inseridos nessa sociedade. No segundo caso, o de Jatobá, a “narrativa linear” não existe para o trabalhador migrante da grande São Paulo. Se muito, o que há são narrativas que se fragmentam ao longo da vida das personagens ou a desgraça do trabalhador migrante como grande narrativa. Frente a isso, as personagens de

Jatobá começam com um forte apelo saudosista do local de origem ou do começo da vida em São Paulo em que ainda não sabiam que as expectativas e sonhos não dariam certo. Jatobá apresenta ora as lembranças enaltecidas do lugar de origem (“O pano vermelho”), ora as reflexões e críticas na cidade grande (todos os contos). Os comparativos que daí surgem reforçam o lugar de origem como sendo melhor que o lugar de destino: a cidade grande.

Contudo, ressalta-se que esse saudosismo não mascara as condições que também existem no lugar de origem. Por que migrar a grande São Paulo?

As várias respostas possíveis não aparecem com todas as letras em *Crônicas da vida operária* porque o discurso de Jatobá é outro, parte do indivíduo particularizado. A ênfase em personagens que alimentam expectativas e sonhos de ir à procura de uma vida melhor na grande São Paulo pode ser entendida como a maneira que Jatobá encontrou para criticar o lugar de origem a partir do próprio trabalhador. As regiões que Jatobá constantemente se refere são o sertão da Bahia e o norte de Minas Gerais que até hoje sofrem com o baixo desenvolvimento, seja o social ou o econômico.

Mas também não há como se defender que os motivos de migração a São Paulo são apenas econômicos. No conto “A mão esquerda”, o fascínio pela técnica moderna é muito mais destacado que a procura de uma vida melhor em termos de condições materiais. O universo simbólico de Natanael, alimentado por diversos discursos enaltecidos e mitológicos acerca da cidade grande, é recorrente nesse conto. A escolha de ir a São Paulo não é uma atitude espontânea, uma espécie de sede pelo novo. Natanael, jovem e ferreiro de profissão, alimenta toda uma expectativa em relação à cidade grande porque há também discursos desenvolvimentistas em circulação tanto em São Paulo quanto nas regiões abandonadas do nordeste. E esse papel da esfera discursiva, associado a circunstâncias de abandono e pobreza, foi usado para atrair mão-de-obra barata para os grandes centros urbanos. Aqui os discursos quase mitificados e edulcorados sobre as cidades grandes são criticados, pois Natanael vem para São Paulo seduzido pelos discursos, mas encontra a decepção, visto que não há referência para aqueles discursos. A narrativa de Jatobá não é simplista e didática, apresentando em detalhes a realidade adversa de São Paulo, mas o faz a partir dos sonhos despedaçados da personagem em confronto com a realidade. Deste modo, a relação entre saudosismo e crítica fica mais complexa e ao mesmo tempo mais

próxima da realidade do trabalhador. São espaços e tempos refletidos pelas personagens em circunstâncias que variam conforme a vida operária vai acontecendo no dia-a-dia e no passar dos anos. Diferentemente das análises de Sennett, o trabalhador de Jatobá vive uma rotina em trabalhos diferentes.

O vigilante do conto “Alojamento” não alimenta saudades do lugar de origem. Suas saudades dizem respeito ao tempo que ele, vigia, chegou a São Paulo e que provavelmente alimentava o sonho de uma vida melhor. Dizem respeito também a seus iguais que chegam aos montes em São Paulo: “No começo do alojamento, dois anos se foram, quando se podia ainda contar os homens que viviam aqui, quando não havia esse barulho que espanta a tristeza de agora, de manhã, toda manhã, tinha Doralina” (JATOBÁ, 1979, p.29). Os trabalhadores que enchem o alojamento são migrantes como o narrador, só que na etapa da chegada em que os trabalhos disponíveis são os de abrir valeta, limpar bueiro, quebrar o asfalto. O vigia, que já está há anos em São Paulo, provavelmente passou por essa etapa que é o começo do sonho de uma vida melhor e ao mesmo tempo a submissão às condições mais precárias de uma vida operária: trabalhar de “suar o chocalho”, andar em carrocerias de caminhão, dormir em alojamentos insalubres. O saudosismo do vigia é um alerta aos que virão, um relato de toda uma vida operária carregada de trabalhos árduos. Ser vigia é, talvez, uma melhora de condição, mas só depois de trabalhar no pesado, depois de “cansar metade das forças”.

No conto “O pano vermelho”, o saudosismo não vem no sentido de somente enaltecer o lugar de origem, mas também para expor cronologicamente a desgraça da família do migrante na periferia de São Paulo. Voltar não adianta, mas ficar em São Paulo não corresponde às expectativas e sonhos do migrante que veio à procura de uma vida melhor. Assim, o saudosismo do narrador vai colocando, no sentido de criticar a vida operária, quais foram suas conquistas e perdas na grande São Paulo: uma casa simples, uma televisão, uma bicicleta e um bar como conquistas; a morte de vários filhos, a morte da esposa e o sumiço da filha como perdas. O discurso literário de Jatobá não precisa dizer que o operário é privado de bens materiais, e por isso não se enquadra na sociedade consumista. Basta Jatobá colocar quais são as possibilidades concretas de conquistas materiais para esse trabalhador.

Mesmo sendo um ponto de vista particularizado da literatura, o discurso de Jatobá consegue se valer do saudosismo não necessariamente para defender a

volta (suas personagens, exceto Natanael, não voltam ao lugar de origem) do trabalhador, e sim para mostrar o estrago material e subjetivo que a vida operária faz ao migrante. Não há narrativas lineares para o migrante, e sim uma sucessiva de narrativas fragmentadas. Contudo, é nessas condições adversas que as personagens de Jatobá podem atingir uma atitude reflexiva que as emancipem. Se o conjunto de atitudes reflexivas do operário construído artisticamente por Jatobá desembocará em uma transformação social aí é uma outra questão que a presente pesquisa não visa a responder. Entretanto, em sendo mais um discurso crítico acerca do trabalho e do trabalhador, acredita-se aqui *Crônicas da vida operária* é muito mais um ponto de reflexão do que a saída para um problema ainda recorrente: a “vida operária” que ainda existe nas grandes cidades.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da presente pesquisa compartilha da importância que o trabalho e a linguagem têm na vida humana. O trabalho – refere-se aqui ao trabalho ontológico, e não ao trabalho assalariado ou a outras formas desumanas de trabalho – é tão importante quanto a reflexão que se pode ter antes, durante e depois do trabalho. A presente pesquisa, no campo que diz respeito ao trabalho, tentou mostrar como que as construções discursivas do trabalho (centralidade ontológica que parte de Marx, Engels e Lukács e ideologia burguesa do trabalho) oferecem exemplos de visões de mundo que, em alguns pontos, compartilham de premissas comuns, porém, por motivos opostos. A ideologia burguesa do trabalho não defende explicitamente uma centralidade a partir do trabalho, o chamado “salto ontológico”. O que se tem é uma defesa do trabalho – na sua forma assalariada e abstrata – capaz de explicar o que é a sociedade e o homem no sentido de justificar a mesma sociedade capitalista que se vale da ideologia burguesa do trabalho. Deste modo, em vez de se ter um “salto ontológico” que diferencia o ser social de outras esferas ontológicas (a biológica e a inorgânica), a ideologia burguesa do trabalho apresenta um “salto empreendedor” do trabalhador na era capitalista: é propenso ao lucro, à competição, à propriedade privada e ao trabalho disciplinar da indústria.

Carregado de generalizações e abstrações, esses discursos sobre o *trabalho* da ideologia burguesa em questão vão no sentido de construir uma certa “centralidade” do trabalho na vida do ser humano. Ir contra essa centralidade, ou seja, o ato de não trabalhar ou não se submeter à exploração, passa a ser um comportamento patológico, um desvio de conduta ou um defeito moral (vadio, criatura, perigoso) que vai contra os interesses coletivos da sociedade. Resumindo, uma forma particular e histórica de conceber o trabalho e a sociedade se utiliza de diversos discursos positivos do trabalho (“o trabalho é um direito de todos”, “o trabalho dignifica”, “o trabalho evolui a espécie”, “o trabalho é inerente ao homem, portanto, todos devem trabalhar”, “o trabalho é uma dívida com a sociedade”) para justificar seus diversos mecanismos e consequências negativos. Esses discursos mencionados, embora já estejam cristalizados na superestrutura, ainda assim se

embatem na “ideologia do cotidiano” com outros discursos. Não raro, algumas características da ideologia burguesa do trabalho podem ser reivindicadas por alguns setores da classe trabalhadora: apego ao trabalho assalariado como dignificador; competição entre iguais; participação nos lucros, ou seja, na “mais-valia”; defesa da propriedade privada; crença na meritocracia.

Já a centralidade ontológica do trabalho é uma explicação do que somos ao longo da história e ao mesmo tempo uma denúncia e combate à forma assalariada do trabalho e do Capitalismo. Nessa concepção, o “salto ontológico” não vem apenas para enfatizar que o trabalho é essencial ao homem, solicitado em todo e qualquer tempo histórico, mas também para uma transformação social que parte das condições degradantes do Capitalismo e de sua forma assalariada rumo a outra sociedade que terá uma concepção de homem e trabalho emancipada. Ao contrário da ideologia burguesa do trabalho, nessa concepção há um sujeito coletivo responsável pela revolução. Assim, a positividade do trabalho, dentro da centralidade ontológica do trabalho, não se encontra plenamente no Capitalismo tal como a ideologia burguesa do trabalho defende, e sim após a destruição da relação contraditória entre trabalho e capital, ou seja, da lógica capitalista. Entretanto, há de se destacar que a centralidade ontológica é atingida pelas interações da “ideologia do cotidiano” assim como a ideologia burguesa do trabalho também o é. Por mais que se possa arriscar e dizer que a defesa da centralidade ontológica não é corriqueira na vida concreta dos indivíduos, disso não se conclui que a culpa é da “ideologia do cotidiano” que só reproduz e dá espaço a discursos oficiais. A linguagem não é neutra, os embates continuam, alguns discursos ainda menores podem ganhar espaço.

A linguagem, na presente pesquisa, não ocupa um papel secundário, ela vai além da descrição “objetiva” de uma dada condição material. A linguagem é constituinte do ser social assim como o trabalho. A formação da consciência a partir de uma perspectiva sócio-linguística é uma explicação que questiona diversos mitos ainda circulantes na sociedade, por exemplo, a ideia do gênio, do “dom”, a crença no *homo faber*, na verdade única, a defesa da meritocracia e do “consumo cidadão”. Entendidos como discursos que atendem a interesses determinados social e historicamente, esses mitos tendem a ficar mais escondidos quanto mais eles forem reduzidos a simples emanção das contradições materiais, com pouca ou nenhuma mediação da linguagem. É provável, às vezes, que um discurso dominante e

poderoso (a ideologia burguesa do trabalho e a ideologia do consumo, por exemplo) só consiga atingir tal potência porque nele há elementos de outros discursos contrários que dificilmente são percebidos a um primeiro momento. Uma abordagem crítica que venha no sentido de primeiro se preocupar com os discursos e depois desmontá-los pode contribuir para uma tomada de posição prática e reflexiva.

Crônicas da vida operária. A construção de ideias e valores é mediada pela linguagem, e esta pode se manifestar de diversas maneiras. Por diversos motivos se escreve algo. Existem diversos tipos de Literatura. A importância do discurso literário aqui analisado não se resume a mais um ponto de vista sobre um fenômeno acontecido em diversas metrópoles brasileiras, principalmente na grande São Paulo. Mais que isso, o discurso ficcional em questão – de Roniwalter Jatobá – depara-se com trajetórias de vida complexas, com sonhos e frustrações individuais que não se dissociam de uma consciência maior e coletiva localizada no lugar de origem, ou seja, na cidade pequena. Todavia, esse trabalhador, além de possuir muitas similitudes entre si de vidas anteriores à sua vinda para São Paulo, também adquire uma consciência de classe na atividade laboral dentro das fábricas, das empresas em que atua, dentro dos trens, pelas ruas, nas festas domingueiras.

O próprio título da obra *Crônicas da vida operária* já aponta para essas similitudes, pois são vidas operárias dadas no dia-a-dia, ou seja, nas “ideologias do cotidiano”. São muitas vidas particularizadas e narradas, mas há um princípio de generalização dado na expressão que as une, ou seja, *Crônicas da vida operária*. Porém, o título não abarca toda a condição descrita, pois os personagens são trabalhadores e operários, mas também artesãos advindos de pequenas comunidades rurais, trazendo toda uma experiência anterior à fábrica e à cidade grande. Esses trabalhadores são sujeitos dentro da classe, mas as críticas a si próprias das personagens é o momento maior em que o autor reforça ainda mais sua visão de mundo acerca do trabalho e do trabalhador na grande São Paulo. Possuir uma visão de mundo que coloca em xeque a realidade do trabalhador migrante na grande São Paulo é também uma crítica à sociedade capitalista e consumista que cada vez mais trouxe para dentro da ordem reivindicações e lutas políticas do operariado.

Na grande São Paulo das décadas de 1960 e 1970 já imperava a sociedade industrial e consumista que cada vez mais precisava de mão-de-obra barata. Os fenômenos de migração e proletarização, principalmente envolvendo trabalhadores

nordestinos, contam com diversos discursos acadêmicos que os explicam (FONTES, 2004; NEGRO, 2004). Pode-se pensar também em outros discursos que alimentam um imaginário positivo do trabalhador migrante, por exemplo, o televisivo, o jornalístico e o de ideólogos diversos. Nesse último caso, a exploração do trabalhador migrante tende a ser transformada em contribuição ao “desenvolvimento” das grandes cidades, da nação, do “povo”. Destaca-se aqui que eufemismos e generalizações vagas são usos da linguagem bem conhecidos por aqueles que temem a materialidade do ato discursivo.

Contrárias às visões enaltecidas acerca do trabalhador migrante na cidade grande, as construções discursivas do trabalho e do trabalhador em Roniwalter Jatobá fecham uma visão de mundo que não acredita que o trabalhador possa ser incorporado positivamente à sociedade industrial e consumista. E para isso, Jatobá não explora apenas as relações de trabalho, e sim a vida concreta do trabalhador, seja fora ou dentro do trabalho, seja no plano subjetivo. Desse modo, Jatobá acaba se aproximando mais da “ideologia do cotidiano”, e isso o faz atentar-se para questões que dificilmente são abordadas dentro de uma perspectiva de classe, com sujeitos coletivos: o que é a experiência laboral fracassada para esse trabalhador migrante?

A individualidade que aparece na construção artístico-literária de Jatobá é um outro ponto de vista que além de crítico é também uma possibilidade de emancipação que aposta no pensamento reflexivo desse trabalhador: esse pensamento reflexivo lida com choques de realidade, com situações de estranhamento e questionamento na cidade grande e com uma consciência coletiva alimentada fundamentalmente por experiências do lugar de origem não degradado pelo Capitalismo industrial-urbano. A adaptação do trabalhador de forma competente ao trabalho e a sindicalização, reivindicando “uma revolução dentro da ordem”, conquistando melhores condições de trabalho dentro do capital, não é o foco de Jatobá. O autor narra a saga do trabalhador inadaptado. O escritor não vê saída na adaptação. Jatobá veio do mesmo meio de seus personagens, talvez com sonhos parecidos. Não se adaptou ao mercado de trabalho, não adquiriu uma consciência técnica e instrumental que lhe possibilitasse se adaptar competentemente. Saiu desse meio, foi para o Jornalismo e para as Letras. Essa condição o fez perceber o encarceramento da adaptação. Talvez, Jatobá deseje para todo trabalhador uma sina parecida com a sua, a da reflexão e da libertação da fábrica e por isso dota

suas personagens de poder de reflexão e linguagem. Não são mecanismos para a fábrica.

Essa narrativa que se distancia do trabalhador adaptado vai parcialmente ao encontro de autores aqui já citados como André Gorz e Herbert Marcuse que escrevem quase na mesma época sobre o operário adaptado ao sistema. Salvaguardadas as diferenças, tanto Jatobá quanto esses autores se aproximam no sentido de não se entusiasmarem com ganhos trabalhistas dentro do sistema capitalista. A saída para o trabalhador, em Jatobá, é vista em outra chave: a tomada de consciência de si mesmo por parte do trabalhador. E essa tomada de consciência, nos contos, não aparece dissociada de todo um contexto que é social e político, compartilhado por outros trabalhadores semelhantes.

Mas tratar da “vida operária” a partir de um ponto de vista particular e ficcional pode ser entendido por outros discursos mais oficiais como uma maneira individualista e superficial que foge de questões sociais maiores? E a saída para isso, dentro do discurso oficial também, pode ser uma literatura reflexo que mostre objetivamente ao trabalhador aquilo que ele é ou deve ser? Distante de tais reducionismos vê-se que o discurso literário pode lançar uma luz crítica que ilumine outros pontos de vista ainda não abordados que envolvem o trabalho e o trabalhador na Literatura Brasileira. Roniwalter Jatobá dialogou com o seu contexto próximo e também com outros de longuíssima duração para construir sua visão de mundo e, segundo suas palavras, deixou um testemunho da vida operária “miúda”, do rés do chão. De fato, deixou seu testemunho, criou discursos que complexificam ainda mais as relações de trabalho dentro e fora da fábrica.

Sendo assim, acredita-se aqui que o discurso literário de *Crônicas da vida operária* tem o seu compromisso social e político ao criticar o fenômeno bastante estudado que é a intensificação da mão-de-obra nordestina na industrialização da maior e mais rica cidade do país – São Paulo. Os discursos atuais e dominantes (referem-se aqui aos midiáticos que já foram mencionados brevemente na introdução) não excluem a participação da população nordestina no crescimento e desenvolvimento da grande São Paulo. Sofisticada e ideologicamente, esses discursos partem de abstrações (“povo nordestino”) sem coordenadas materiais e de classe social e ainda alimentam, desde que não seja em época de eleição⁴⁵, mitos

⁴⁵ Mencionam-se aqui os discursos de ódio proferidos contra o nordeste e os nordestinos, principalmente nas redes sociais, durante a campanha presidencial de 2014. No caso de São Paulo,

aos moldes da ideologia burguesa do trabalho: “o nordestino é forte, tem vocação para o trabalho”; “somente um trabalho pode dar dignidade e perspectivas aos migrantes que chegam aos montes”; “o nordeste não cresce tanto porque lá não há oportunidades”. Talvez, uma crítica que leve em conta os diversos discursos sobre o trabalho (científico, literário, midiático, corriqueiros do dia-a-dia.) possibilite uma saída do cárcere da “racionalidade econômica” ou da lógica do capital.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 3. ed. São Paulo: UNESP: Hucitec, 1993. 439p.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 476p.

BAKHTIN, M. M; VOLOSHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004. 196p.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. 341p.

BODEI, Remo. **A história tem um sentido?** Bauru, SP: EDUSC, 2001. 126p.

CARDOSO, Ciro Flamarion. S.; MALERBA, Jurandir. (Org.). **Representações: contribuição a um debate transdisciplinar**. 1. ed. Campinas: Papirus, 2000. 288p.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque***. 3. ed. São Paulo: Unicamp, 2012. 367p.

DE DECCA, Edgar Salvadori. **O nascimento das fábricas**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DURKHEIM, Emile. **Da divisão do trabalho social**. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 1999. 483p.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra: segundo as observações do autor e fontes autênticas**. São Paulo: Boitempo, 2008. 383p.

ENGELS, Friedrich. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. In: ANTUNES, Ricardo (org.). **A dialética do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 160p.

FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social: (1890-1920)**. São Paulo: DIFEL, 1976. 283p.

GONÇALVES, Arnaldo. **As estruturas sindicais brasileiras** (pp. 127-131): In: DEL ROIO, José Luiz. **Trabalhadores no Brasil: imigração e industrialização**. São Paulo: Ícone, 1990. 156p.

FANINI, A. M. R. SANTOS, A. C. **Trabalho artesanal e trabalho industrial como elementos de sociabilidade, subjetividade e tragédia em A mão esquerda de Roniwalter Jatobá**. Estudos de Literatura Contemporânea, v. 42, p. 197-208, 2013.

FONTANA, Josep. **História: análise do passado e projeto social**. Bauru, SP: EDUSC, 1998. 398p.

FONTES, Paulo. **Migração nordestina e experiências operárias. São Miguel Paulista nos anos 50**. In: Cláudio Batalha; Fernando Teixeira da Silva; Alexandre Fortes. (Org.). **Culturas de Classe. Identidade e Diversidade na Formação do Operariado**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2004, pp.363-402.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 158p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 44. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013. 143p.

GORZ, André. **Metamorfose do trabalho: crítica da razão econômica**. São Paulo: Annablume, 2007. 248p.

HABERMAS, Jurgen. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1990, 2 ed. 247p.

HOBBSAWM, E. J. **A era das revoluções: Europa 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 366p.

HOBBSAWM, E. J. [et al.]. **História do marxismo: o marxismo no tempo de Marx**. Vol. 01. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 443p.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. 366p.

JATOBÁ, Roniwalter. **Crônicas da vida operária**. São Paulo: Círculo do Livro, 1979. 182p.

JATOBÁ, Roniwalter. **Sabor de Química: crônicas nordestinas**. São Paulo: Global editora, 1981.

JATOBÁ, Roniwalter. **Sabor de Química**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991. 182p.

JATOBÁ, Roniwalter (Org.). **Trabalhadores do Brasil: histórias cotidianas do povo brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 1998. 308p.

JATOBÁ, Roniwalter. **Cheiro de chocolate e outras histórias**. São Paulo: Nova Alexandria, 2012. 145p.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. 1980. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/lafargue/1883/preg/index.htm>. Acesso em 20/04/2013.

LESSA, Sérgio. **Para compreender a ontologia de Lukács**. 3. Ed. rev. e ampliada. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012, 240p. (Coleção filosofia; 19).

LINHARES, Hermínio. **Contribuição e história das lutas operárias no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

LUKÁCS, G. **O jovem Marx e outros escritos de filosofia**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. (Pensamento Crítico; v. 9). 256p.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social, 1**. São Paulo: Boitempo, 2012. 440p.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social, 2**. São Paulo: Boitempo, 2013. 845p.

LUKÁCS, G. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível**. São Paulo: Boitempo, 2010. 414p.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. Rio

de Janeiro: Zahar. 1979. 238p.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 3. Ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007. 119p.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010. 191p.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013. 894p.

MATTOS, M. B. (Org.); COSTA, Branno Hocherman (Org.) [et al.]. **Trabalhadores em greve, polícia em guarda. Greves e repressão policial na formação da classe trabalhadora carioca**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bom Texto / Faperj, 2004. v. 1. 199p.

MATTOS, M.B. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil**. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. 160p.

MATTOS, M. B. **Reorganizando em meio ao refluxo: ensaios de intervenção sobre a classe trabalhadora no Brasil**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2009. 232p.

MATTOS, M. B. **Escravidados e livres: experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008. v. 1. 239p.

NEGRO, A. L. **Zé Brasil Foi Ser Peão. Sobre A Dignidade do Trabalhador Não-Qualificado na Fábrica Automobilística**. In: Batalha, Cláudio; Fortes, Alexandre; Silva, Fernando Teixeira da. (Org.). **Culturas de Classe. Identidade e Diversidade na Formação do Operariado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p. 403-435.

REMOND, Rene. **O século XIX: 1815-1914**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1997. 207p.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**. 11. ed. Rio de Janeiro (RJ); São Paulo (SP): Record, 2006. 204p.

SMITH, Barbara Herrnstein. **Crença e resistência: a dinâmica da controvérsia intelectual contemporânea**. São Paulo: UNESP, 2002. 302p.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria, ou, um planetário de erros:** uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. 231p.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operaria inglesa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. 3v.